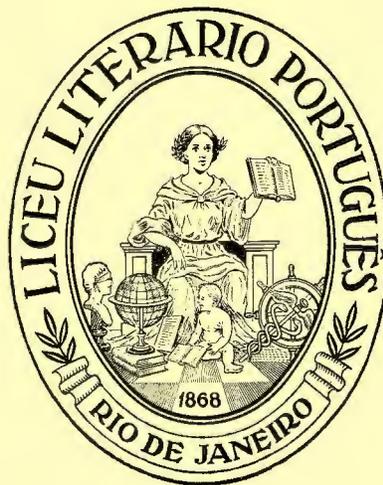


CONFLUÊNCIA

REVISTA DO INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA

“Per multiplum ad unum”



Nº 6 - 2º semestre de 1993 - Rio de Janeiro

CONFLUÊNCIA

"Per multiplum ad unum"

*"As armas e padrões portugueses
postos em África, e em Ásia, e em
tantas mil ilhas fora da repartiçam
das três partes da terra, materiaes
sam, e pode-as o tempo gastar: pero
nã gastará doutrina, costumes,
linguagem, que os portugueses
nestas terras leixaram."*

*(João de Barros, Diálogo em louvor
da nossa linguagem)*



CONFLUÊNCIA

REVISTA
DO
INSTITUTO DE LÍNGUA PORTUGUESA
DO
LICEU LITERÁRIO PORTUGUÊS

DIRETORIA DO I.L.P.

Antônio Gomes da Costa (Presidente)
Sílvio Elia (Vice-Presidente)
Gladstone Chaves de Melo
Maximiano de Carvalho e Silva
Evanildo Bechara
Antônio Basílio Rodrigues

CONFLUÊNCIA

Diretor: Evanildo Bechara
Comissão de Redação:
Sílvio Elia
Gladstone Chaves de Melo
Maximiano de Carvalho e Silva
Antônio Basílio Rodrigues

Produção Gráfica
Editora Lucerna Ltda

Pede-se permuta
Pídese canje
On demande l'échange
Si chiede lo scambio
We ask for exchange
Man bitte um Austausch

Endereço para correspondência:
Liceu Literário Português
Rua Senador Dantas, 118
CEP 20031-201 - Rio de Janeiro - RJ
Brasil

A matéria da colaboração assinada é da responsabilidade dos autores.

Este número de *CONFLUÊNCIA* contou com o apoio especial da SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA DE PORTUGAL, DA FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUESAS E LUSO-BRASILEIRAS E DA TAP – AIR PORTUGAL.

SUMÁRIO

	Pág.
Editorial (Dr. Antônio Gomes da Costa)	5
Homenagem a Manuel de Paiva Boléo	9
Bibliografia lingüístico-filológica de Paiva Boléo	13
 ARTIGOS	
O reino da estupidez <i>Olmar Guterres da Silveira</i>	47
Regularidade e irregularidade nos versos de J. Rodrigues <i>Ramon Quintela Torreira</i>	61
Garvaya: da cantiga à busca de testemunhos <i>Marcia Gamboa</i>	79
O termo anexim na <i>Feira dos Anexins</i> de F. Manuel de Melo <i>Marlit Bechara</i>	87
 TRANSCRIÇÕES	 97
 REGISTRO BIBLIOGRÁFICO	 99
 RESENHAS CRÍTICAS	
<i>Manuel Simões</i> . Il Canzoniere di D. Pedro, Conte di Barcelos (Sílvio Elia)	101
<i>Elsa Gonçalves</i> . Poesia de Rei: três notas dionisinas (Sílvio Elia)	105
 NOTICIÁRIO	 113
 COLABORADORES DESTE NÚMERO	 117

EDITORIAL

LICEU, 5 BODAS DE PRATA

Vimos comemorar os 125 anos de fundação do Liceu Literário Português. E o normal seria que aproveitássemos a efeméride para recordar as páginas mais fascinantes da sua história; para lembrar os homens que serviram e tornaram grande esta Instituição; para descrever as vicissitudes por que passou desde 1868; os êxitos e as iniciativas que lhe deram fama e glória, o magistério que acolheu sempre com o objetivo da benemerência e da devoção patriótica.

O Liceu merecia, ao completar os 125 anos, que fizéssemos uma densa retrospectiva do seu passado; que mencionássemos nomes e datas; que fôssemos buscar pergaminhos e assentamentos para dizer e justificar que o Imperador D. Pedro II vinha assistir às aulas de Náutica e que milhares e milhares de alunos passaram por suas salas, para aprender a ler ou para melhorar o nível de sua instrução.

O Liceu merecia, ao completar um século e mais uma quarta parte de outro, que traçássemos o perfil de seus grandes homens, desde o Conde do Alto Mearim – José João Martins de Pinho, a quem se deve a compra do solar da família Nery de Carvalho, no Largo da Prainha, em 1884, no mesmo local onde está construído, hoje, o Edifício de “A Noite”, ao Com. José da Silva Rainho, responsável pela construção desta sede, de 1934 a 1938, vencendo dificuldades e desafios incalculáveis; de um Afrânio Peixoto a um Pedro Calmon; de um Faustino Figueiredo de Sá e Gama, modesto operário relojoeiro que salvou o Liceu da hecatombe provocada pela falência do Banco da República em 1898, a um Com. José Gomes Lopes, seu incansável tesoureiro e benfeitor; de um Adalberto José Pizarro Loureiro a um Dr. Francisco Marques Pinheiro, que um ano depois de sua fundação criou as “aulas noturnas para ensinar o povo”, para usarmos as suas próprias palavras.

O Liceu merecia neste 10 de setembro que extraíssemos dos livros de atas, dos livros de matrículas, dos livros de ouro, como garimpeiros da festa, trechos e números e registros que enobrecem o seu passado. Merecia que disséssemos, por exemplo, que em 1870, com 2 anos de existência, tinha 94 alunos matriculados e que 14 anos depois, em 1884, a frequência escolar já era de 1113 alunos; que em 10 de setembro de 1938, em sessão presidida pelo Ministro Oswaldo Aranha, das Relações Exteriores, foi inaugurado este novo Edifício – 6 anos após o incêndio que destruiu a sede anterior; que em 5 de julho de 1943 foi criado o “Instituto de Estudos Portugueses”, quando Afrânio Peixoto, declarou que esta Casa é uma das Instituições com que se afirma pelo mundo o gênio português; que em 1990 foi criado o Instituto

de Língua Portuguesa e em 1992 o Instituto Luso-Brasileiro de História; que desde a Arte Náutica à Arte de dizer, das primeiras letras aos cursos de pós-graduação, da Contabilidade ao Grego, da Literatura à Antropologia, tudo se ensinou nesta Casa. Deus Louvado!

No entanto e até porque de todos já é mais ou menos conhecida a história do Liceu, resolvemos falar, neste fim de tarde, do seu futuro. E começaríamos por citar o Padre Antônio Vieira que também escreveu a “História do Futuro – Esperanças de Portugal – 5º Império do Mundo”. Dizia o célebre jesuíta nessa obra que as outras histórias contam as coisas passadas, esta promete dizer as que estão por vir; as outras trazem à memória aqueles sucessos públicos que viu o mundo, esta intenta manifestar ao mundo aqueles segredos ocultos em que não chega a penetrar o nosso entendimento.

No final da década de 50, o secretário-geral Cândido de Oliveira, brilhante jornalista e dedicado colaborador do Liceu, escreveu um livro sobre a sua história e dividiu-a em “Três Épocas”. A primeira, marcada pela aquisição da sede-própria na Prainha; a segunda, pela recuperação financeira promovida pelo Presidente Sá e Gama; a terceira, pela construção da sede atual, sonho concretizado pelo Presidente José Rainho da Silva Carneiro e pelo período subsequente em que uma plêiade de homens de grande prestígio intelectual colocou bem alto o nome desta instituição.

Gostaríamos de marcar, seguindo o molde de Cândido de Oliveira, o início da década de 90 como um novo ciclo no historial do Liceu – a 4ª época. De um lado, porque é a partir daí que se arranca com um processo de reformas na sua parte física e administrativa, visando revitalizar a estrutura operacional e reverter um processo de esgotamento que poderia colocar em risco, mais cedo ou mais tarde, o seu patrimônio; do outro, porque com a criação de dois novos Institutos e com uma nova dinâmica, o Liceu passou a ocupar espaços de vanguarda e reassumiu, outra vez, o seu lugar na linha de frente do universo cultural luso-brasileiro.

O que faz hoje o Liceu? Respondemos rapidamente à pergunta dizendo que ele mantém, como é de sua tradição, os cursos noturnos gratuitos – do 1º e do 2º grau, com um corpo docente, instalações e equipamentos mais atualizados; que desenvolve as atividades multidisciplinares dos Institutos de Cultura Portuguesa Afrânio Peixoto e de Língua Portuguesa; que se prepara para atuar no plano da pesquisa e da prospecção do passado através do Instituto Luso-Brasileiro de História, recentemente instalado; que edita a Revista *Confluência* e, em conjunto com outras Instituições, participa de um sem número de iniciativas de natureza cultural, artística e científica. Dá-nos gosto ver o movimento, o “novo tempo”, a fecundidade e o foco de luz que se espalha desta Casa.

Mas, certamente, estamos no começo das grandes reformas que são necessárias para nos prepararmos para o próximo milênio. E em termos de Liceu essas reformas, em nossa concepção, que coincide com a de seu Presidente, Dr. Edison Chini, e de seus Companheiros de Diretoria, bem como com o pensamento do presidente do Conselho Deliberativo, Com. Artur dos Santos Pereira, abrangem duas

grandes vertentes. A primeira de carácter estrutural, que consiste em pormos em prática a idéia de se arrumarem os patrimônios de algumas instituições, dentro de uma nova engenharia jurídica, para que no futuro não só se mantenham formados, como também possam ser geridos e aplicados em função dos grandes projetos de interesse da comunidade Luso-Brasileira. Dito por outras palavras: se temos hoje 4 ou 5 instituições que, por força do entrosamento dos homens que as dirigem, estão comprometidas com alguns programas comuns, na área da cultura e do ensino, da assistência e da filantropia, é preciso adequarmos o seu formato e ajustarmos as suas peças para que amanhã, quando já forem outros a dirigi-las, elas continuem fiéis à mesma portugalidade e à mesma vocação. O Liceu Literário Português, a Caixa de Socorros D. Pedro V, o Real Gabinete Português de Leitura, a Obra Portuguesa de Assistência e o Centro Luso-Brasileiro de Cultura são entidades que a esta altura, tendem a formar uma grande força no mapa associativo luso-brasileiro: num dos braços vai estar o universo da cultura e do conhecimento; noutro, a assistência sob as diversas tonalidades – acolhimento à terceira idade, concessão de bolsas de estudos, magistério, apoio à pesquisa e assim por diante. Esta idéia foi lançada quando a Caixa de Socorros D. Pedro V completou precisamente 125 anos; hoje repetimo-la, quando o Liceu celebra a mesma idade. Durante este período fez-se uma experiência, através dos homens, que está dando certo; amanhã, temos de a formalizar e consolidar, mexendo nas próprias estruturas formais das entidades envolvidas. Vamos dar um exemplo, que só não deu certo porque entrou no meio a perversidade de alguns marginais. Referimo-nos ao projeto das “Bibliotecas-Itinerantes”: de repente, vemos o Liceu adquirir um veículo transformado em biblioteca; a Caixa de Socorros D. Pedro V manda fazer as estantes e contrata o motorista e a bibliotecária; o Real Gabinete cuida dos livros; depois ainda vem o apoio da TAP e da Secretaria de Cultura de Portugal – e aí está nas praças e nas ruas, no “campus” universitário e nas cidades do subúrbio uma biblioteca-itinerante a oferecer, por empréstimo, quase a domicílio, milhares de livros portugueses. Se não fossem os ladrões, talvez hoje já tivéssemos 2 ou 3 veículos a difundir pelo Rio e pelos subúrbios os autores e as obras principais da literatura luso-brasileira. Mas o que queremos demonstrar é que na hora em que se juntaram as 3 instituições, o Liceu, a Caixa e o Real Gabinete, logo nos foi possível projetar para o futuro. Amanhã vamos fazer de novo, de mãos dadas, já agora na instalação de um espaço em que através da utilização de processos informáticos possamos atrair a juventude, com vídeos, discos-laser, som, multimídia, etc. Essa é a história do futuro? Diríamos que nem tanto, porque, como já escrevia o Padre Antônio Vieira, “esse futuro, quanto mais tempo vai correndo, tanto mais se vai ele chegando para nós. E nós para ele”.

A segunda vertente das reformas a que nos referimos é a vertente de um sonho, mas é um daqueles sonhos que sentimos palpável – e atingível. Estamos no seu limiar. Damos um passo em frente e estará ao nosso alcance o fruto maduro. Senão vejamos. Houve tempo em que esta Casa se dispôs a transformar-se numa “Universidade Popular”. Contingências várias impediram que essa aspiração do Com. José Rainho da Silva Carneiro se tornasse realidade. Depois a horizontalização do ensino superior e a proliferação de universidades públicas e privadas deixou o projeto para trás. Mas hoje, a partir do nosso Centro de Estudos Luso-Brasileiros, podemos criar rapida-

mente uma “Universidade Aberta”, para atingir espaços e setores que de outra forma não poderemos atingir. De início essa Universidade estaria voltada prioritariamente para cursos em áreas disciplinares ligadas à Língua, à História, à Arte, ao Direito, à Filosofia dos povos de expressão portuguesa e exerceria uma difusão cultural utilizando meios de ensino à distância. Hoje, os cursos do Liceu atingem por ano 1000 alunos; mas amanhã, com a utilização de metodologias próprias, poderiam atingir 100.000. Já imaginaram o que seria um aluno em Manaus receber a apostila da aula do Prof. Sílvio Elia; ou um outro em Angola receber o “disquete” com a aula de história; ou um terceiro no interior do Acre tomar conhecimento da arquitetura dos Jerônimos; ou um quarto a aprender a Lingüística do Prof. Evanildo Bechara ou tomar conhecimento dos estudos sobre o poeta Manuel Bandeira do Prof. Maximiano de Carvalho, e assim por diante, tudo isso a partir de uma ação estratégica do Liceu, com o suporte do acervo bibliográfico do Real Gabinete Português de Leitura, com materiais didáticos acessíveis aos estudantes através da colaboração de entidades como a Caixa de Socorros D. Pedro V e uma rede de centros de apoio onde as próprias associações luso-brasileiras nos Estados poderiam assegurar uma ligação que nos interessa desenvolver, já imaginaram? Já imaginaram o efeito multiplicador que seria alcançado: hoje, como o nosso trabalho, atingimos algumas centenas de professores, do Rio ou das cidades vizinhas; mas amanhã, com a Universidade Aberta, poderemos atingir o Brasil inteiro, mas não só o Brasil, também Portugal, também a África de expressão portuguesa, também as comunidades de luso-descendentes espalhadas por todo o mundo, já imaginaram?

É tudo isto história do futuro? Um pouco sim e um pouco já é a história de hoje. Como escreveu Fernando Pessoa: “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”. Façamos votos para que atuais dirigentes do Liceu – esses “administradores sem salário” como os chamou Carlos Malheiro Dias, no discurso que pronunciou quando foi lançada a pedra fundamental deste edifício – transformem todas estas aspirações em realidade e que dentro de poucos anos possamos converter esta história do futuro em história do presente – para maior glória do Liceu, da nossa comunidade, de Portugal e do Brasil.

E não se diga que somos homens apenas do sonho, pois as mãos calejadas e a obra feita depõem o nosso favor. Tanto assim que celebramos os 125 anos do Liceu sentindo as suas palpitações e a sua beleza, como se fora uma instituição menininha que se prepara para o novo milênio.

Louvando os homens do passado e cumprimentando o Presidente Edison Chini e seus Diretores, façamos votos pela grandeza do Liceu Literário Português e pelo sucesso de seus empreendimentos. Porque quanto maior for o Liceu – mais rica será a comunidade luso-brasileira.

A. Gomes da Costa

NÚMERO EM HOMENAGEM A PAIVA BOLÉO



**Manuel de Paiva Boléo
(1904 – 1992)**

PROF. DOUTOR MANUEL DE PAIVA BOLÉO

O Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português, presta, neste número, justa homenagem a um operoso trabalhador da seara filológica – o Doutor Paiva Boléo –, mestre de muitas gerações e uma das glórias maiores desse celeiro de cultura que é a Universidade de Coimbra.

Seu falecimento, ocorrido a 1 de novembro do ano passado, deixou um vazio no seio universitário português, que precisa ser preenchido pelos muitos discípulos que soube formar no correr de sua longa trajetória de professor universitário.

Em 1982 a Universidade de Coimbra homenageou-o, dedicando-lhe dois volumes da *Biblos* em sua honra; àquela ocasião, ao passar-lhe às mãos o primeiro volume proferiu a Prof^ª Doutora Maria Helena da Rocha Pereira palavras de saudação em que traceja a vida e a obra do Doutor Boléo. A felicidade com que se houve a distinta catedrática de Coimbra no perfil do homenageado, leva-nos a repetir suas palavras:

Se percorrermos a extensíssima – eu diria quase interminável – bibliografia do Prof. Paiva Boléo, dois fatos se tornam evidentes nesta vida toda consagrada ao estudo: a regularidade da sua produção, iniciada ainda quando estudante, e a preocupação de se manter atento e atualizado, tanto dentro da ciência que cultivava, como ante os problemas da sociedade em que vive.

Tendo frequentado a parte escolar do curso de Filologia Clássica e três anos do de Direito, o Doutor Paiva Boléo encontrou a sua verdadeira vocação no de Filologia Românica, em que viria a licenciar-se em 1929 e a doutorar-se em 1937. Entre um e outro acontecimentos, situa-se uma experiência decisiva para a sua formação, a estadia em Hamburgo, primeiro no "Seminar für romanische Sprachen und Kultur", com o Prof. Fritz Krüger, depois como leitor de Língua e Literatura Portuguesa na mesma Universidade. Esses seis anos puseram-no em contato privilegiado com uma forma de ensino e um culto do rigor filológico de que se tornou paladino entre nós.

Desde que foi contratado pela nossa Faculdade como professor extraordinário, em 1938, até à sua jubilação como catedrático, em 1974, contam-se por muitas centenas os alunos que lhe devem uma formação linguística que não raro deu frutos em excelentes trabalhos, que o Prof. Paiva Boléo meticolosamente orientava. De mais de cem dissertações de licenciatura que dirigiu, várias mereceram as honras da publicação e tomaram lugar de relevo no campo da Geografia Linguística, de que foi

iniciador entre nós. Não se pode deixar de mencionar-se o Inquérito Linguístico, hoje conhecido pelo seu nome, manancial riquíssimo de informações sobre os falares portugueses, que inúmeros estudiosos consultam sempre com proveito.

Participante em dezenas de congressos da especialidade em muitos países, diretor de revistas prestigiadas como o *Boletim de Filologia e Biblos*, acabaria por criar, em 1947, a *Revista Portuguesa de Filologia*, já com dezassete volumes e alguns suplementos, órgão de larga audiência entre os meios especializados.

Todos estes fatos concorreram para que o Doutor Paiva Boléo se tornasse num dos professores da Universidade de Coimbra mais conhecidos no estrangeiro. Assim se explica a pronta adesão e o entusiasmo com que foi acolhido a convite para colaborar na miscelânea de estudos em sua honra, cuja primeira parte acaba de sair. Romanistas portugueses representativos das múltiplas tendências da linguística atual, bem como estrangeiros de vários países – como a Espanha, a França, a Bélgica, a Holanda, a Itália, a Alemanha Federal, a Alemanha Democrática, a Jugoslávia, a Romênia, a União Soviética, o Brasil – todos contribuíram para que esta homenagem se transformasse numa autêntica consagração internacional, que a todos nos desvanece.

Seja-me permitido, Senhor Professor Doutor Paiva Boléo, ao fazer-lhe a entrega deste primeiro volume, exprimir-lhe o júbilo da Faculdade, por ver assim reconhecido o mérito de um dos seus mais dedicados e ilustres Mestres.

É com o mesmo júbilo e o mesmo reconhecimento que o Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português, lhe dedica **in memoriam** este número de Confluência, na certeza de que neste ato de saudade pelo mestre estão uníssonos os amigos, admiradores e discípulos do Brasil.

1 de novembro de 1993

A Direção

BIBLIOGRAFIA LINGÜÍSTICO-FILOLÓGICA
DE
MANUEL DE PAIVA BOLÉO
(até 1980)*

1928

- BATTELLI, Guido – "O simbolismo das plantas e das flores na arte cristã da Idade Média". Tradução. *Estudos*, 7, 73 (1928), p. 58-67.
- LE GENTIL, Georges – "Camões e a literatura francesa". Tradução. *Biblos*, 4 (1928), p. 193-223.
- LE GENTIL, Georges – "Ferdinand Denis, iniciador dos estudos portugueses e brasileiros". Tradução. *Biblos*, 4 (1928), p. 293-323.

1929

- "Génesse do conceito de 'tempo passado' e sua expressão nas línguas românicas". *Biblos*, 5 (1929), p. 315-340.

1931

- "Orientações da filologia românica na Alemanha e o Seminário Românico de Hamburgo". *Biblos*, 7 (1931), p. 205-255, 281-300. Sep. de 93 p., com adit.

* Abreviaturas: *Acç. Méd.* = *Acção Médica*, Lisboa. *Bol. Fil.* = *Boletim de Filologia*, Lisboa. *Bol. Gab. Port. Leit.* = *Boletim do Gabinete Português de Leitura*, Porto Alegre, Brasil. *Bol. Inst. Alem.* = *Boletim do Instituto Alemão*, Coimbra (Faculdade de Letras). *Bol. Int. Bib. Lus.-Bras.* = *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, Lisboa (Fundação Calouste Gulbenkian). *Esc. Port.* = *Escola Portuguesa*, Lisboa. *Estudos* = *Estudos*, Coimbra (C.A.D.C.). *Estudos de linguística* = MANUEL DE PAIVA BOLÉO, *Estudos de linguística portuguesa e românica*, vol. I: Dialectologia e história da língua, 2 tomos. Coimbra, Acta Universitatis Conimbricensis [Biblioteca Geral da Universidade], 1974 e 1975, XVI + 473 + 266 p. [Colectânea, com largos acrescentos no texto e nas notas, de trabalhos do Autor anteriormente publicados]. *Mens. Cas. Pov.* = *Mensário das Casas do Povo*, Lisboa. *Onoma. Bul. Inf. Bib.* = *Onoma, Bulletin d'Information et de Bibliographie*, Louvain, Bélgica. *Neu. Spr.* = *Die Neueren Sprachen*, Marburg e Frankfurt, Alemanha. *R. Fac. Let.* = *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa. *R. Port. Ser. A. Ling. Port.* = *Revista de Portugal*, Série A: Língua Portuguesa. *R.P.F.* = *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra (Faculdade de Letras). *Stud. Neoph.* = *Studia Neophilologica*, Uppsala, Suécia. *Univ. R. Cult.* = *Universitárias. Revista de Cultura*, Lisboa. *Zeit. Rom. Phil.* = *Zeitschrift für Romanische Philologie*, Halle, Alemanha.

1932

- "Das europäische und das brasilianische Portugiesisch". *Neu. Sprach*, 40, 7 (1932), p. 445-448.
- "Português europeu e português do Brasil". *Biblos*, 8 (1932), p. 641-653. Sep.
- "Portugal na Alemanha: Duas conferências em Hamburgo sobre Portugal. A língua portuguesa em Hamburgo. O Seminário de Línguas Românicas. O leitorado de português. Propaganda turística de Portugal. Propaganda cultural". *Novidades*, Lisboa, 26 e 27 Nov. 1932; *A Voz*, Lisboa, 26 e 27 Nov. 1932.
- Recensão crítica a DUNN, Joseph – *A grammar of the Portuguese language*. London, 1930. *Neu. Sprach.*, 40, 1932, p. 445-448.

1933

- "A língua portuguesa em Hamburgo. (Com um apêndice sobre os restantes leitorados da Alemanha e de outros países)". *Biblos*, 9 (1933), p. 113-127, 447-478, 689-743 il. Sep. de 144 p.
- "Curso de férias de língua e literatura portuguesas em Hamburgo". *Comércio do Porto*, Porto, 29 Abr. 1933; *Novidades*, Lisboa 29 Abr. 1933; *A Voz*, Lisboa, 29 Abr. 1933.
- "Dr. Leite de Vasconcelos e a 'Revista Lusitana'". *A Voz*, Lisboa, 11 Maio 1933.
- "O primeiro curso de férias de português [fora de Portugal]. A exposição de livros e publicações do nosso País.

1934

- "A língua portuguesa na Alemanha". *Biblos*, 10 (1934), p. 507-511.
- "Portugal na Alemanha: o 80º aniversário natalício da senhora D. Luísa Ey". *Comércio do Porto*, Porto, 15 Fev. 1934; *Novidades*, Lisboa, 17 Fev. 1934; *A Voz*, Lisboa, 17 Fev. 1934.
- EY, Luise – "Como os estrangeiros nos vêem. Um artigo da senhora D. Luísa Ey sobre a paisagem e a cultura portuguesas. Notas de uma viagem pela província do Minho". Tradução. *Comércio do Porto*, Porto, 18 Fev. 1934.
- "Portugal na Alemanha: A Srª D. Luísa Ey agradece as felicitações". *Comércio do Porto*, Porto, 7 Mar. 1934.
- "A vida científica em Portugal apreciada por um estrangeiro" [Prof. Dr. F. Krüger, da Univ. de Hamburgo]. Tradução. *A Voz*, Lisboa, 31 Mar. 1934.

1935

- "Criação do 'Centro de Cultura Portuguesa e Brasileira' da Universidade de Hamburgo". *Diário de Notícias*, Lisboa, 13 Maio 1935.
- "Expansão da língua e da literatura portuguesa no estrangeiro". *Diário de Notícias*, Lisboa, 13 Jul. 1935.
- "Língua falada, lógica e clássicos. A propósito da discussão 'Um dos que...'. In: *Cursos e conferências*. Coimbra, Biblioteca da Universidade, vol. 2 (1935), p. 77-94. Sep.
- "A metáfora na língua portuguesa corrente". *Biblos*, 11 (1935), p. 187-223. Sep.
- "Tempos e modos em português. Contribuição para o estudo da sintaxe e da estilística do verbo". *Bol. Fil.*, 3, 1-2 (1935), p. 15-36. Sep.

1936

- "Bibliografia filológica". In: CORNU, Jules – *Die portugiesische Sprache*, 1888. Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1936. Verbetes n.ºs 141-144.
- "O bucolismo de Teócrito e de Vergílio". In: *Cursos e Conferências*. Coimbra, Biblioteca da Universidade, vol. 4 (1936), p. 1-99. Sep. de 119 p., com adit.

- "Alfredo Cortês e o estudo da linguagem popular portuguesa". *Novidades*, Lisboa, 16 Jan. 1936.
- "Poesia rústico-pastoril moderna". *Novidades*, Lisboa, 15 Mar. 1936.
- "D. Luíse Ey: 18 de Fevereiro de 1854 – 17 de Maio de 1936". *Bol. Fil.*, 4, 1-2 (1936), p. 218-220.
- "A língua portuguesa na Alemanha: A obra do Centro de Cultura Portuguesa e Brasileira da Universidade de Hamburgo". (Entrevista feita por A. Costa Pimpão). *Labor*, 72 (1936), p. 572-576.

1937

- O perfeito e o pretérito em português em confronto com as outras línguas românicas*. Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1937. 130 p. Diss. Doutoramento.
- "Verlaine e o renascimento espiritualista da poesia". *Novidades*, Lisboa, 17 Out. 1937.
- "Deve pronunciar-se 'pelo' ou 'p'lo'?" *Novidades*, Lisboa, 24 Out. 1937.
- "Actualidade de Gôngora. O gongorismo e o conceitismo de ontem e de hoje". *Novidades*, Lisboa, 24 e 31 Out. 1937.
- MISTRAL, Gabriela – "A oração da mestra". Tradução. *Novidades*, Lisboa, 26 Out. 1937.
- "Que se entende geralmente por poesia? (O caso de Antero e a época moderna)". *Novidades*, Lisboa, 14 Nov. 1937.
- "Algumas características da poesia lírica portuguesa". *Novidades*, Lisboa, 21 e 28 Nov. 1937.
- "Sobre o valor psicológico do 'piropo' e do 'Witz'". *Novidades*, Lisboa, 28 Nov. 1937.
- "Os 'Lusíadas', outras epopeias e a tese 'rapsódica'". *Novidades*, Lisboa, 12 Dez. 1937.
- Recensões críticas a GIESE, W. – 1. "Portugiesisches Reitzeug am Anfange des 15. Jahrhunderts nach D. Duartes, 'Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella'", 1931. 2. "Portugiesische Waffenterminologie des 13. Jahrhunderts. Ein Beitrag zur Kunde der Mittelalterwaffen auf der Pyrenäenhalbinsel", 1933. 3. "Sobre a origem das velhas casas olhanenses", 1932. 4. "Como os mouros de Asfi grafavam o português", 1932. 5. "Notas sobre a fala dos negros em Lisboa no princípio do século XVI", 1933. 6. "Afrânio Peixoto romancista", 1932. S. 1., 1931–1933. *Zeit. Rom. Phil.*, 57, 5 (1937), p. 623-629.
- LAYTANO, Dante de – *Vocabulário dos pescadores do Rio Grande do Sul. Etimologia dos termos praieiros usados na costa do Nordeste*. Porto Alegre, 1937. *Novidades*, Lisboa, 7 Nov. 1937.

1938

- "M.^{me} de Sévigné e Luísa XIV". *Novidades*, Lisboa, 9 Jan. 1938.
- "Malherbe poeta e o conceito moderno de poesia". *Novidades*, Lisboa, 23 jan. 1938.
- "Algumas notas sobre poesia e música medievais". *Novidades*, Lisboa, 3 Jul. 1938.
- "Os bailes de sala e as danças populares". *Novidades*, Lisboa, 10 Jul. 1938.
- "Respeitemos o silêncio das florestas". *Novidades*, Lisboa, 20 Set. 1938.
- Recensões críticas a:
- BEINHAEUER, Werner – *Der spanische Nationalcharakter*. Paderborn, 1937. *Novidades*, Lisboa, 6 Mar. 1938.
- DEUTSCHMANN, Olaf – *Untersuchungen zum volkstümlichen Ausdruck der Mengenvorstellung im Romanischen*. Hamburg, 1938. *Novidades*, Lisboa, 6 Mar. 1938.
- EHRLE, Gertrud – *Leben spricht zu leben. (Wirklichkeitsbilder aus dem Alltag der Frau)*. Fribourg, 1937. *Novidades*, Lisboa, 6 Mar. 1938.
- PASCU, Giorge – "Le maïs dans les langues romanes et balkaniques". Barcelona, 1936. *Biblos*, 14, 1938, p. 513-514.

1939

- "A propósito de 'Não se há não perguntar'", *Bol. Fil.*, 6 (1939), p. 459-460.
- "Tri-centenário de Racine". *Biblos*, 15 (1939), p. 596-599.
- "Romagens literárias". *Novidades*, Lisboa, 17 Set. 1939.
- Recensões críticas a:
- BEAU, Albin Eduard – 1. "Gil Vicente na Alemanha", Coimbra, 1939; 2. "Die 'Barcas' des Gil Vicente", Erlangen, 1939. *Biblos*, 15, 1939, p. 587-588.
- BEINHAUER, Werner – *Der spanische Nationalcharakter*. Paderborn, 1937. *Biblos*, 15, 1939, p. 592.
- "Bibliografia científico-literária". Lisboa, [s. d.]. *Biblos*, 15, 1939, p. 400-402.
- "Bibliografia filológica portuguesa". Lisboa, [s. d.]. *Biblos*, 15, 1939, p. 402-403.
- BRINKMANN, Walter – *Bienestock und Bienenstand in den romanischen Ländern*. Hamburg, 1938. *Biblos*, 15, 1939, p. 590-591.
- DEUTSCHMANN, Olaf – *Untersuchungen zum Volkstumlichen Ausdruck der Mengenvorstellung im Romanischen*. Hamburg, 1938. *Biblos*, 15, 1939, p. 591.
- GIESE, Wilhelm – "Segunda-feira, etc.". [Lisboa], 1939. *Biblos*, 15, 1939, p. 579-582.
- IORDAN, Iorgu – *De quelques traits caractéristiques du roumain actuel*. Genève, 1939. *Biblos*, 15, 1939, p. 575-576.
- MACHADO, José Pedro – "Contemplação de S. Bernardo segundo as seis horas canónicas do dia". [Lisboa], 1939. *Biblos*, 15, 1939, p. 588-589.
- SALGADO JÚNIOR, António – *Os Lusfadas e a viagem da Gama. O tratamento mitológico duma realidade histórica*. Porto, 1939. *Biblos*, 15, 1939, p. 587.
- SARAIVA, António José – "Écloga de Crisfal". Lisboa, 1939. *Biblos*, 15, 1939, p. 588.
- SCHULTZ, Wilhelm – *Die Tiere in der Namengebung der südfranzösischen Mundarten. Ein Beitrag zum Studium der Metaphern*. Hamburg, 1938. *Biblos*, 15, 1939, p. 589-590.
- STEN, Holger – *Naegtelseerne i Fransk. En historisk-syntaktisk Fremdstilling*. Copenhagen, 1938. *Biblos*, 15, 1939, p. 590.
- Volkstum und Kultur der Romanen* – "Dr. J. Leite de Vasconcellos zum 80. Geburtstage gewidmet". Hamburg, 1937. *Biblos*, 15, 1939, p. 591-592.
- WAGNER, M. L. – "Phalus, Horn und Fisch". Zürich, 1937. *Biblos*, 15, 1939, p. 590.

1940

- "Os dias da semana em português e a influência moura". *Blicos*, 16 (1940), p. 657-666. Sep.
- "Notas breves sobre alguns processos estilísticos de Eça de Queiroz". *Novidades*, Lisboa, 31 Mar. 1940.
- "A melodia da língua portuguesa apreciada por um filólogo estrangeiro" [Prof. Dr. Max L. Wagner]. *Com. Biblos* 16, (1940), e trad. p. 302-304.
- Recensões críticas a:
- BEAU, A. Eduard – "Damião de Góis. Um capítulo das relações intelectuais luso-alemãs no século XVI". [S. l.], 1940. *Biblos*, 16, (1940), p. 696-697.
- "Boletim de Filologia". [Lisboa], 1940. *Biblos*, 16, 1940, p. 698.
- "Bulletin des Études Portugaises". [Lisboa], 1940. *Biblos*, 16 (1940), p. 695-696.
- CARTER, Henry Hare – *Paleographical edition and study of the language of a portion of Codex Alcobacensis 200*. Philadelphia, 1938. *Biblos*, 16, (1940), p. 297.
- COUTINHO, Bernardo Xavier C. – *Bibliographie franco-portugaise. Essai d'une bibliographie chronologique de livres français sur le Portugal*. Porto, 1939. *Biblos*, 16, 1940, p. 284-289.

- LERCH, Eugen – "Die sprachliche Unterscheidung zwischen Person, Sache und abstraktem Neutrum". Leipzig, 1940. *Biblos*, 16 (1940), p. 698-699.
- MACHADO, José Pedro – "Comentários a alguns arabismos do dicionário de Nascentes. Subsídios para um vocabulário português de origem árabe". [Lisboa], 1939. *Biblos*, 16 (1940), p. 283.
- MADAHIL, António da Rocha – *O Livro Verde da Universidade de Coimbra*. Coimbra, 1940, *Biblos*, 16 (1940), p. 697-698.
- PELLEGRINI, Silvio – *Repertorio bibliografico della prima lirica portoghese*. Modena, 1939. *Biblos*, 16 (1940), p. 289-290.
- WAGNER, M. L. – "Das peruanische Spanisch". [S. l.], 1938. *Biblos*, 16 (1940), p. 294.
- WAGNER, M. L. – "Portugiesische Umgangssprache und Calão, besonders im heutigen Lisbon". [S. l.], 1937. *Biblos*, 16 (1940), p. 290-294.
- WAGNER, M. L. – "Rettifiche ed aggiunte alla terza edizione del REW del Meyer-Lübke". [S. l.], 1940. *Biblos*, 16 (1940), 699-700.

1941

- "Eça de Queiroz e a intenção de crítica social". *Estudos*, 18, 193 (1941), p. 7-9. *Os nomes dos dias da semana em português. (Influência moura ou cristã?)*. Coimbra, Coimbra Editora, 1941, 68 p.
- "A obra científica do Prof. F. Krüger. (Notas biobibliográficas)". *Biblos*, 17, 1-2 (1941), p. 750-758.
- "O realismo de Eça de Queiroz e a sua expressão artística". *Biblos*, 17 (1941), p. 697-731. Sep. de 44 p.
- Recensões críticas a:
- ALONSO, Dámaso – *Sobre la enseñanza de la filología española*. Madrid, 1941. *Biblos*, 17, 1941. p. 371-375.
- EY, Luise e KRÜGER, Fritz – *Portugiesische Konversations-Grammatik*. 5ª ed. Heidelberg, 1939. *Biblos*, 17, 1941, p. 775-779.
- SILVEIRA, Luís – *Manuscritos de filologia latina da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora*. [S. l.], 1940. *Biblos*, 17, 1941, p. 381-382.

1942

- O estudo dos dialectos e falares portugueses. (Um inquérito linguístico)*. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1942. 148 + [4] p. [Incluído na colectânea de Estudos de linguística]. *Inquérito linguístico*. [Questionário]. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1942. 115p.
- "O interesse científico da linguagem popular". *R. Port. Ser. A: Ling. Port.*, 1, 3 (1942), p. 129-140. [Incluído na colectânea de *Estudos de linguística*].
- "O professor e o estudo dos falares regionais". (Um inquérito linguístico). *Esc. Port.*, 8, 402 (1942), p. 656-659.
- O realismo de Eça de Queirós e a sua expressão artística*. 2ª ed. Coimbra, Coimbra Editora, 1942, 57 p.
- Recensão crítica a PEIXOTO, Afrânio – *Maias e estevas*. Porto, 1940. *Brasília*, 1, (1942), p. 794-800.

1943

- "Brasileirismos. (Problemas de método)". *Brasília*, 3 (1946), p. 3-82. Sep. 1943.
- "Defesa e ilustração da língua. (A propósito do Instituto de Língua Portuguesa)". *Biblos*, 19, (1943), p. 357-397. Sep. 1944. Coimbra, Casa do Castelo.

"O interesse científico da linguagem popular. Esclarecimentos sobre o inquérito linguístico". Lisboa, *Revista de Portugal*, 1943. 36 p. (Incluído na colectânea de *Estudos de linguística*).

Recensão crítica a IORDAN, Iorgu – *An introduction to Romance Linguistics. Its schools and scholars*. London, 1937. *Biblos*, 19 (1943), p. 574-578.

1944

"Filologia e história. A emigração açoriana para o Brasil (com documentos inéditos)". *Biblos*, 20 (1944), p. 405-442. Sep.

"Prof. Karl Vossler". *Biblos*, 20 (1944), p. 443-451.

– Recensões críticas a:

"Bibliotheca Hispana. Revista de información y orientación bibliográfica". Madrid, [s. d.]. *Biblos*, 20, (1944), p. 466-468.

Lunds Universitets – Årsskrift. Lund, [s. d.]. *Biblos*, 20, (1944), p. 523-524.

MATOS, Armando de – *A arte dos jugos e cangas do Douro-Litoral*. Porto, 1942. *Biblos*, 20, (1944), p. 509-516.

1945

Introdução ao estudo da Filologia portuguesa. Lisboa, Edição da Revista de Portugal, 1945, 150 p.

1947

"Aditamento ao artigo anterior" [de K. Jaberg: 'Géographie linguistique...']. *R. P. F.*, 1, 1947, p. 45-58 il.

"Adolfo Coelho e a Filologia portuguesa e alemã no século XIX". *Biblos*, 23, 3 (1947), p. 607-692. Sep., 1948, 101 p.

"Amstras de uma bibliografia crítica dialectal portuguesa". (De colab. com António Gomes Ferreira). *R. P. F.*, 1, 1947, p. 199-222. Sep. [Incluído na colectânea de *Estudos de linguística*].

"Designações portuguesas do baloioço (usadas em Portugal Continental e Insular)". *R. P. F.*, 1, 1947, p. 55-58. [Aditamento ao artigo de K. Jaberg].

"In Memoriam: J. da Silva Correa, J. Leite de Vasconcelos, David Lopes e Cláudio Basto". *R. P. F.*, 1, 1947, p. 613-624.

– Recensões críticas a:

ALBUQUERQUE, A. Tenório d' – *A evolução das palavras*. Rio de Janeiro, [1946?]. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 552-554. Sep.

ALBUQUERQUE, A. Tenório d' – *Falsos brasileirismos*. Rio de Janeiro, [1945?]. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 552 Sep.

ALBUQUERQUE, A. Tenório d' – *O nosso vocabulário*. Rio de Janeiro, [1946?]. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 552-554. Sep.

BELO, Raimundo – "Emigração açoriana para o Brasil". Angra do Heroísmo, 1947. p. 589. Sep.

BERTOLDI, Vittorio – *La parola quale testimone della storia*. Napoli, 1945. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 550-551. Sep.

Bibliografia filológica portuguesa. Lisboa, [s. d.]. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 554-555. Sep.

BOURCIEZ, Édouard – *Éléments de linguistique romane*. Paris, 1946. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 574. Sep.

DAUZAT, Albert – *La dialectologie française*. Paris, 1945. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 574-575. Sep.

DUFF, Charles – *The basis and essentials of Portuguese and reader*. London, 1945. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 556. Sep.

- GARDETTE, Pierre – "Où en est l'étude des patois du Forez"? [S. I.], 1947. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 575-577. Sep.
- GEIGER, Paul – "Eine Probe aus dem Atlas der schweizerischen Volkskunde". In: *Sache, Ort und Wort. Festschrift J. Jud.* Genève e Zürich-Erlenbach 1943. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 237-238. Sep.
- GONÇALVES, Rebelo – *Tratado de ortografia da língua portuguesa*. Coimbra, 1947. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 556-557. Sep.
- HJELMSLEV, Louis – "Note sur les oppositions supprimables". Prague, 1939. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 549-550. Sep.
- JABERG, Karl – "Elation und Komparation". Bern, 1947. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 581. Sep.
- KRÜGER, Fritz – *El léxico rural del Noroeste ibérico*. Traducción de Emilio Lorenzo y Criado. Madrid, 1947. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 564-565. Sep.
- LACERDA, Armando de – "Características da entoação portuguesa". Coimbra, 1947. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 557. Sep.
- LEÃO, Duarte Nunes de – *Origem da língua portuguesa*, 4ª edição, (...) com estudo preliminar e anotações de José Pedro Machado. Lisboa, 1945, *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 252-265. Sep.
- LUGO, Sebastián de – *Colección de voces y frases provinciales de Canarias*. La laguna de Tenerife, 1946. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 565-567. Sep.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. – *Cantar de Mio Cid. Texto, gramática y vocabulario*. Madrid, 1944–1945, 3 vols. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 569-571. Sep.
- PAULYN, Willy – "Gedanken zum 'Thesaurus der menschlichen Sprachlaute'". [S. I.], 1947. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 591-592. Sep.
- PIMPÃO; Álvaro Júlio da Costa – *História da literatura portuguesa*. [S. I.], 1947. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 587-588. Sep.
- REPARAZ RUIZ, Gonçalo de – "Les études hispaniques aux États-Unis jusqu'en 1939". [S. I.], 1945–1946. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 572. Sep.
- RIBEIRO, Orlando – *Inquérito de geografia regional*. 2ª ed., Lisboa, 1947. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 590. Sep.
- ROGERS, Francis Millet – "Brazil and the Azores". Baltimore, 1947. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 559-560.
- ROGERS, Francis Millet – "Two new Azorean learned Reviews". Durhan, 1946. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 560-561. Sep.
- Sache, Ort und Wort. Festschrift Jakob Jud.* Genève e Zürich-Erlenbach, 1943. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 229-236. Sep.
- SILVA, D. A. Tavares da – "Esboço dum vocabulário agrícola regional". Lisboa, 1944. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 561-562. Sep.
- TIRSO DE MOLINA – *Comedias. II: El amor médico y Averigüelo Vargas*. Prólogo y notas de Alonso Zamora Vicente y Maria Josefa Canellada de Zamora. Madrid, 1947. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 588-589. Sep.
- TOSCHI, Paolo – *Guida allo studio delle tradizione popolari*. 2ª ed. Roman, 1945. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 587. Sep.
- WAGNER, R. L. – *Introduction à la linguistique française*. Lille e Genève, 1947. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 580. Sep.
- WEISS, Richard – "Stallbauten und Heutraggeräte Graubündens in sachgeographischer Betrachtung". In: *Sache, Ort und Wort. Festschrift J. Jud.*, 1943. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 237-238.
- ZAMORA VICENTE, Alonso – *El habla de Mérida y sus cercantas*. Madrid, 1943. *R. P. F.*, 1, 2 (1947), p. 531-547. Sep.

1948

- "Primeiro Congresso de História Catarinense comemorativo do segundo centenário da colonização açoriana". *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 466-468.
- "Thesaurus linguae latinae". *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 471-472.
- "Os inqueritos linguísticos da 'Revista Portuguesa de Filologia'". *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 474-505. [Incluído na coletânea de *Estudos de linguística*].
- "Alfabeto fonético da 'Revista Portuguesa de Filologia'". *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 506-507.
- "O estudo dos falares locais". *Mens. Cas. Pov.*, 3, 28 (1948), p. 3-4. [Incluído na coletânea de *Estudos de linguística*].
- "Notas linguísticas sobre uma região fronteiriça". *Mens. Cas. Pov.*, 3, 29 (1948), p. 3-4. [Incluído na coletânea de *Estudos de linguística*].
- "Centenário de Cervantes". *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 468-470.
- "Congressos linguísticos internacionais". *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 471.
- "Museu de Arte Popular" (Belém, Lisboa). *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 465-466.
- "Prémios do 'Institut d'Estudis Catalans'". *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 472-474.
- Recensões críticas a:
- AKADEMIE (KONINKLIJKE NEDERLANDSCHE) VAN WETENSCHAPPEN TE AMSTERDAM – 1. *Bijdragen en Mededelingen der Dialecten-Commissie*; 2. *Verslag van de Dialecten-Commissie*, 3. *Vragenlijsten*; 4. *Taalatlas van Noord- en Zuid-Nederland* (involkaart hiel). Amsterdam, s. d. *R. P. F.*, 2, 2 (1948), p. 407-409.
- ÁLVAREZ DELGADO, Juan – *Bubango*. La Laguna de Tenerife, 1945. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 385. Sep.
- AMARAL, Alexandre do – *Dois dedos de 'conversaço' sobre 'palavras reiterantes' e alguns 'hapax legomena'*. Coimbra, 1949. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 364-366. Sep.
- AMARAL, Vasco Botelho de – *Estudos críticos da língua portuguesa*. Nº 2: *Contra os gramáticos*. Porto, 1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 366-369. Sep.
- AMARAL, Vasco Botelho de – *Subtilezas, máculas e dificuldades da língua portuguesa*. Lisboa, 1946. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 366. Sep.
- Anales del Instituto de Lingüística*. Mendonça, Argentina, tomos I, 1941, II, 1942 e III, 1943. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 435-437. Sep.
- BALLY, Charles – *Linguistique générale et linguistique française*. Berne, 1944. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 352. Sep.
- BERTOLDI, Vittorio – "La Iberia en el sustrato étnico-lingüístico del Mediterráneo occidental". [S. l.], 1947. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 353. Sep.
- BIVAR, Artur – *Dicionário geral e analógico da língua portuguesa*. Porto, 1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 369-370. Sep.
- BOUZA-BREY, F. – "Nombres de la hoja del pino en Galicia". [S. l.], 1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 385-386.
- BOUZA-Brey, F. – "Nombres y tradiciones de la 'Coccinella Septempunctata' en Galicia". Madrid, 1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 386. Sep.
- Bulletin du Dictionnaire Wallon*. Liège, 1942. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 439-440.
- CABALLERO CALDERÓN, E. – *Cervantes en Colombia*. Madri, 1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 418-419. Sep.
- CAMPOS, Agostinho de – *Futuro da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro, 1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 372. Sep.
- CASARES, Júlio – *Divertimientos filológicos*. Madrid, 1947. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 387. Sep.
- CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de – *El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Nueva edición crítica, con el comento refundido y más de mil notas nuevas, dispuesta por

- Francisco Rodriguez Marín, 9 tomos. Madrid, 1947–1949. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 419-422. Sep.
- CONGRÈS (SIXIÈME) INTERNATIONAL DES LINGUISTES, Paris, 1948 – "*Rapports sur les questions théoriques (I-IV) et pratiques (AD) mises à l'ordre du jour*". Paris, 1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 353-355.
- Dialectes (Les) Belgo-Romans*, Louvain, tomos I, 1937, II, 1938, III, 1939, IV (Bibliographie), 1940–1945, V, 1946, VI, 1947. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 442-443.
- ESPINOSA, Aurelio M. – *Estudios sobre el español de Nuevo México*. Buenos Aires, 1946. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 388-389. Sep.
- Glossaire des patois de la Suisse Romande*. 1. 49^{ème} rapport annuel de la Direction, 1947. Neuchâtel, 1948; 2. 50^{ème} rapport annuel de la Direction, 1948. Neuchâtel, 1949. *R.P.F.*, 2, 1-2 (1948), p. 395-396. Sep.
- HASSELROT, Bengt – "Du changement de genre comme moyen d'indiquer une relation de grandeur dans les langues romanes". Uppsala, 1943–1945. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 357-358. Sep.
- JONES, Daniel – *Fundamentos de escritura fonética*. Londres. 1944. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 356. Sep.
- LEGROS, Elisée – "La philologie wallonne en 1943–1947". [S. l.], 1944–1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 397-398. Sep.
- Leuvense Bijdragen. Tijdschrift voor Moderne Philologie*, Louvain, vol. 38, 1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 445-446.
- LIMA, Augusto César Pires de – *Estudos etnográficos, filológicos e históricos*, vol. II. Porto, 1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 413-414. Sep.
- Língua e Linguagem. Órgão oficial da Academia Brasileira de Filologia*. Rio de Janeiro, vol. I, 1947. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 446-448.
- Le Lingue Estere. Rivista di divulgazione linguistica*. Firenze, vol. XIII, 1948 e vol. XIV, 1949. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 448-449.
- MELO, Gladstone Chaves de – *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro, 1946. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 374. Sep.
- MELO, Gladstone Chaves de – JOSÉ DE ALENCAR, *Iracema (Lenda do Ceará)*. Introdução, notas e apêndice: *Alencar e a "língua brasileira"*. Rio de Janeiro, 1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 416-418.
- Mensário das Casas do Povo*. Lisboa, fascs. de Março e de Abril 1949. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 449-450.
- NASCENTES, Antenor – *Tesouro da Fraseologia brasileira*. Rio de Janeiro, , 1945. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 375-476. Sep.
- NETO, Serafim da Silva – MESTRE ANDRÉ DE RESENDE, *A santa vida e religiosa conversação de Frei Pedro, porteiro do Mosteiro de S. Domingos de Évora*. Edição fac-similada. Rio de Janeiro, 1947. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 340-350. [Incluída na colectânea de *Estudos de linguística*].
- NORBERG, Dag – *Syntaktische Forschungen auf dem Gebiete des Spätlateins und des frühen Mittellateins*. Uppsala, 1943. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 361-362. Sep.
- PARKER, William Riley (ed.) – *1947 American Bibliography. Research in Progress, 1948*. New York, 1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 429-433. Sep.
- PESTANA, Sebastião – *Um caso de fonética histórica*. Lisboa, 1949. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 378-379. Sep.
- PESTANA, Sebastião – "Subsídios para uma edição do 'Auto da alma' de Gil Vicente". Porto, 1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 424-425. Sep.
- PIEL, Josep M. – "Nomes de 'possessores' latino-cristãos na toponímia asturo-galego-portuguesa". Coimbra, 1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 380-381. Sep.

- PIEL, Joseph M. – INFANTE D. PEDRO, *Livro dos Ofícios de Marco Tullio Ciceram, o qual tornou em linguagem o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra*. Edição crítica. Coimbra, 1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 377-378. Sep.
- PIEL, Joseph M. – "Westgotisches Spacherbe in Spanien und Portugal". [S. l.], 1943. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 379-380. Sep.
- PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa – *História da literatura portuguesa*. [S. l., s. d.]. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 425. Sep.
- Revista Bibliográfica y Documental*. Madrid, 1947-1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 450-451.
- Revista de Filologia Hispânica*. Buenos Aires, 1939-1946. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 452-455.
- Revue Belge de Philologie et d'Histoire*. Bruxelles, 1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 455-458.
- ROHNER, Kurt – *Beschreibende Phonetik der Mundart von Cachopo (Östliches Algarve)*. Zürich, 1938. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 382-383. Sep.
- SCHUCHARDT, Hugo – *Primitiae linguae Vasconum*. Salamanca, 1947. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 406-407. Sep.
- VENTURA, Augusta Faria Gersão – *Notas camonianas*. Coimbra, 1948. *R. P. F.*, 2, 1-2 (1948), p. 426. Sep.

1950

- "Lateinisches etymologisches Wörterbuch". *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 506-507.
- "Morte de Karl Vossler". *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 507-508.
- Recensões críticas (ou breves Notas bibliográficas) a:
- AEBISCHER, Paul – "Contribution à la protohistoire des articles 'ille' et 'ipse' dans les langues romanes". Roma, 1948. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 375-376. Sep.
- AEBISCHER, Paul – "Par quelle voie 'bosque' est entré en espagnol". (Crítica de colab. com Joseph M. Piel). Barcelona, 1947-1948. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 375-376. Sep.
- AEBISCHER, Paul – "Par quelle voie 'bosque' est entré en espagnol". (Crítica de colab. com Joseph M. Piel). Barcelona, 1947-1948. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 400-401. Sep.
- Archiv für das Studium der Neueren Sprachen*. München, 1949-1950. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 465-467.
- BARROS, Gama – *História da administração pública em Portugal nos sécs. XII a XV*. Lisboa, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 500-506. (Incluída na colectânea de *Estudos de linguística*).
- Bibliographie linguistique des années 1939-1947*. Utrecht e Bruxelles, 1949-1950. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 452-455. Sep.
- BIVAR, Artur – *Dicionário geral e analógico da língua portuguesa*. Porto, [s. d.]. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 385-386. Sep.
- BLOCH, Oscar e WARTBURG, W. von – *Dictionnaire étymologique de la langue française*. 2ª ed. Paris, 1950. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 409-411. Sep.
- BRUNOT, Ferdinand e BRUNEAU, Charles – *Précis de grammaire historique de la langue française*. Paris, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 411-412. Sep.
- CARVALHO, Joaquim de – *Estudos sobre a cultura portuguesa do século XV*. Coimbra, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 449-450. Sep.
- CARVALHO, José Gonçalo Chorão de – "Derivados do latim 'galla'". Lisboa, 1950. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 388. Sep.
- COSTA, Américo – *Dicionário corográfico de Portugal Continental e Insular*. Porto, 1929-1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 498-500.
- COSTA, P^o Avelino de Jesus da – "Fragmentos preciosos de códices medievais". Braga, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 439-440. Sep.

- DIETH, Eugen – *Vademekum der Phonetik*. Bern, 1950. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 375. Sep.
- DOPPAGNE, Albert – "Enquête sur le gentilé et le blason populaire des communes wallonnes". [S. 1.], *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 413. Sep.
- EY, Luise e KRÜGER, Fritz – *Portugiesische Sprachlehre*. 11ª ed. Heidelberg, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 389-390.
- GIRODON, Jean – "Eça de Queiroz e 'Madame Bovary'". Coimbra, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 441. Sep.
- GUERRERO LOVILLO, José – *Las cántigas. Estudio arqueológico de sus miniaturas*. Madrid, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 451-452. Sep.
- JUD, J. – "Zur Herkunft und Verbreitung des Spiels: 'chistrar la brentina', 'de Tüfel heile' in der retoromanischen und deutschen Schwiez. [S. 1.]. 1948. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 432-433. Sep.
- KAHANE, Henry e KAHANE, Renée – "The augmentative feminine in the Romance languages". [Berkeley], 1948–1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 379-380. Sep.
- KUHN, Alwin – *Zeitschrift für romanische Philologie: Bibliographie 1927–1935*. Halle, 1938. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 455-456. Sep.
- LANGHANS, F. P. – *Apontamentos para a história do azeite em Portugal*. Lisboa, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 450. Sep.
- LAUTENSACH, Hermann – *Bibliografia geográfica de Portugal*. Adaptação e complementos de Mariano Feio. Lisboa, 1948. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 457-459.
- LAYTANO, Dante de – "Expansão do idioma português no mundo". Porto Alegre, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 390-392. Sep.
- LIMA, Augusto César Pires de – *Estudos etnográficos, filológicos e históricos*. Vol. 3. Porto, 1948. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 433-434. Sep.
- MAÇÃS, Delmira – "As designações das perturbações mentais em português". Lisboa, 1950. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 392.
- MAÇÃS, Delmira – "As relações entre o corpo e o carácter na linguagem popular portuguesa". Lisboa, 1948. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 392-393. Sep.
- MANUPPELLA, Giacinto – *Gli studi di Filologia portoghese negli ultimi venti anni, 1930–1949. Contributo bibliografico*. Lisboa, 1950. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 460-463.
- MEIER, Harri – *Ensaio de Filologia Românica*. Lisboa, 1948. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 393.
- Mélanges de philologie romane et de littérature médiévale offerts à Ernst Hoepffner*. Paris, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 380-381. Sep.
- MENÉNDEZ PELAYO – *Edición nacional de las obras completas de...* Madrid, 1941–1948. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 443. Sep.
- Miscelânea de filologia, literatura e história cultural à memória de Francisco Adolfo Coelho (1847–1919)*. 2 vols. Lisboa, 1949–1950. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 393-395. Sep.
- MOSER, Gerard – "Recent publications on Portuguese language and literature (1945–1947)". [S. 1.], 1948. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 463-464.
- MUÑOZ SENDINO, José – *La escala de Mahoma*. Madrid, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 443-444. Sep.
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá – "Estudos sobre as onomatopeias". Lisboa, 1950. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 396. Sep.
- Nueva Revista de Filología Hispánica. [México], 1947. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949–1950), p. 476-478.
- "Obras portuguesas de carácter geográfico e histórico com interesse para os romanistas (*Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular* de Américo Costa; *História*

- da administração pública em Portugal nos séculos XII a XV* de Gama Barros)". *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 497-506.
- Onoma. *Bulletin d'Information et de Bibliographie*. Louvain, [s. d.]. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 478-480.
- PAP, Leo – *Portuguese-American Speech*. New-York, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 397. Sep.
- PAXECO, Elza – "À margem do 'Dicionário manual etimológico'". Lisboa, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 397. Sep.
- PEREIRA, Maria Palmira da Silva – "A nespereira. Estudo linguístico". Coimbra, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 397-398. Sep.
- PIEL, Joseph M. – "Notas etimológicas". [Lisboa], 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 398. Sep.
- PINON, Roger – *Le folklore de la coccinelle dans la province de Luxembourg*. Spa, [1949]. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 435-436. Sep.
- ROHLFS, Gerhard – *Romanische Philologie*. Heidelberg, 1950. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 382. Sep.
- RUGGIERI, Ruggiero M. – *Testi antichi romanzi*, 2 vols., Modena, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 383-384. Sep.
- SILVA, J. A. Capela e – *Ganharias*. Lisboa, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 436-437. Sep.
- WAGNER, Max Leopold – "Zu Harri Meier's 'Die Entstehung der Romanischen Sprachen und Nationen'". Frankfurt, 1948. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 384-385. Sep.
- WAGNER, R. Léon – *Textes d'étude. (Ancien et moyen français)*. Lille e Genève, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 419. Sep.
- ZAMORA VICENTE, Alonso – *Tirso de Molina. Por el sótano y el torno*. Buenos Aires, 1949. *R. P. F.*, 3, 1-2 (1949-1950), p. 447. Sep.

1950

- "Bibliografia portuguesa". (De colab. com Maria Clementina Duarte). In: *Bibliographie linguistique des années 1939-1947*. Utrecht, Unesco, 1950, vol. 2, p. 374-385.
- MIHĂESCU – *O barbarismo, segundo os gramáticos latinos*. Tradução do romeno. (De colab. com Victor Buescu). Coimbra, Casa do Castelo, 1950. 54 p.

1951

- Os estudos de linguística românica na Europa e na América desde 1939 a 1948*. Organizado e prefaciado por... Coimbra, Casa do Castelo, 1951, 521 p. Suplemento bibliográfico da *R. P. F.*, vol. I.
- "Bibliografia portuguesa". (De colab. com Maria Clementina Duarte). In: *Bibliographie linguistique de l'année 1948 et complément des années 1939-1947*. Utrecht, Unesco, 1951, p. 98-100.
- "Dialectologia e história da língua. Isoglossas portuguesas (com oito mapas)". *Bol. Fil.*, 12 (1951), p. 1-44. Sep. de 51 p. [Incluído na colectânea de *Estudos de linguística*].

1952

- Alfabeto fonético*. Coimbra, ed. do A., [1952]. 13 p. Policopiado.
- Para um maior rendimento do trabalho intelectual*. Coimbra, ed. do A., 1952. 99 p.
- "Mudança dos nomes de ruas. (A propósito de uma homenagem)". *Diário de Coimbra*, Coimbra, 23 Set. 1952.
- Recensões críticas a:
- ALBAREDA HERRERA, José Maria – *Consideraciones sobre la investigación científica*. Madrid, 1951. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 438-439. Sep.

- AMARAL, Vasco Botelho de – *Mistérios e maravilhas da língua portuguesa*. Porto, 1949. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 356-357. Sep.
- Anais do primeiro Congresso de história catarinense*, vol. II. Florianópolis, 1950. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 439-440.
- Atlas der schweizerischen Volkskunde*. Basel, [s. d.]. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 416. Sep.
- BASTOS, Carlos – *Subsídios para o estudo das origens e evolução da indústria têxtil em Portugal*. Porto, 1950. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 440. Sep.
- Bericht der Notgemeinschaft der Deutschen Wissenschaft*. [S. 1.], 1950–1951. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 441. Sep.
- Bibliographie linguistique de l'année 1949 et complément des années précédentes*. Utrecht e Anvers, 1951. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 459-460. Sep.
- Boletim de Bibliografia Portuguesa*. Vol. 15. Lisboa, 1950. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 460-462.
- Boletim do Centro de Estudos Geográficos*. Coimbra, 1950. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 472-473.
- Bulletin Folklorique d'Ile-de-France*. Paris, 1952. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 476-477.
- CARNEIRO, Édison – *A linguagem popular da Baía*. Rio de Janeiro, 1941. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 357-358. Sep.
- CONGRÈS (TROISIÈME) INTERNATIONAL DE TOPONYMIE ET D'ANTROPONYMIE, Bruxelles, 1949 – *Actes*. Louvain, 1951. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 411-415. Sep.
- CRESSOT, Marcel – *Le style et ses techniques*. Paris, 1947. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 387-388. Sep.
- DES GRANGES, Ch.-M. – *Les grands écrivains français des origines à nos jours*. Paris, 1948. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 430. Sep.
- DIAS, A. Jorge – "Bosquejo histórico da etnografia portuguesa (seguido de uma crónica dos trabalhos publicados desde 1939 a 1951)". Coimbra, 1952. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 419-420. Sep.
- Estudios dedicados a Menéndez Pidal*. 3 vols. Madrid, 1951–1952. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 373-375. Sep.
- FERREIRA, Godofredo – *A mala-posta em Portugal*. Lisboa, 1946. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 444-445. Sep.
- GIRODON, Jean – "Le diable picard de l'Auto das fadas". Lisboa, 1950. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 431. Sep.
- HUBER-SAUTER, Margrit – *Zur Syntax des Imperativs im Italienischen*. Bern, 1951. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 401. Sep.
- JABERG, Karl – "Innovations élatives dans l'Italie du Nord (*nuovo novente, nuovo noviccio*)". Bern, 1950. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 401. Sep.
- JABERG, Karl – "Krankheitsnamen. Metaphorik und Dämonie". Basel, 1951. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 401-402. Sep.
- KRÜGER, Fritz – *Géographie des traditions populaires en France*. Mendonza, 1950. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 421-424. Sep.
- KUHN, Alwin – *Romanische Philologie*. Erster Teil: *Die romanischen Sprachen*. Bern, 1951. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 350-351. Sep.
- MANUPPELLA, Giacinto – *Os estudos de filologia portuguesa de 1930 e 1949*. Lisboa, 1950. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 466. Sep.
- MELO, Gladstone Chaves de – *Iniciação à Filologia portuguesa*. Rio de Janeiro, 1951. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 364-365. Sep.
- MENÉNDEZ PELAYO – *Edición nacional de las obras completas de –*. Madrid, 1949–1952. R. P. F., 5, 1-2 (1952), p. 434-435. Sep.

- MERÊA, Paulo – *Estudos de direito hispânico medieval*. Coimbra, 1952. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 448-449. Sep.
- OLIVEIRA, Miguel de – *As paróquias rurais portuguesas. Sua origem e formação*. Lisboa, 1950. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 449-450. Sep.
- Onoma. *Bulletin d'Information et de Bibliographie* vol. II. Louvain. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 481-483.
- Orbis. *Bulletin International de Documentation Linguistique*. Louvain, 1952. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 483-486.
- PIMPÃO, A. J. da Costa e FIGUEIREDO, J. Nunes de – *Gramática da língua portuguesa, simples e completa*. Coimbra, 1952. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 367-368.
- POP, Sever – *La dialectologie. Aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques*, 2 vols. Louvain, [1950]. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 415. Sep.
- RÉVAH, I. S. – *Recherches sur les oeuvres de Gil Vicente*. Lisboa, 1951. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 436. Sep.
- Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, vols. 55, 1949; 56, 1950 e 57, fasc. 1^o. Madrid. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 486-488.
- Revista Hispánica Moderna*. New York, 1951. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 489-490.
- ROMERO-NAVARRO, Miguel – *Registro de lexicografía hispánica*. Madrid, 1951. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 467. Sep.
- ROSENQVIST, Arvid – *Über Wanderungen romanischer Fremdwörter im Deutschen*. Helsinki, 1942. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 409-411. Sep.
- RUMEU DE ARMAS, Antonio – *Piraterías y ataques navales contra las Islas Canarias*. 5 vols. Madrid, 1947-1950. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 451-452. Sep.
- SILVEIRA, Joaquim da – *Erros nos dicionários da língua*. Figueira da Foz, 1951. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 368-369. Sep.
- Terra Lusa. Revista de Arqueologia Artística e Etnografia*. Lisboa, 1951. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 492-494.
- VÄÄNÄNEN, Veikko – *Gloses marginales des Miracles de Gautier de Coinci*. Helsinki, 1945. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 437-438. Sep.
- VÁSQUEZ DE PARGA, Luís, LACARRA, José M^a e URIA RIU, Juan – *Las peregrinaciones a Santiago de Compostela*. 3 vols. Madrid, 1948-1949. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 453-454. Sep.
- VICENTE, Gil – *Auto da alma*. Texto fixado por Sebastião Pestana. Lisboa, 1951. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 370. Sep.
- VIDOS, B. E. – "Noms de villes et de provinces flamands et néerlandais devenus noms comuns dans les langues romanes". Madrid, 1950. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 354-355. Sep.
- WAGNER, Léon – "Contribution à la préhistoire du romanisme". Paris, 1951. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 355. Sep.
- WILLIAMS, Harry F. – *An index of mediaeval studies published in Festschriften, 1865-1946. With special reference to Romance material*. Berkeley e Los Angeles, [s. d.]. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 468-469.
- WOODBRIDGE, Hensley C. e OLSON, Paul R. – *A tentative bibliography of Hispanic linguistics*. Urbana, 1952. *R. P. F.*, 5, 1-2 (1952), p. 469-470. Sep.

1953

- "Os estudos de antroponímia e toponímia em Portugal". *R. Port. Ser. A: Líng. Port.*, 18, 115 (1953), p. 145-152. Sep.
- "Os matronímicos nos apelidos populares portugueses". *R. Port. Ser. A: Líng. Port.*, 18, 113 (1953), p. 81-89.

"Uma exposição bibliográfica e documental açoriana". *Açores*, Ponta Delgada, 26 Set. 1953; *Diário Insular*, Angra do Heroísmo, 26 Set. 1953; *O Telégrafo*, Horta, 26 Set. 1953.

1953-1954

Lições de Filologia Portuguesa, (2ª parte). Sumários, bibliografias e alguns textos de consulta. Anexo: Trechos exemplificativos das diferentes linguagens do português. Coimbra, ed. do A., 1953-1954. 454 p. Policopiado.

1953-1955

– Recensões críticas a:

- ALMEIDA, Aluísio de – "Lendas e contos do Planalto e do Litoral". São Paulo, 1952. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 501-502. Sep.
- Atlas der schweizerischen Volkskunde*. Basel, [s. d.]. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 502-503. Sep.
- BADÍA MARGARIT, Antonio – *Sobre metodología de la encuesta dialectal*. Zaragoza, 1952. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 447. Sep.
- BEAU, Albin Eduard – *Langenscheidts Taschenwörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache: Zweiter Teil: Deutsch-Portugiesisch*. Berlin, 1953. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 411-414.
- BERTOLDI, Vittorio – *Tradizione mediterranea di lingua e di cultura*. Liège, 1953. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 419-420. Sep.
- CARTER, Henry Hare – "A fourteenth-century Latin-old Portuguese verb dictionary". [Berkeley], 1952-1953. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 440. Sep. [Incluída na colectânea de *Estudos de linguística*].
- CONGRÉS (QUATRIÈME) INTERNATIONALE DE SCIENCES ONOMASTIQUES, Uppsala, 1952 –. *Programme. Actes et mémoires*. Uppsala, 1954. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 496-500. Sep.
- COSTA, Avelino de Jesus da – "Documentos medievais inéditos do mosteiro de Souto". Guimarães, 1954. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 529-530. Sep.
- CUNHA, Celso Ferreira da – *O Cancioneiro de Joan Zorro*. Rio de Janeiro, 1949. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 513-518. Sep. [Incluída na colectânea de *Estudos de linguística*].
- CUNHA, Celso Ferreira da – *À margem da poética trovadoresca*. Rio de Janeiro, 1950. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 518-519. Sep. [Incluída na colectânea de *Estudos de linguística*].
- Dicziunari rumantsch grischum*. Cuoira, 1939-1954, 2 vols. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 491-495. Sep. [Incluída na colectânea de *Estudos de linguística*].
- FREI, Henri – *Le livre des deux mille phrases*. Genève, 1953. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 421-423. Sep.
- HALLIG, Rudolf e WARTBURG, Walther von – *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie*. Berlin, 1952. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 404-411. Sep.
- HANSE, Joseph – *Dictionnaire des difficultés grammaticales et lexicologiques*. Bruxelles, 1949. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 461-462. Sep.
- HATZFELD, Helmuth A. – *A critical bibliography of the new stylistics. Applied to the Romance literatures, 1900-1952*. Chapel Hill, 1953. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 542-544. Sep.
- IANNUCI, James E. – *Lexical member in Spanish nouns*. Philadelphia, 1952. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 457-458. Sep.
- IRMEN, Friedrich – *Langenscheidts Taschenwörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache. Erster Teil: Portugiesisch-Deutsch*. Berlin, 1954. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 411-414.
- KRÖLL, Heinz – "Sobre 'nada' e algumas expressões equivalentes em português". Lisboa, 1952. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953-1955), p. 442. Sep.

- LERENO, Álvaro – *Dicionário corográfico do Arquipélago de Cabo Verde*. Lisboa, 1952. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953–1955), p. 443. Sep.
- LÓPEZ ESTRADA, Francisco – *Introducción a la literatura medieval española*. Madrid, 1952. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953–1955), p. 522. Sep.
- MENÉNDEZ PIDAL, R. – *Romancero hispánico (hispano-portugués, americano y sefardí)*. Madrid, 1953. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953–1955), p. 506-507. Sep.
- MONTEVERDI, Angelo – *Manuale di avviamento agli studi romanzi*. Milano, 1952. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953–1955), p. 433. Sep.
- NASCENTES, Antenor – *Dicionário básico do português do Brasil*. São Paulo, 1952. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953–1955), p. 444-445. Sep.
- NASCENTES, Antenor – *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro, 1953. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953–1955), p. 445. Sep.
- NEVES, Maria Amélia de Sousa – "Linguagem da criança portuguesa na idade pré-escolar". Lisboa, 1953. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953–1955), p. 445. Sep.
- PEERY, William (General editor) – "Renaissance books of 1953. A bibliographical supplement". [S. 1.], 1954. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953–1955), p. 545-546. Sep.
- QUADRI, Bruno – *Aufgaben und Methoden der onomasiologischen Forschung*. Bern, 1952. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953–1955), p. 414-416.
- SPITZER, Leo – *Linguistic and literary history. Essays in stylistics*. Princeton, 1948. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953–1955), p. 434-436. Sep.
- TAGLIAVINI, Carlo – *Le origini delle lingue neolatine*. Bologna, 1952. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953–1955), p. 437. Sep.
- TORRES NAHARRO, Bartolomé de – *Propalladia and other works of...* Edited by Joseph E. Gillet. [Pennsylvania], 1943–1951, 3 vols. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953–1955), p. 525-527. Sep. [Incluída na colectânea de *Estudos de linguística*].
- VÄÄNÄNEN, Veikko – "*Il est venu comme ambassadeur, 'il agit en soldat' et locutions analogues en latin, français, italien et espagnol*". Helsinki, 1951. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953–1955), p. 438. Sep.
- Vocabolario dei dialetti della Svizzera italiana. Lugano, 1952–1954, 2 vols. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953–1955), p. 488-490. Sep. [Incluída na colectânea de *Estudos de linguística*].
- WELSH, Doris Varner – *A catalog of the William B. Greenlee Collection of Portuguese History and Literature and the Portuguese materials in the Newberry Library*. Chicago, 1953. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953–1955), p. 548-549. Sep.
- ZUMTHOR, Paul – *Abréviations composées*. Amsterdam, 1951. *R. P. F.*, 6, 1-2 (1953–1955), p. 469-481. Sep.

1953–1959

- "Bibliographia onomastica: Portugal". *Onoma. Bul. Inf. Bib.*, 4 (1953), p. 208-209; 5 (1954), p. 231; 6 (1955–1956), p. 256; 7 (1956–1957), p. 87; 8 (1958–1959), p. 133-134.

1954

- "Discurso proferido na Sala dos Capelos, em 2 de Maio de 1954, no doutoramento solene dos Doutores Américo da Costa Ramalho, Francisco Paulo Mendes da Luz, José Gonçalves Herculano de Carvalho". *Biblos*, 30 (1954), p. 353-370. Sep.
- "A pluralização do apelido de família". *Diário da Manhã*, Lisboa, 4 Jan. 1954.
- "Cultura portuguesa no estrangeiro: As cartas da freira. Homenagem a dois lusófilos". *Beira Litoral*, Coimbra, 9 Jan. 1954.
- "Universidades africanas". *Beira Litoral*, Coimbra, 3 Fev. 1954.
- "Uma visita a Inglaterra. (Ligeiras impressões)". *Beira Litoral*, Coimbra, 31 Mar. 1954; 7 Abr. 1954.
- "A língua portuguesa no estrangeiro". *Beira Litoral*, Coimbra, 19 Maio 1954.

- "Les études d'anthroponymie et de toponymie au Portugal". In: QUATRIÈME CONGRÈS INTERNATIONAL DE SCIENCES ONOMASTIQUES, Lund, 1954 – *Actes*. Lund, 1954, p. 195-202.
- "Unidade e variedade da língua portuguesa". *R. Fac. Let.*, 2ª Série, 20, 1 (1954), p. 5-28. Sep. [Incluído na colectânea de *Estudos de linguística*].
- "Formas de superlativação em português". *Novidades*, Lisboa, 11 Jul. 1954.
- "Um caso de falta de concordância do género em francês". *Novidades*, Lisboa, 8 Ago. 1954.
- "O género feminino aumentativo". *Novidades*, Lisboa, 22 Ago. 1954.
- "Inconsistência do género gramatical". *Novidades*, Lisboa, 29 Ago. 1954.
- "Causas da mudança de género". *Novidades*, Lisboa, 5 Set. 1954.
- "O género em profissões femininas". *Novidades*, Lisboa, 19 Set. 1954.
- "Nomes populares das refeições em português". *Novidades*, Lisboa, 26 Set. 1954.

1955

- "Os nomes étnico-geográficos e as alcunhas colectivas. Seu interesse linguístico, histórico e psicológico". *Biblos*, 31 (1955), p. 1-19. Sep.

1955-1956

- "Bibliographie onomastique du Portugal" [desde 1882 a 1950]. (De colab. com Maria Clementina Duarte). *Onoma. Bul. Inf. Bib.*, 6, 3 (1955-1956), p. 1-66.

1956

– Recensões críticas a:

- ABREU, Casimiro – *Obras*. Apuração e revisão, esboço biográfico, notas e índices por Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, 1955. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 561-563. Sep.
- BELO, Raimundo – "Emigração açoriana para o Brasil". S. Paulo, 1954. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 575. Sep.
- BUDIN, J. e ELIA, Sílvio – *Compêndio de língua e de literatura*. São Paulo, 1963. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 564-565. Sep.
- CABAL, C. – *Contribución al diccionario folklórico de Asturias*. 3 vols. Oviedo, 1951-1952. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 550. Sep.
- CARDOSO, Wilton – *Ditologia léxica*. Belo Horizonte, 1950. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 498-500. Sep.
- CORNU, Maurice – *Les formes surcomposées en français*. Bern. 1953. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 526-527. Sep.
- CORREAS, Gonzalo – *Arte de la lengua española castellana*. Edición y prólogo de Emilio Alarcos García. Madrid, 1954. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 512. Sep.
- DELGADO, Manuel Joaquim – *Subsídio para o cancioneiro popular do Baixo Alentejo*. Lisboa, 1955. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 551-552. Sep.
- DEUTSCHMANN, Olaf – "Der Gebrauch von Bezeichnungen für 'Haufen' zum Ausdruck der unbestimmten grossen Menge ('viel') und zur Steigerung ('viel', 'sehr') im Romanischen: (Marken) 'na mucchia de surci – è bella' na mucchia". Mendoza, 1954. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 492. Sep.
- DIAS, Jorge – *Algumas considerações sobre áreas culturais. (A área cultural luso-brasileira)*. Guimarães, 1955. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 554-555. Sep.
- DIAS, Jorge – *"Os elementos fundamentais da cultura portuguesa"*. Coimbra, 1955. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 554. Sep.
- DIAS, Jorge – *Rio de Onor. Comunitarismo agro-pastoril*. Porto, 1953. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 553-554. Sep.
- DIAS, Jorge e CARVALHO, J. Herculano de – "O falar de Rio de Onor". Coimbra, 1956. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 502-503. Sep.

- DIAS, Jorge e GALHANO, Fernando – *Aparelhos de elevar água de rega. Contribuição para o estudo do regadio em Portugal*. Porto, 1953. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 556.
- FLÜCKINGER, Paul Fred – *Die Terminologie der Kornreinigung in den Mundarten Mittel- und Süd-Italiens*. Bern, 1954. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 541. Sep.
- FREI, HENRI – "Cast et déses en français". Genève, 1954. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 528. Sep.
- GIESE, Wilhelm – "Gaucho". [S. l.], 1954. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 503. Sep.
- GONÇALVES, F. Rebelo – "Nota métrica a 'Os Lusíadas' VII, 19, 2". Lisboa, [1955]. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 567. Sep.
- GREVISSE, Maurice – *Le bon usage. Cours de grammaire française et de langage français*. Paris, 1953. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 530-531. Sep.
- HORRENT, J. – "La chanson portugaise de la 'guarvaya'". [S. l.], 1955. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 568-569. Sep.
- JABERG, Karl – "Grossräumige und kleinräumige Sprachatlanten". Bern, 1954. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 469-472. Sep.
- KAINZ, Friedrich – *Psychologie der Sprache*. Stuttgart, 1954. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 486. Sep.
- KLUGE, Friedrich e GÖTZE, Alfred – *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*. Berlin, 1953. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 547-548. Sep.
- KUHN, Alwin – *Zeitschrift für romanische Philologie. Bibliographie 1940–1950*. Tübingen, 1952–1955. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 586. Sep.
- LÁZARO CARRETER, Fernando – *Diccionario de términos filológicos*. Madrid, 1953. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 486-487. Sep.
- LEOPOLD, Werner F. – *Bibliography of child language*. Illinois, 1952. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 477-479. Sep.
- MAGNE, Augusto – *Dicionário etimológico da língua latina*. Rio de Janeiro, 1952–1953, 3 vols. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 472-473. Sep.
- MANUPPELLA, Giacinto – *A língua italiana. Guia gramatical para portugueses e brasileiros*. 2 vols. Lisboa, 1952–1953. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 542. Sep.
- MOHRMANN, Christine – "Regula magistri. À propos de l'édition diplomatique des Mss. lat. 12205 et 12634 de Paris". Amsterdam, 1954. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 474-475. Sep.
- PEI, Mario e GAYNOR, Frank – *A dictionary of linguistics*. New York, 1954. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 475-477. Sep.
- PIEL, Joseph M. – *Nombres visigodos de propietarios en la toponimia gallega*. Mendoza, 1954. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 507. Sep.
- POP, Sever – *Bibliographie des questionnaires linguistiques*. Louvain, 1955. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 473-474. Sep.
- Portugal, país de turismo*. Lisboa, 1955. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 560. Sep.
- RABANALES O., Ambrosio – "La somatolalía". Santiago de Chile, 1954–1955. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 489-490. Sep.
- ROMMEL, Alfred – *Die Entstehung des klassischen französischen Gartens im Spiegel der Sprache*. Berlin, 1954. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 535. Sep.
- SÉGUY, Jean – *Les noms populaires des plantes dans les Pyrénées Centrales*. Barcelona, 1953. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 535-537. Sep.
- VASCONCELOS, J. Leite de – *Filologia barranquenha*. Lisboa, 1955. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 510. Sep.
- WARTBURG, Walther von – *La fragmentación lingüística de la Rumania*. Madrid, 1952. *R. P. F.*, 7, 1-2 (1956), p. 496-497. Sep.

1957

– Recensões críticas a:

- BERTRAND, Lewis – *Nueva York, punto de difusión de la lengua. (New York a Spanish-language outpost)*. Stockholm, 1957. *R. P. F.*, 8, 1-2 (1957), p. 437. Sep.
- CURTIUS, Ernst Robert – *Literatura europeia e idade média latina*. Rio de Janeiro, 1957. *R. P. F.*, 8, 1-2 (1957), p. 481. Sep.
- FILGUEIRAS, Octávio Lixa – "Rabões da esquadra negra". Porto, 1956. *R. P. F.*, 8, 1-2 (1957), p. 472-473. Sep.
- GALHANO, Fernando – "Algumas notas sobre os espigueiros do Douro Litoral". Porto, 1957. *R. P. F.*, 8, 1-2 (1957), p. 473-474. Sep.
- HATZFELD, Helmuth – "Métodos de investigación estilística". Madrid, 1956. *R. P. F.*, 8, 1-2 (1957), p. 419-420. Sep.
- Homenaje a Fritz Krüger*. (De colab. com Aníbal de Castro). Mendoza, 1954. *R. P. F.*, 8, 1-2 (1957), p. 398-412.
- IRIA, Alberto – *Descobrimientos portugueses. O Algarve e os descobrimientos*. Lisboa, 1956. *R. P. F.*, 8, 1-2 (1957), p. 496-497. Sep.
- KRAEMER, Erik V. *De la bonne enpereris qui garda loiaument son mariage. Miracle mis en vers par Gautier de Coinci*. Helsinki, 1953. *R. P. F.*, 8, 1-2 (1957), p. 484. Sep.
- NETO, Serafim da Silva – *Ensaio de filologia portuguesa*. São Paulo, 1957. *R. P. F.*, 8, 1-2 (1957), p. 432-433. Sep.
- SLETSJØE, Leif – "Parcel of navnet Paracel-øyene". [S. l.], 1955–1956. *R. P. F.*, 8, 1-2 (1957), p. 435-436. Sep.
- SOARES, João – *Novo atlas escolar português histórico-geográfico*. Lisboa, 1957. *R. P. F.*, 8, 1-2 (1957), p. 499. Sep.
- SPITZER, Leo – *Linguística e historia literaria*. Madrid, 1955. *R. P. F.*, 8, 1-2 (1957), p. 492-493. Sep.
- WHINNOM, Keith – *Spanish contact vernaculars in the Philippine Islands*. Hong Kong e Oxford, 1956. *R. P. F.*, 8, 1-2 (1957), p. 463-464. Sep.

1957–1958

- Introdução aos Estudos Linguísticos*: Sumários e bibliografias. Coimbra, ed. do A., 1957–1958. 90 p. Policopiado.
- Lições de Filologia Portuguesa, (1ª parte)*: Sumários e bibliografias. Coimbra, ed. do A., 1957–1958. 100 p. Policopiado.

1958

- "Leitorados de português". *Novidades*, Lisboa, 11 Abr. 1958.
- "Presença da França em Portugal". *Novidades*, Lisboa, 16 Abr. 1958.
- "Comunidade ibero-americana". *Novidades*, Lisboa, 18 Abr. 1958.
- Lições de Linguística Portuguesa, (1ª Parte). Coimbra, ed. do A., 1958. 118 p. Policopiado.

1958–1959

- "Congresso (IX) Internacional de Linguística Românica". *R. P. F.*, 9, (1958–1959), p. 537-542.
- "Centenário do nascimento de J. Leite de Vasconcelos". *R. P. F.*, 9, (1958–1959), p. 542-543.
- "Sumários das dissertações de licenciatura de carácter linguístico (1942–1959)". (De colab. com Marilina dos Santos Luz). *R. P. F.*, 9, (1958–1959), p. 511-537. Sep.

– Recensões críticas a:

- ASSUNÇÃO, Fernando O. – *Génesis del tipo gaucho en el Rio de la Plata*. Montevideo, 1957. *R. P. F.*, 9, (1958–1959), p. 489. Sep.

- BRANDÃO, Mário – "Antero de Quental estudante". Coimbra, 1957. *R. P. F.*, 9, (1958–1959), p. 478. Sep.
- CASTELO-BRANCO, Fernando – "Apontamentos bibliográficos do centenário de Leite de Vasconcelos". Lisboa, 1959. *R. P. F.*, 9, (1958–1959), p. 497. Sep.
- DIAS, Jaime Lopes – "O Dr. José Leite de Vasconcelos. Elementos para o estudo da sua vida e obras". Lisboa, 1958. *R. P. F.*, 9, (1958–1959), p. 498-500. Sep.
- KAYSER, Wolfgang – *Análise e interpretação da obra literária*, 2 vols. Coimbra, 1958. *R. P. F.*, 9, (1958–1959), p. 481-484. Sep.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de – "Aspectos do compadrio em Portugal". Lisboa, 1957. *R. P. F.*, 9, (1958–1959), p. 474-475. Sep.

1959

- Amostra dos materiais do dicionário dos falares portugueses*. (De colab. com José Herculano de Carvalho). Coimbra, ed. do A., 1959. 41 p. Policopiado.

1960

- "O estudo dos falares portugueses, antigos e modernos, e sua contribuição para a história da língua". In: III COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, Lisboa, 1957 – *Actas*. Lisboa, 1960, vol. 2, p. 418-428. [Incluído na colectânea de *Estudos de linguística*].
- "Projecto de um atlas linguístico-etnográfico de Portugal e da Galiza". (De colab. com José G. Herculano de Carvalho e Luís F. Lindley Cintra)". In: III COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, Lisboa, 1957 – *Actas*. Lisboa, 1960, vol. 2, p. 413-417. Sep.
- "Serafim da Silva Neto (1917–1960)". *R. P. F.*, 10, (1960), p. 409-418. Sep.
- "A vida e a obra de Karl Jaberg (1877–1958)". *R. P. F.*, 10, (1960), p. 419-449. Sep. de 34p.

– Recensões críticas a:

- CINTRA, Luís F. Lindley – *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo*. Seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuição para o estudo do leonês e do galego-português do século XIII. Lisboa, 1959. *Bol. Int. Bib. Lus.-Bras.*, 1, 2 (1960), p. 192-202. [Incluída na colectânea de *Estudos de linguística*].
- Readings in linguistics. The development of descriptive linguistics in America since 1925*. Edited (...) by MARTIN JOOS. Washington, 1957. *R. P. F.*, 10, (1960), p. 352-355. Sep.
- RICARD, Robert – "Otra contribución al estudio de las fiestas de 'moros y cristianos'". [S. l., s. d.]. *R. P. F.*, 10, (1960), p. 387. Sep.
- TAVANI, Giuseppe – "Os judeus portugueses de Livorno e algumas características da sua língua". Rio de Janeiro, 1959. *R. P. F.*, 10, (1960), p. 365. Sep.

1960–1967

- "Bibliographie onomastique du Portugal". (De colab. com Maria José de Moura Santos). *Onoma. Bul. Inf. Bib.*, 9 (1960–1961), p. 154-156; 10 (1962–1963), p. 114-115; 11 (1964–1965), p. 113-114; 12 (1966–1967), p. 124-126. Sep.

1961

- "Impressões de uma viagem a Angola: Inquéritos linguísticos em zonas de colonização branca". *Novidades*, Lisboa, 26 Out. 1961.
- Recensões críticas a:
- GIRODON, Jean – "Le testament cynique de l'Auto da Compadecida". Lisboa, 1960. *R. P. F.*, 11, 2 (1961), p. 610. Sep.
- GRAUR, Al. – *Studii di lingvisticã generalã*. Bucuresti, 1960. *R. P. F.*, 11, 2 (1961), p. 564. Sep.

JABERG, Karl – *Geografía lingüística. Ensayo de interpretación del "Atlas lingüístico de Francia"*. Traducción de A. Llorente y M. Alvar. Granada, 1959. *R. P. F.*, 11, 2 (1961), p. 586-587. Sep.

ROHLFS, Gerhard – *Vom Vulgärlatein zum Altfranzösischen. Einführung in das Studium der altfranzösischen Sprache*. Tübingen, 1950. *R. P. F.*, 11, 2 (1961), p. 587-588. Sep.

1962

Inquérito linguístico (Questionário). Coimbra, ed. do A., 2ª ed., 1962. 105 p. [Com desenhos de Fernando Galhano].

LINGUAPHONE INSTITUTE – *Curso de Português*. (De colab. com Jacinto do Prado Coelho, Luís de Sousa Rebelo e outros). London, [1962]. 16 discos e textos.

"O 'mapa dos dialectos e falares de Portugal Continental'". (De colab. com Maria Helena Santos Silva). In: IX CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA ROMÂNICA, Lisboa, 1959 – *Actas*. Lisboa, 1962, vol. 3, p. 85-112 + 4 map. [Incluído na colectânea de *Estudos de linguística*].

1962–1963

"Vida do Instituto de Estudos Românicos". *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 801-814. Sep.

Recensões críticas a:

Anais do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula. 3 vols. Rio de Janeiro, 1956–1959. *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 696-697. Sep.

ARNAUT, Salvador Dias – *A crise nacional dos fins do século XIV*. Coimbra, 1960. *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 772. Sep.

BAHER, Rudolf – *Spanische Verslehre auf historischer Grundlage*. Tübingen, 1962. *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 755-756. Sep.

BAL, Willy – "Matabiche et dasch". Léopoldville, 1962. *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 593-594. Sep. [Incluída na colectânea de *Estudos de linguística*].

Enciclopedia lingüística hispánica. Dirigida por M. Alvar, e outros. Introdução de Ramón Menéndez Pidal. Tomo I. Madrid, 1960. *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 675-677. Sep.

GRAÇA, Fernando Lopes e GIACOMETTI, Michel – *Antologia da música popular portuguesa*: 1. Trás-os-Montes (discos e texto das canções). 2. Algarve. 3. Oito cantos transmontanos (cantados) por Francisco Domingues, natural de Paradela. 4. Minho (disco e letras; transcrições de Maria Alice). Lisboa, 1961–1963. *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 674-675. Sep.

JORDAN, Iorgu – *Einführung in die Geschichte und Methoden der romanischen Sprachwissenschaft*. Berlin, 1962. *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 691. Sep.

Itinerários régios medievais. I – Itinerário del-rei D. Dinis 1279–1325. Lisboa, 1962. *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 775-776. Sep.

JÚLIO, Sílvio – *Literatura, folclore e linguística da área gauchesca no Brasil*. Rio de Janeiro, 1962. *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 760. Sep.

KRÖLL, Henz – "Portugiesisch 'cantou-lhas bem cantadas'". Louvain, 1961, *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 701. Sep.

LINGUAPHONE INSTITUTE – *Curso de português*. London, 1962. *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 671-673. Sep.

MELO, D. Francisco Manuel de – *A visita das fontes*. Edição (...) por G. Manuppella. Coimbra, 1962. *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 762. Sep.

Omagiu lui Iorgu Jordan cu prilejul implinirii a 70 de ani. Bucuresti, 1958. *R. P. F.*, 12, 1 (1962–1963), p. 265-268.

PABST, Albrecht – *Genuswechsel im Portugiesischen*. Bonn, 1961. *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 704. Sep.

- PINO SAAVEDRA, Yolando – *Cuentos folklóricos de Chile*, 2 vols. Santiago de Chile, 1960. *R. P. F.*, 12, 1 (1962–1963), p. 349. Sep.
- POP, Sever – *Encyclopédie de la Philologie Romane. Langues et dialectes de la Romania*. Louvain, 1956–1957. *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 694.
- RICKEN, Ulrich – ‘Gelehrter’ und ‘Wissenschaft’ im Französischen. (*Beiträge zu ihrer Bezeichnungsgeschichte vom 12-17. Jahrhundert*). Berlin, 1961. *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 733-734. Sep.
- RITA-FERREIRA, A. – *Bibliografia etnológica de Moçambique. (Das origens a 1954)*. Lisboa, 1961. *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 780-781. Sep.
- SAMPAIO, Bernardo Pedral – “Gentílicos, topónimos e alcunhas colectivas, referentes aos municípios do Estado de São Paulo, Brasil”. Lisboa, 1961. *R. P. F.*, 12, 1 (1962–1963), p. 268-269.
- THOMAE, Elga – *Französische Reisebeschreibungen über Spanien im 17. Jahrhundert*. Bonn, 1961. *R. P. F.*, 12, 1 (1962–1963), p. 366. Sep.
- Verbo. *Enciclopédia luso-brasileira de cultura*, vol. I. Lisboa, 1963. *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 668-670. Sep.
- VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de – *Elucidário das palavras, termos e frases, que em Portugal antigamente se usaram (...)* Edição crítica baseada nos manuscritos e originais de Viterbo por Mário Fiúza. Porto, 1962. *R. P. F.*, 12, 2 (1962–1963), p. 670-671. Sep. [Incluída na colectânea *Estudos de linguística*].

1963–1980

"Dissertações de licenciatura". *Diário de Coimbra*, Coimbra, 16 Mar. 1963. Verbo. *Enciclopédia luso-brasileira de cultura*. Lisboa, Editorial Verbo, vol. I, 1963, e segs., até vol. XX (Suplemento), 1980, artigos sobre:

Ali (Manuel Said)	Bréal (Michel)
Alonso (Amado)	Brunot (Ferdinand)
Argote (Jerónimo Contador de)	Coelho (Adolfo)
Ascoli (G. I.)	Krüger (Fritz)
Aulete (Caldas)	<i>Onomasiologia</i>
Barreto (João Franco)	<i>Onomástica</i>
Barreto (Mário)	<i>Palavras e coisas</i>
Bopp (Franz)	Piel (Joseph M.)
Brasil: <i>Língua portuguesa</i> (este de	<i>Toponímia</i>
colaboração com Gladstone	Viana (A. R. Gonçalves)
Chaves de Melo)	Vossler (Karl)

1964

"Metodologia do estudo etimológico de palavras antigas e modernas". In: BOLÉO, Manuel de Paiva – *Lições de Linguística Portuguesa* (2ª parte): *Sumários, bibliografias e alguns textos de consulta*. Coimbra, ed. do A., 1964, p. 309-333. Sep.

1964-1965

"Algumas tendências e perspectivas da linguística moderna". *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 279-344. Sep. de 78 p.

– Recensões críticas a:

AGRON, P. – "Service d'immigration pour le vocabulaire technique". [Paris], 1956. COMBET, Georges – "Sur la nomenclature des techniques". [Paris, s. d.]. – "Journée de la terminologie technique". [S. l.], 1958. *Fiches du Comité d'Etudes des Termes Techniques Français*. [Paris], 1958–1963. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 409-411.

BASTIAENSEN, C. e M., A. A. R. – *Le cérémonial épistolaire des chrétiens latins. Origine et premiers développements*. Nijmegen, 1964. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 542. Sep.

- BEINHAUER, Werner – *El español coloquial*. Madrid, 1963. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 574. Sep.
- CARDOSO, Carlos Lopes – "Uma fechadura de madeira colhida em Pungo-Andongo". Fribourg, 1963. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 608-609. Sep.
- CARVALHO, José Herculano de – "Um tipo literário e humano do barroco: o 'cortesão discreto'". Coimbra, 1963. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 620-621. Sep.
- CONGRÈS (VIII^{ème}) DE LA FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE PROFESSEURS DE LANGUES VIVANTES, Vienne, 1962 – *Actes*. Wien, 1964. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 602-605. Sep.
- COSTA, Alexandre de Carvalho – *Nótulas etnográficas e linguísticas alentejanas apresentadas em expressões populares*. Portalegre, 1964. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 562. Sep.
- COSTA, Avelino de Jesus da – *Origem e evolução do culto de N^ª S^ª da Conceição em Portugal*. Braga, 1964. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 639-640.
- DIAS, Manuel Nunes – *O capitalismo monárquico português (1415–1549). Contribuição para o estudo das origens do capitalismo moderno*. 2 vols. Coimbra, 1963. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 640.
- DOPPAGNE, Albert – "Le blason populaire dans les Ardennes françaises et belges". Firenze, 1961. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 588. Sep.
- ELIA, Sílvio Edmundo – *Dicionário gramatical português*. Porto Alegre, 1962. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 534. Sep.
- Europäische Schlüsselwörter*, 2 vols. München, 1963. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 534-536. Sep.
- HAADSMAN, R. A. e NUCHELMANS, J. – *Précis de latin vulgaire suivi d'une anthologie annotée*. Groningen, 1963. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 544. Sep.
- HALL, Robert A. – *Idealism in Romance linguistics*. New York, 1963. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 536. Sep.
- Internationales Jahrbuch für Geschichtsunterricht*, vols. II-IX. Braunschweig, 1964–1965. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 642-643.
- LOURINHÃ, Hilário da – *Vida do honrado Infante Josaphate filho del rey Avenir*. Introdução e notas por Margarida Correa de Lacerda. Lisboa, 1963. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 627-628. Sep.
- MAURO, Frédéric – "Le Brésil au XVII^e siècle". Coimbra, 1963. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 644.
- Medium Aevum Romanicum. Festschrift für Hans Rheinfelder*. München, 1963. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 546-548. Sep.
- METTMANN, Walter – *La historia de la Donzella Teodor*. Wiesbaden, 1962. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 614. Sep.
- MIGLIORINI, Bruno – *Parole nuove*. Milano, 1963. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 598-599. Sep.
- NUCHELMANS, J. – Ver HAADSMAN.
- POLLIN, Alice M. e KERSTEN, Raquel – *Guia para la consulta de la 'Revista de Filología Española' (1914–1960)*. New York, 1964. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 412-413.
- PORZIG, Walter – *El mundo maravilloso del lenguaje*. Madrid, 1964. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 538. Sep.
- RABANALES, Ambrosio – "Las siglas: un problema de fonología española". Santiago de Chile, 1963. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 583-584. Sep.
- RIBEIRO, Margarida – "Estudos sobre a Aldeia da Glória (Salvaterra de Magos)". Lisboa, 1963. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 567-568. Sep.
- RIBEIRO, Orlando – *Aspectos e problemas da expansão portuguesa*. Lisboa, 1962. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 647-648.
- RONA, José Pedro – "La frontera lingüística entre el portugués y el español en el norte del Uruguay". Porto Alegre, 1963. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 585. Sep.

- ULLMANN, Stephen – *Semántica. Introducción a la ciencia del significado*. Madrid, 1965. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 540-541. Sep.
- Verbo. Enciclopédia luso-brasileira de cultura*. Vol. 4. Lisboa, 1966. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 650-651.
- VIDOS, B. E. – *Manual de lingüística románica*. Madrid, 1963. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 555. Sep.
- Weltoffene Romanistik. Festschrift Alwin Kuhn zum 60. Geburtstag*. Innsbruck, 1963. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 555-558. Sep.
- ZAMBOTTI, Pia Laviosa – *España e Italia antes de los romanos*. 2ª ed. Madrid, 1955. *R. P. F.*, 13, 1-2 (1964–1965), p. 652-653.

1965

- "O estudo das relações mútuas do português e do espanhol na Europa e na América, e influência destas línguas em territórios da África e da Ásia". In: BOLÉO, Manuel de Paiva – *Lições de Linguística Portuguesa* (2ª parte). Coimbra, ed. do A., 1965, p. 411-470. Policopiado. (Incluído na colectânea de *Estudos de linguística*).
- Lições de Linguística Portuguesa*, (2ª parte): Sumários e bibliografias. 2ª ed. Coimbra, ed. do A., 1965. 120 p. Policopiado.
- "O problema da importação de palavras e o estudo dos estrangeirismos (em especial dos francesismos) em português". In: BOLÉO, Manuel de Paiva – *Lições de Linguística Portuguesa* (1ª parte). Coimbra, 1965, p. 283-330. Policopiado.
- "O problema da importação de palavras e o estudo dos estrangeirismos (em especial dos francesismos) em português". 2ª ed. rev. e ampl. Coimbra, *O Instituto*, vol. 127, 1965. 63 p.

1966

- Recensão crítica a: MALER, Bertil – *Orto do Esposo*. Texto inédito do fim do século XIV ou começo do XV. Rio de Janeiro, 1956. *Stud. Neoph.*, 38, 1 (1966), p. 131-136.

1967

- Nomenclatura gramatical portuguesa. Texto oficial e trabalhos preparatórios*. (De colab. com Augusto Silva Reis Góis, Francisco da Costa Marques, Adriano Leite Teixeira e Maria Alice Nobre Gouveia). Lisboa, Ministério da Educação Nacional: Gabinete de Estudos e Planeamento da Acção Educativa, 1967, 120 p.

1968

- "O 'espaço linguístico' português". In: I SIMPÓSIO LUSO-BRASILEIRO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA, Coimbra, 1967 – *Actas*. Coimbra, 1968, p. 25-30. Sep.

1969

- "Alcuni problemi del paesaggio dialettale portoghese, specialmente della parlata meridionale". In: CONVEGNO INTERNAZIONALE SUL TEMA: GLI ATLANTI LINGUISTICI, PROBLEMI E RISULTATI, Roma, 1967 – *Problemi attuali di scienza e di cultura. Atti*. Roma, 1969, vol. 3, p. 115-132, e ("Discussione") p. 133-137. Sep. [Incluído na colectânea de *Estudos de linguística*].

1969

- Os estudos de linguística românica na Europa e na América desde 1939 a 1960*. Organizado [e nota preambular] por... Coimbra, Casa do Castelo, 1969, IX + 457 + 4 p. Suplemento bibliográfico da *R. P. F.*, vol. 2.

1969–1971

- "Colóquio sobre atlas linguísticos: Problemas e resultados (Roma, 1967)". *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 830-831. Sep.

- "XII Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas. (Bucareste, 1968)". *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 832-834. Sep.
- "Ismael Roque Ferreira (1899–1969)". *R.P.F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 894-895. Sep.
- "Notas bibliográficas da 'Revista Portuguesa de Filologia'". *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 891-893. Sep.
- "Vida do Instituto de Estudos Românicos. Conferências". *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 835-836. Sep.
- "Conferência pelo Prof. espanhol Dr. A. Badia Margarit". *Diário de Coimbra*, 4 Mar. 1969.
- "Dissertações de licenciatura em Linguística Portuguesa, orientadas desde 1960 a 1973 por M.P.B.". *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 837-852. Sep.
- "Trabalhos de investigação linguística realizados no Instituto de Estudos Românicos". *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 853-890. Sep.
- Recensões críticas a:
- AGRON, Pierre – *Le langage des techniques*. Namur, 1965. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 558. Sep.
- ALARCÃO, Alberto de – *Mobilidade geográfica da população de Portugal. (Continente e Ilhas Adjacentes). Migrações internas, 1921–1960*. Lisboa, 1969. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 704-705. Sep.
- ALMEIDA, Manuel Lopes de – *Artes e ofícios em documentos da Universidade. Século XVII*. Coimbra, 1970. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 705. Sep.
- BALDINGER, Kurt – "Designaciones de la cabeza en la América Española". México, 1964. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 530. Sep.
- BALDINGER, Kurt – *Teoria semântica. Hacia una semântica moderna*. Madrid, 1970. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 442-443. Sep.
- BALDINGER, Kurt – "Zur Entwicklung der Tabakindustrie und ihrer Terminologie". Heidelberg, 1969. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 708. Sep.
- BARBOSA, Jorge de Morais – *A língua portuguesa no mundo*. Lisboa, 1968. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 490-491.
- BARREIROS, Gaspar – *Chorographia*. Coimbra, 1968. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 708. Sep.
- BERRUTO, Gaetano – *Dialecto e società industriale nella Valle d'Andorno*. Torino, 1970. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 586. Sep.
- Biblioteca Románica Hispánica. Libro de índices*. Madrid, 1969. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 742. Sep.
- BUESCU, Maria Leonor Carvalhão – *Dizer e representar*. Porto, [1969]. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 492. Sep.
- Bulletin Analytique de Linguistique Française*. Nancy, 1969. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 349-350.
- CARDOSO, Jerónimo – *Oração de sapiência proferida em louvor de todas as disciplinas*. Reprodução fac-similada da edição de 1550. Introdução de Justino Mendes de Almeida. Lisboa, 1965. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 494. Sep.
- CARTER, Henry Hare – *The Portuguese book of Joseph of Arimathea*. Chapel Hill, 1967. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 495. Sep.
- COLÓQUIO (V) INTERNACIONAL DE ESTUDOS LUSO-BRASILEIROS, Coimbra, 1963 – *Actas*. 4 vols. Coimbra, 1965. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 498-500. Sep.
- CONGRESSO (1º) DE ETNOGRAFIA E FOLCLORE, Braga, 1956 – *Actas*. Lisboa, 1963. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 405-407.
- CONGRESSO INTERNACIONAL DE ETNOGRAFIA, Santo Tirso, 1963 – *Actas*. 6 vols. Lisboa, [s. d.]. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 407-411.

- COSTA, Alexandre de Carvalho – "Entretimentos etnográficos e filológicos". Matosinhos, 1965–1969. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 501. Sep.
- COSTA, Avelino de Jesus da – "População da Cidade da Bafa em 1775". Coimbra, 1965. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 715. Sep.
- Dicziunari rumantsch grischun*. Winterthur, 1970. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 597-598. Sep.
- Estudos linguísticos: Crioulos*. Reedição de artigos publicados no "Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa". Introdução e notas de Jorge Morais Barbosa. Lisboa, 1967. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 502-503. Sep.
- Europäische Schlüsselwörter. Wortvergleichende und wortgeschichtliche Studien*. München, 1967. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 451-452. Sep.
- FELGUEIRAS, Guilherme – *Cancioneiro popular transmontano e alto-diurense*. Lisboa, 1960. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 643. Sep.
- FELGUEIRAS, Guilherme – "As varinas de Lisboa". Lisboa, 1965. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 644. Sep.
- FREIRE, José Galdes – "Um neologismo e uma fonte literária". Lisboa, 1969. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 503-504. Sep.
- FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da – "Bases científicas do ensino moderno das línguas". Lisboa, 1968. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 619. Sep.
- GARCIA DE DIEGO, Vicente – *Diccionario de voces naturales*. Madrid, 1968. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 535. Sep.
- HALL JR., Robert A. – "The 'Neuter' in Romance: a pseudoproblem". [New York], 1965. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 478. Sep.
- KRÖLL, Heinz – "Zum exklamativen 'se' im Portugiesischen". Barcelona, 1961. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 506. Sep.
- MADAHIL, António Gomes da Rocha – *Museu Marítimo e Regional de Ílhavo*. Lisboa, 1965. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 651-652. Sep.
- In memoriam: Henrique da Silva Fontes*. Florianópolis, 1966. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 752. Sep.
- MERÊA, Paulo – *História e Direito. (Escritos dispersos)*. Coimbra, 1967. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 727. Sep.
- MIGLIORINI, Bruno – *Dal nome proprio al nome comune*. Firenze, 1968. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 592-593. Sep.
- MONCADA, L. Cabral de – "Manuel Paulo Merêa. Esboço de um perfil". Coimbra, 1969. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 753. Sep.
- MOSER, Fernando de Melo – "Liturgia e iconografia na interpretação do 'Auto da Alma'". Lisboa, 1962. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 690. Sep.
- NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. – "Crítica etimológica". Lisboa, 1967. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 510. Sep.
- OLIVEIRA, António de – "Para a história do significado botânico de milho zaburo". Coimbra, 1967. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 730. Sep.
- OLIVEIRA, Aláide Lisboa de – *Poesia na escola*. Orientação-didáctica. Belo Horizonte, 1966. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 729. Sep.
- OLIVEIRA, José M. Pereira de – "Para uma classificação tipológica da casa rural". Coimbra, 1965. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 730. Sep.
- PARSONS, Elsie Clews – *Folclore do Arquipélago de Cabo Verde*. Lisboa, 1968. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 655. Sep.
- PEREIRA, Benjamim Enes – *Bibliografia analítica de etnografia portuguesa*. Lisboa, 1965. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 754. Sep.

- PIEL, Joseph M. – "Sobre os apelidos portugueses do tipo patronímico em -ici/-es (Rodrigues)". Lisboa, 1965. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 512-513. Sep.
- POLOMÉ, Edgar C. – *Swahili language handbook*, Washington, 1967. *R.P.F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 626. Sep.
- REINHART, Karla. – *Spanische Lehnwörter in französischen Berichten über Spanienreisen des 16. und 17. Jahrhunderts*. Heidelberg, 1963. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 577-578. Sep.
- REMACLE, Louis – *Documents lexicaux extraits des archives scabinales de Roanne (La Gleize), 1492–1794*. Paris, 1967. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 578. Sep.
- RIBEIRO, Orlando – *Ensaios de geografia humana e regional*. Vol. I: Trinta e cinco anos de estudos geográficos. Lisboa, 1970. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 734. Sep.
- RIBEIRO, Orlando – *Portugal. O Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa, 1967. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 735. Sep.
- ROMALO, Valeria Gutu – "Limba portugheză". Bucuresti, 1962. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 514. Sep.
- RONA, José Pedro – *El dialecto 'fronterizo' del Norte del Uruguay*. Montevideo, 1965. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 549. Sep.
- SANTOS, Ana de Sousa – "Quitandas e quitandeiras de Luanda". Luanda, 1967. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 661-662. Sep.
- SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos – *O Mosteiro de Jesus de Aveiro*. Lisboa, 1967. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 736. Sep.
- SOARES, Torquato de Sousa – *Contribuição para o estudo das origens do povo português*. Sá da Bandeira, 1970. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 738-739. Sep.
- TORRES, Artur de Almeida – *O idioma do Brasil*. Niterói, 1967. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 520. Sep.
- VALKHOFF, Marius F. – *Studies in Portuguese and Creole, with special reference to South Africa*. Johannesburg, 1966. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 521. Sep.
- VASCONCELOS, J. Leite de – *Etnografia portuguesa*. Vols. 4 e 5. Lisboa, 1958–1967. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 665-666. Sep.
- VENY I CLAR, Joan – "Els noms de l' 'esternut' en català". Barcelona, 1970. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 554-555. Sep.
- Verbo. Enciclopédia luso-brasileira de cultura*. Vol. 13. Lisboa, [s. d.]. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 436.
- VIDOS, B. E. – "Français 'frise', espagnol 'frisa'". [Braunschweig], 1969. *R. P. F.*, 12, 1-2 (1969–1971), p. 583. Sep.
- VIDOS, B. E. – *Prestito, espansione e migrazione dei termini tecnici nelle lingue romanze e non romanze. Problemi, metodo e risultati*. Firenze, 1965. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 321-328.
- VIEIRA, Manuel Higinio – "Ementas gilvicentinas". Lisboa, 1969. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 703. Sep.
- VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de – *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal se usaram e que hoje regularmente se ignoram!...* Edição crítica por Mário Fiúza. Porto, [s. d.]. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 523. Sep. [Incluída na colectânea de *Estudos de linguística*].
- Vocabolario dei dialetti della Svizzera Italiana*. Lugano, 1970. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 596. Sep.
- WILLIAMS, Frederick G. – "Breve estudo do 'Orto do Esposo' com um índice analítico dos 'exemplos'". Lisboa, 1968. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 524. Sep.
- Wortgeographie und Gesellschaft. Festgabe für Ludwig Erich Schmitt*. Berlin, 1968. *R. P. F.*, 15, 1-2 (1969–1971), p. 632-633. Sep.

1970

Temas de Linguística Portuguesa e Românica. (Sumários, resumos e bibliografia de cinco lições). Coimbra, XLVI Curso de Férias. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1970. 22 p.

1970-1971

Lições de Linguística Portuguesa, (2ª parte): Sumários, bibliografias e resumos. 3ª ed. Coimbra, ed. do A., 1970-1971. 162 p. Policopiado.

1971

"Linguistique, géographie et unités dialectales subjectives au Portugal". In: XII CONGRES INTERNATIONAL DE LINGVISTICĂ SI FILOLOGIE ROMANICĂ, Bucuresti, 1968 – *Actele* [Actas]. Bucuresti, 1971, vol. 2, p. 323-342 + 1 map. desd. [Incluído na colectânea de *Estudos de linguística*].

Lista das teses de licenciatura em Linguística Portuguesa, orientadas, desde 1942 até 1971 por M.P.B. Coimbra, Instituto de Estudos Românicos, 1971. 24 p. Policopiado.

Materiais do "Dicionário dos falares portugueses modernos" e seu confronto com o "Grande dicionário da língua portuguesa" de Morais. Coimbra, ed. do A., 1971. 10 p. Policopiado.

"O português básico no ensino dos 'leitorados'". *Bol. Gab. Port. Leit.*, 21 (1971), p. 127-144.

Temas de Linguística Portuguesa e Românica. (Sumários, resumos e bibliografia de cinco lições). Coimbra, XLVII Curso de Férias. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1971. 59 p. Policopiado.

Textos de consulta para as lições de Linguística Portuguesa, (2ª parte). (Trechos de trabalhos esgotados do professor da cadeira). Coimbra, ed. do A., 1971. 126 p. Policopiado.

[Mapa de] *Portugal. Inquéritos linguísticos realizados, sob a direcção de M. PAIVA BOLÉO, por correspondência (em 1942), por meio de inquéritos directos (de 1944-1971).* R.P.F., vol. XV, 1969-1971. [Mapa desenhado, sob a orientação de P. B., por Fernando de Freitas Coroadó]. Incluído na R. P. F., vol. XV, 1969-1971.

1972

"Fontes de informação bibliográfica para trabalhos de investigação linguística". In: BOLÉO, Manuel de Paiva – *Seminário de Linguística Portuguesa (Sumários e bibliografias).* Coimbra, ed. do A., 1972, p. 27-51. Policopiado.

Inquérito linguístico. Questionário organizado por... Reimpressão da 2ª ed. policopiada. Coimbra, ed. do A., 1972. 105 p. il.

Seminário de Linguística Portuguesa. (Sumários e bibliografias). Coimbra, ed. do A., 1972. 53 p. Policopiado.

Temas de Linguística Portuguesa e Românica. (Sumário, resumos e bibliografia de cinco lições). Coimbra, XLVIII Curso de Férias. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1972. 120 p. Policopiado.

1973

"Relação do latim com as línguas modernas". In: COLÓQUIO SOBRE O ENSINO DO LATIM, Coimbra, 1973 – *Actas.* Coimbra, 1973, p. 201-225. Sep.

Temas de Linguística Portuguesa e Românica. (Sumários, resumos e bibliografia de cinco lições). Coimbra, XLIX Curso de Férias. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1973. 127 p. Policopiado.

"Os valores temporais e modais do futuro imperfeito e do futuro perifrástico em português". *Biblos*, 41 (1965 [só aparecido em 1973]), p. 87-115. Sep. de 31 p.

1974

[Mapa de] *Portugal continental e Ilhas Adjacentes (Madeira e Açores). Inquéritos linguísticos realizados, sob a direcção de M. PAIVA BOLÉO, por correspondência (em 1942), por meio de inquéritos directos (de 1943-1973, inclusive).* [Mapa desenhado, sob a orientação de P. B., por Fernando de Freitas Coroado. Incluído na colectânea de *Estudos de linguística*, vol. I, tomo II.

1974-1975

Estudos de linguística portuguesa e românica, vol. I: *Dialectologia e história da língua*, em dois tomos de XVI + 473 + 266 p. e 17 mapas. Coimbra, 1974 e 1975.

1976

"O problema das terminologias científicas e técnicas. (A propósito do 'Fonds International pour les Terminologies Romanes', Florença, Março de 1972)". *R. P. F.*, 16, (1972-1974), p. 814-846. Sep. de 1976, 46 p.

"XIII Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas (Québec, 1971)". *R. P. F.*, 16, (1972-1974), p. 847-856. Sep. 1976, 13 p.

"Vida do Instituto de Estudos Românicos". *R. P. F.*, 16, (1972-1974), p. 857-889. Sep. 1976, 40 p.

"Le matériel de l'I.L.B. et quelques études de comparaison avec l'Atlas linguístico de la Península Ibérica' et l'Atlas prévio dos falares baianos". *R. P. F.*, 17, (1976-1978), p. 339-385 e 4 mapas. Sep. 1976, 54 p.

– Recensões críticas a:

ALMEIDA, Nelly Alves de – *Estudos sobre quatro regionalistas*. Goiás, 1968. *R. P. F.*, 16, (1972-1974), p. 661.

ÁLVARES, Frei João – *Obras*. Edição crítica com introdução e notas de Adelino de Almeida Calado, 2 vols., 1960. *R. P. F.*, 16, (1972-1974), p. 662.

"*Arqueólogo (O) Português*", *Índices dos volumes I-XXX (1895-1938)*, elaborados por Margarida Ribeiro. Lisboa, 1973. *R. P. F.*, 16, (1972-1974), p. 718.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de – "A edição crítica de textos portugueses". Lisboa, 1972. *R. P. F.*, 16, (1972-1974), p. 663-664.

BAL, Willy – *Introduction aux études de linguistique romane, avec considération spéciale de la linguistique française*. Paris, 1966. *R. P. F.*, 16, (1972-1974), p. 461-462.

BALDINGER, Kurt – *La formación de los dominios lingüísticos en la Península Ibérica*. Madrid, 1972. *R. P. F.*, 16, (1972-1974), p. 591.

BEINHAUER, Werner – *El humorismo en el español hablado*. Madrid, 1973. *R. P. F.*, 16, (1972-1974), p. 591.

Bibliografia do folclore brasileiro, organizada por Bráulio do Nascimento com colaboração de Cydnéa Bouyer. Rio de Janeiro, 1971. *R. P. F.*, 16, (1972-1974), p. 719.

BOYD-BOWMAN, Peter – *Léxico hispanoamericano del siglo XVI*. London, 1972. *R. P. F.*, 16, (1972-1974), p. 592.

BOUYER, Cidnéa – Ver *Bibliografia do folclore brasileiro*.

CALADO, Adelino de Almeida – Ver ÁLVARES, Frei João.

CARVALHO, José G. Herculano de – *A difusão da língua portuguesa em África*, Luanda 1971. *R. P. F.*, 16, (1972-1974), p. 568.

CARVALHO, José G. Herculano de – *Estudos linguísticos*. Coimbra, 1973. *R. P. F.*, 16, (1972-1974), p. 569.

CASTRO, Estevão Rodrigues de – *Obras poéticas em português. Textos editos e inéditos colligidos, fixados, prefaciados e anotados por Giacinto Manuppella*. Coimbra, 1967. *R. P. F.*, 16, (1972-1974), p. 667-668.

- CINTRA, Luís F. Lindley – *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa, 1972. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 570-571.
- Classificação nacional das profissões*, 8 vols., 1966–1972. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 698-699.
- DIAS, José Sebastião da Silva – *A política cultural da época de D. João III*. Coimbra, 1969. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 703.
- Dicziunari rumanstsch grischun*, fasc. 74. Winterthur, 1973. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 635.
- DIETRICH, Wolf – *Der periphrastische Verbalaspekt in den romanischen Sprachen*. Tübingen, 1973. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 558.
- Französische Fachwörterbücher. Dictionnaires scientifiques et techniques français* bearbeitet von Fritz Heinzmann. Berlin, 1967. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 726.
- GARRET, Almeida – *Viagens na minha terra. Introdução, selecção, notas e glossário de Ofélia M. Caldas Paiva Monteiro*. Coimbra, 1973. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 675.
- Glossaire des patois de la Suisse Romande*, tomo VI. Neuchâtel. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 609-610.
- Habla (El) de la ciudad de México. Materiales para su estudio*. México, 1971. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 595-596.
- HEINZMANN, Fritz – Ver *Französische Fachwörterbücher*.
- LEITÃO, Ruben Andresen – *A importância do fundo do real erário para a história do Brasil*. Lisboa, 1972. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 707.
- LUZ, Maria Albertina Mendes da – Ver VÁZQUEZ CUESTA, Pilar.
- MEIER, Harri – *Die Onomasiologie der Dummheit*. Heidelberg, 1972. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 561-562.
- METZELTIN, Michael – *Die Terminologie des Seekompasses in Italien und auf der Iberischen Halbinsel bis 1600*. Basel, 1970. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 628-629.
- Micro Robert. Dictionnaire du français primordial*. Paris, 1971. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 616-617.
- MONTEIRO, Ofélia Milheiro Caldas Paiva – *A formação de Almeida Garrett*, 2 vols. Coimbra, 1971. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 682.
- MONTEIRO, Ofélia M. Caldas Paiva – Ver GARRET, Almeida.
- MORREALE, Margherita – "Aspectos gramaticales y estilísticos del número". Madrid, 1971. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 600.
- Mundo (O) da edição luso-brasileira* (de colab. com Jorge Peixoto). Mem Martins, 1969. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 403-408.
- NASCIMENTO, Bráulio do – Ver *Bibliografia do folclore brasileiro*.
- NICKEL, Gerhard (ed.) – *Papers in contrastive Linguistics*. Cambridge, 1971. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 534-535.
- OLIVEIRA, António de – *A vida económica e social de Coimbra de 1537 a 1640*, 2 vols. Coimbra, 1971 e 1972. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 708-709.
- "*Paideia. Rivista letteraria di informazione bibliografica*", ano 28, 1973. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 734.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha – *Temas clássicos na poesia portuguesa*. Lisboa, 1972. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 684.
- Povos e culturas. Exposição*. Lisboa, 1972. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 712.
- RIBEIRO, Margarida – Ver "*Arqueólogo (O) Português*".
- ROHLFS, Gerhard – *Romanische Sprachgeographie. Geschichte und Grundlagen, Aspekte und Probleme mit dem Versuch eines Sprachatlas der romanischen Sprachen*. München, 1971. R. P. F., 16, (1972–1974), p. 503-505.

- ROSSI, Nelson (e colaboradores) – 1. *Atlas prévio dos falares baianos*. 2. *Introdução, questionário comentado, elenco das respostas transcritas*. Rio de Janeiro, 1965. *R. P. F.*, 16, (1972–1974), p. 583-584.
- ROSENBLAT, Ángel – *Buenas y malas palabras en el castellano de Venezuela*. Caracas e Madrid, 1969. *R. P. F.*, 16, (1972–1974), p. 602-603.
- SAETTELÉ, Hans – *Das französische passé composé*. Zürich, 1971. *R. P. F.*, 16, (1972–1974), p. 618-619.
- SCHEUERMEIER, Paul – "*Regioni ergologiche nel mondo agrario italiano*". Bonn, 1972. *R. P. F.*, 16, (1972–1974), p. 659.
- SERRA, Pedro Cunha – "Alqueive". Lisboa, 1971. *R. P. F.*, 16, (1972–1974), p. 585.
- Serviços bibliográficos da Livraria Portugal*. Lisboa [1973]. *R. P. F.*, 16, (1972–1974), p. 737.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e – *Teoria da literatura*. Coimbra, 1973. *R. P. F.*, 16, (1972–1974), p. 689.
- THOSS, Dagmar – *Studien zum 'locus amoenus' im Mittelalter*. Wien e Stuttgart, 1972. *R. P. F.*, 16, (1972–1974), p. 691-692.
- Universität (Die) Bochum. Gesamtplanung*. Stuttgart e Bern, 1965. *R. P. F.*, 16, (1972–1974), p. 715-716.
- VÁZQUEZ CUESTA, Pilar e LUZ, Maria Albertina Mendes da – *Gramática portuguesa*, 2 vols. Madrid, 1971. *R. P. F.*, 16, (1972–1974), p. 587.
- Verbo. Enciclopédia luso-brasileira de cultura*, vols. 14 e 15. Lisboa, 1973. *R. P. F.*, 16, (1972–1974), p. 716-717.
- WANDRUSZKA, Mario – "Esquisse d'une critique comparée de quelques langues européennes". Strasbourg, 1967. *R. P. F.*, 16, (1972–1974), p. 540.
- WANDRUSZKA, Mario – *Interlinguistik: Umriss einer neuen Sprachwissenschaft*. München 1971. *R. P. F.*, 16, (1972–1974), p. 540-541.
- ZAMORA VICENTE, Alonso – *Ramón del Valle-Inclán: "Luces de Bohemia"*. Madrid, 1973. *R. P. F.*, 16, (1972–1974), p. 694.

1977

- Crestomatie romanică* întocmită sub conducerea Acad. Iorgu Iordan [por vários colaboradores]. Bucuresti, 5 vols., 1962, 1965, 1968, 1971 e 1974. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 864-868. Sep.

1978

- Inquérito linguístico. Questionário* organizado por... 3ª edição. [Com uma Nota prévia de Maria de Fátima de Rezende F. Matias, prefácio e aditamentos de P. B., e desenhos de Fernando Galhano]. Aveiro, 1970, XI + 258 p.

Elísio de Moura. Vida e obra. Testemunhos – Prefácio. Sep. Coimbra, 1978, 15 p.

1979

- "Prof. Dr. Fritz Krüger (1889–1974)". *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1193-1207. Sep. 1979, 22 p.
- "Dr. Guilherme Braga da Cruz (1916–1977)". *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1211-1220. Sep. 1979, 13 p.
- "Maria Palmira da Silva Pereira (1921–1976)". *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1221-1239. Sep. 1979, 23p.
- "O 'Trésor de la langue française' (com referência a trabalhos de lexicografia portuguesa)". *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1241-1266). Sep. 1979, 46 p. [com quatro Anexos que não foram incluídos no volume].

"Vida do Instituto de Estudos Românicos". *R. P. F.*, 17, p. 1267-1287. Sep. 1979, 25p.

– Recensões críticas a:

- ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA – *Dicionário da língua portuguesa*, vol. I. Lisboa, 1976. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 938-939.

- ACADEMIA REPUBLICII SOCIALISTE ROMÂNIA – *Distionarul Limbii Române* (DLR), tomo VIII. Bucuresti, 1978. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1158-1159. *Actes du XIII^e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*. Québec, 1976. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1148-1157.
- ALI, M. Said – *Investigações filológicas*. Rio de Janeiro, 1975. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 939.
- ALVAR, Manuel – *Atlas lingüístico de los marineros peninsulares. Cuestionario*. Madrid, 1974. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 976-977.
- ARNAUT, Salvador Dias – Ver *Livro (O) de cozinha*.
Atlas linguarum Europae (A.L.E.) Introduction. Assen, 1975. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 894-895.
- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de – *Uma visão brasileira da literatura portuguesa*. Coimbra, 1973. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1044-1045.
- Boletim de Bibliografia Portuguesa*. Lisboa, s.d. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1103-1104.
- CENTRE INTERNATIONAL DU DROIT DES AFFAIRES (CIDA) – *Lexique pratique commercial*. Paris, 1973. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 992-993.
- CORREIA, José Eduardo Horta – *Liberalismo e catolicismo. O problema congreganista (1820–1823)*. Coimbra, 1974. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1081.
- COXITO, Amândio A. – *Lógica, semântica e conhecimento na escolástica peninsular pré-renascentista*. Coimbra, 1977. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1082.
- Dicionário da língua portuguesa* – Ver ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA.
Dictionarul Limbii Române – Ver ACADEMIA REPUBLICII SOCIALISTE ROMÂNIA.
- FARIA, Isabel Hub – "Conjuntivo e a restrição da frase-mais-alta". Lisboa, 1974. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 949-952.
- FONSECA, Fernanda Irene e FONSECA, Joaquim – *Pragmática lingüística e ensino do português*. Coimbra, 1977. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 952.
- GOMES, Joaquim Ferreira – *A educação infantil em Portugal*. Coimbra, 1977. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1085.
- Inventaire des travaux de terminologie*. Québec, 1976. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1111.
- Istoria știintelor în România. Lingvistica*. Bucuresti, 1975. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1112.
- KARLINGER, Felix e ÜBLEIS, Inge – *Südfranzösische Sagen*. Bielefeld, 1974. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1034.
- Livro (O) de cozinha da Infanta D. Maria de Portugal*. Edição de Giacinto Manuppella e Salvador Dias Arnaut. Coimbra, 1967. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 954-955.
- MAÇÃS, Delmira – "Fórmulas interlocutórias do diálogo no português moderno coloquial". Coimbra, 1976. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 956.
- MANUPPELLA, Giacinto – Ver *Livro (O) de cozinha*.
- MEIER, Harri e WOLL, Dieter – *Portugiesische Märchen*. Düsseldorf e Köln, 1975. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1035.
- Memoriam (In) António Jorge Dias*, 2 vols. Lisboa, 1974. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1116-1117.
- MONTENEGRO, Aura – *Dislexia-disortografia*. Coimbra, 1974. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1089-1090.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando e PEREIRA, Benjamim – *Alfaia agrícola portuguesa*. Lisboa, 1976. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1038-1039.
- Questionário lingüístico*. Publicações do Atlas lingüístico de Portugal e da Galiza, 3 vols. Lisboa, 1974. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 965-966.
- Répertoire des thèses de doctorat*, 3 vols., Bruxelles, 1973–1974, 1974–1975 e 1975-1976. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 1161.
- STEN, Holger – *L'emploi des temps en portugais moderne*. København, 1973. *R. P. F.*, 17, (1975–1978), p. 969-970.

- TEYSSIER, Paul – *Manuel de la langue portugaise (Portugal-Brésil)*. Paris, 1976. *R. P. F.*, 17, (1975-1978), p. 970-972.
- VALKHOFF, Marius F. (e colaboradores) – *Miscelânea luso-africana*. Lisboa, 1975. *R. P. F.*, 17, (1975-1978), p. 972-974.
- VASCONCELOS, J. Leite de – *Etnografia portuguesa*, vol. VI. Lisboa, 1975. *R. P. F.*, 17, (1975-1978), p. 1042.
- Verbo. Enciclopédia luso-brasileira de cultura*, vols. 16, 17 e 18. Lisboa, 1974, 1975 e 1976. *R. P. F.*, 17, (1975-1978), p. 1098-1099.
- WANDRUSZKA, Mario – "Mehrsprachigkeit". Düsseldorf, s.d. [1976?]. *R. P. F.*, 17, (1975-1978), p. 913.
- WOLL, Dieter – Ver MEIER, Harri.
- ZUMTHOR, Paul – *Essai de poétique médiévale*. Paris, 1972. *R. P. F.*, 17, (1975-1978), p. 1074.

1980

- "Fritz Krüger". *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 20 (Suplemento), col. 299-301: Sep.
- "Joseph M. Piel". *Verbo. Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 20 (Suplemento), col. 826-828. Sep.

Nota Final

Esta bibliografia restringe-se a assuntos lingüísticos e filológicos e só abarca a produção até 1980. Uma lista mais ampla de assuntos e domínios, também até 1980, encontra-se no 1º volume da Biblos em honra ao Doutor Boléo (Vol. LVII - 1981), donde se extraíram estas indicações. [E.B.]

ARTIGOS

O REINO DA ESTUPIDEZ¹

Olmar Guterres da Silveira
UERJ/UFRJ

O reino da Estupidez; o sítio onde vicejou e onde, com o auxílio de outros monstros do obscurantismo, teve a seus pés a mentalidade dos homens; a sede que elegeu para, absoluta, impedir o esclarecimento das pessoas – é Portugal, mais certamente a Universidade de Coimbra, aí pela segunda metade do século XVIII.

Pelo menos, é o que afirma o poema satírico – muito mais sátira do que poema – que com este título correu em cópias manuscritas, lidas com muito gosto, ou azedume, por toda gente que freqüentava então a velha Universidade – alunos, ou religiosos, ou lentes.

As muitas cópias de mão existem na Biblioteca da Universidade de Coimbra, na da Universidade de Lisboa e ainda em Bibliotecas Públicas, em Braga, no Porto e em Évora. Imprimiram-se edições, já no século XIX, em Paris, Lisboa e Hamburgo. Como o texto, nesses exemplares manuscritos e impressos, é mal reproduzido, pela própria condição de clandestinidade – segue-se que é muito difícil o estabelecimento de um original inteiramente confiável. Para o resumo que apresento, utilizei a edição Bobée, saída em Paris, em 1818, tal como transcrita por MÁRIO DE LIMA (Coleção de autores mineiros. Poetas, vol. I; B. Horizonte, 1922).

*

Os esforços da administração pombalina haviam já alcançado a Universidade de Coimbra, de lá tentaram retirar as manchas que enodoavam o ensino, mas não chegaram a bom resultado, pois foi maior a reação provinda de homens e idéias apegados ao passado. Estava por esta época a Universidade de Coimbra extremada em campos contrários e exatamente caracterizados: os tradicionalistas e os imbuídos

1 Texto lido em sessão do Liceu Literário Português

das idéias francesas, isto é, os renovadores. Na expressão sugestiva de TEÓFILO BRAGA (Hist. da Univ. de Coimbra, III, p. 677):

Quando o governo do Principal Mendonça estava nesta situação tensa, em que se achava o corpo docente dividido na Universidade que Deus haja e na Universidade que Deus guarde, como diziam os espectadores a frio, caiu em este microcosmo uma bólide, uma Sátira intitulada o Reino da Estupidez, que foi lida por todos avidamente, apesar de circular em cópias manuscritas.

Foi assim que apareceram, em 1784 ou 1785, as cópias de um poema satírico em versos brancos, cujos quatro cantos divulgam uma história fantástica para pôr a nu o espírito mesquinho e atrasado que a Universidade (re)adquirira sob a direção do Principal MENDONÇA.

Compõem a sátira 177 versos no Canto I; 364, no II; no Canto III, 310 versos, e 321 no Canto IV, o último. Com um total de 1172 versos, não é tão pequena a obra.

O panfleto – pois a inspiração poética não lhe permite mais alta definição – apareceu sem declaração de autoria; é verdade que uns poucos manuscritos vinham atribuídos a certo FABRÍCIO CLÁUDIO LUCRÉCIO, mas a evidência do pseudônimo provocou contra várias pessoas, assim alunos como professores. Entre outros, foi indicado como autor o brasileiro ANTÔNIO PEREIRA DE SOUSA CALDAS, o CALDINHAS – depois afirmado o grande poeta sacro. Razões não faltavam, antes a muitos sobravam, para – ao menos com o chiste da sátira – censurar a vida na Universidade. O certo, porém, é que não foi identificado o verdadeiro autor da sátira: FRANCISCO DE MELO FRANCO, mineiro de Paracatu.

Tendo estudado no Rio, no Seminário de S. Joaquim – que a lucidez política de BERNARDO DE VASCONCELOS, mais tarde, transformou no Colégio Pedro II – foi MELO FRANCO cursar Medicina em Coimbra. Amor entranhado à verdade científica pautou a conduta deste nosso patricio na Universidade, onde foi contemporâneo daquele SOUSA CALDAS – presumido autor da sátira – e de JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E SILVA, a quem se atribui certa forma de colaboração – esta, sim, bastante e certamente provável. É, de fato, uma pena que não se tenha podido determinar a exata medida dessa participação – e temo que não consigamos algum dia fazê-lo.

MELO FRANCO, e também o CALDINHAS, foram ambos atingidos pelo braço castigador da Inquisição: de 1777 a 1781 sofreu prisioneiro o nosso autor, recolhido ao Convento de Rilhafoles, o mesmo Auto da Fé, celebrado na Sala do Santo Ofício de Coimbra, aos 26 de agosto de 1781, pune ambos os estudantes, SOUSA CALDAS por “herege, naturalista, deísta e blásfemo” – e MELO FRANCO por “herege, naturalista, dogmático, e por negar o Sacramento do Matrimônio”.

Algumas das cópias manuscritas apresentam um Prólogo, em prosa, a perfeita definição das idéias que inspiraram a sátira; a certa altura, tendo apontado a franqueza do ensino universitário, afirma MELO FRANCO, dirigindo-se ao poema:

“Deves, pois, confessar que a reforma trouxe à Universidade as Ciências Naturais, que na verdade tiveram e têm ainda alguns mestres dignos de tal nome, mas que estes ficam tão submergidos pela materialidade dos Companheiros que fazem a maior porção, que para os distinguir é preciso ter vista bem perspicaz; tanto reina ainda aqui mesmo a Estupidez.

Adverte, enfim, que não reparem em não fazeres menção dos Senhores Teólogos, devendo ser os primeiros, porque *ex fructibus eorum cognoscetis eos* (Mat. VII, 16) ou, invertendo, *ex illis cognoscetis fructus eorum*”.

JOÃO RIBEIRO, em nota explicativa na edição que preparou integrante do volume intitulado *Satíricos portugueses*, acusa de injusta e cruel, por deslocada no tempo em relação aos fatos, a obra de MELO FRANCO; mas a narração simples e compreensível, ratificada a cada passo por informações calcadas na verdade histórica, deixa nítido o estado que lá se mantinha, de maioria contrária às novas medidas saneadoras.

*

Abre o poema uma proposição que lembra a Eneida, de Virgílio; não é Enéias o herói, mas a Estupidez – a “mole Estupidez”. E corre o poema, com uma invocação e, por fim, a narrativa: a Estupidez, banida de todos os países desenvolvidos – onde a Ciência se firmou e esclarece o pensamento humano – resolve procurar um sítio onde possa estabelecer-se, e reinar:

Não canto aquele herói pio, e valente,
que depois de ter visto a cara pátria
a cinzas reduzida, e campo vasto,
mil p'rigos contrastando um clima busca
aonde com os seus ditoso seja.
A mole Estupidez cantar pretendo,
que distante da Europa desterrada
na Lusitânia vem fundar seu reino.
(i, 1 – 8)

E, logo a seguir, a invocação:

Dita-me, ó Musa, que eu não posso tanto,
os nobres feitos, e diversos casos,

que a esta grande empresa acompanharam.
(i, 9 – 11)

A Estupidez,

um feio monstro de cruel figura,
desgrenhados cabelos, olhos vesgos,
disforme ventre, circular semblante
(i, 12 – 14)

sai do seu antro e se lamenta do estado de clausura a que se viu reduzida, ela que “em outro tempo pela Europa toda” mereceu respeito. Magoada, pensa consigo mesma:

“É possível, que sendo venerada
em outro tempo pela Europa toda,
hoje aqui viva sem domínio, ou mando,
nestas brenhas incultas desterrada?
É possível, que a Deusa, que usurpara
de Sábua o nome, e ser de Jove filha,
dos meus vastos domínios me expelisse,
e haja sobre o meu posto o seu trono!
Esta inação quero deixar um dia.
Não há de ser assim; essa tirana
há de ver uma vez o quanto posso”.
(i, 21 – 29)

Resolve lutar; rapidamente se dirige ao reino escuro
aonde mora a macilenta Inveja,
co’ a furiosa, e vingadora Raiva.
(i, 31 – 33)

Pede auxílio às irmãs; como não sejam bastantes, convocam ainda o Fanatismo, a Hipocrisia e a Superstição. E em grupo – segundo Apocalipse – vão em busca de algum lugar onde possam com segurança instalar-se:

Em forte batalhão todas armadas
os Elementos turbam: negra nuvem
de mil coriscos prenhe se encaminha
à parte, donde sopra o frio Noto.
(i, 55 – 58)

A investida dos monstros é um cataclisma! Em primeiro lugar a França: o Fanatismo procura impor ao povo as suas máximas – esforço vão: o povo o expulsa. Nenhum efeito conseguem af os insistentes esforços da Superstição, ou da Hipocrisia. Desesperados de conquistar a França, buscam a Inglaterra – onde não obtêm guarida para a sua investida.

Minerva – a deusa tutelar – temerosa de que algum povo fraqueje ante o assédio dos monstros,

convoca em continente um grão congresso
daqueles que sustentam fortemente
o seu brilhante e majestoso trono.

(i, 104 – 106)

A fala da deusa, e a notícia dos sucessos de França e Inglaterra, inspiram forças e ardor no ânimo das nações esclarecidas. Esvai-se o projeto da Estupidez, e seus parceiros.

Em lugar oculto, nas sombras, estão reunidos os furiosos inimigos da Luz. Lamenta-se a Raiva; sugere o Fanatismo:

A vosso, e meu pesar já tendes visto
que suamos em vão; Minerva impera
nos duros peitos desta gente infame;
Deixemos pois estes gelados climas,
bem digna habitação de tais cabeças;
Daqui fuçamos para o Meio Dia,
País de toda a Europa o mais ditoso;
aqui mais resistência não teremos:
o Povo habitador deste terreno
apesar dos passados contratemplos
a meu mando viveu sempre sujeito.
Não chores, cara Irmã; o teu Império,
segundo creio, lá verás fundado.
Fugir, fugir desta inimiga terra!

(i, 160 – 173)

Surte efeito a fala do Fanatismo – e a verdade dos fatos:

Todas a uma voz prontas concordam;
da fria região logo desertam,
a sobre as asas dos ligeiros ventos
as amenas Espanhas vão buscando.

(i, 174 – 177)

*

Era alta noite, e o enregelado Inverno
já coçava a sacudir as asas,
que ao sereno gotejam frio orvalho;
dormia tudo e só nas ermas ruas
errantes cães ladrando se encontravam:

foi então que a Lisboa rica, e vasta
em segredo baixou o bando infame.
Se à soberba Madri primeiro iriam,
hesitaram, em quanto o Fanatismo
não decidiram, que no Luso Reino,
como mais certo, começar deviam.
(ii, 1 – 11)

Assim começa o Canto II: por proposta do Fanatismo, desistem da “soberba Madri”, e descem na “Lisboa rica e vasta”. Resolvem ir disfarçados a todos os lugares, para sentir o povo – tudo percorrem, figurados

já de homem, de mulher, de moço, ou velho,
de casquilho, de frade, ou de jarreta”.
(ii, 25 – 26)

Finalmente, depois de longa observação, encontram-se novamente

Em oculto lugar, que não perturbam
nem o tropel dos anafados machos,
nem das velozes rodas o ruído
e nem do povo o barulhento trato,
lugar que fica além do Claro Tejo
as vagas sentinelas se congregam.
(ii, 33 – 38)

A Raiva toma a palavra; narra o caso que viu: é o que aconteceu quando um fidalgo – petulante conquistador – agrediu um velho ao defender este a filha, vítima dos gracejos insistentes que lhe fazia. Ferido no corpo e no ânimo, foi o velho às autoridades, à espera de justiça:

Em resposta o Ministro só lhe torna:
Amigo, são Fidalgos!... Tenho feito
da minha parte o que fazer podia:
para os pequenos só as leis têm força.
(ii, 92 – 95)

Prossegue a Raiva:

Vi de noite roubar, também de dia;
uma forte quadrilha de marujos
é quem faz por ali maior faxina:
nada medo lhe põe, zombam da ronda,
que de vis sapateiros é composta,
e de outros tais, que dormitando levam,

por espadas, espetos ferrugentos.
(ii, 98 – 104)

Toca a vez de falar à Superstição, que MELO FRANCO descreve e ridiculariza nesta caricatura:

Mas fazendo primeiro mil momices,
o chão prostrada por três vezes beija;
outras tantas rosnando certas cousas,
faz sobre o coração quinhentas cruces.
Debaixo da camisa também tira
uma grande almofada, que constava
de muitas orações, muitas relíquias,
já contra mal feitiços, contra a peste,
e muitas contra a tentação da carne.
(ii, 108 – 116)

Jubilosa – mudaram os tempos! – vê que podem agora novamente instalar-se em campo fértil para o obscurantismo:

Tão outro Portugal agora vejo,
que o mesmo não parece; quem diria
que estas pobres mulheres perseguidas
do Dragão infernal, em pouco tempo,
havam de encontrar pelos conventos
pronto socorro a seus cruéis tormentos?
Mal haja esse Judeu, esse tirano,
o Paulo de Carvalho, homem ferino,
que às tristes proibiu este remédio.
(ii, 122 – 130)

Prossegue a Superstição; expõe às companheiras o triste espetáculo de exorcismo, que vira praticado por um frade:

Aflitas mães com filhos entre os braços
ante os pés do Exorcista se apresentam.
Umás lhe dizem que cruéis lombrigas
as pobres criancinhas martirizam,
outras lhe pintam os horríveis danos
que aqueles inocentes recebiam
de uma sua vizinha, geralmente
por bruxa, e feiticeira reputada.
(ii, 179 – 186)

A tudo traz remédio a benzedura do frade, que, após a terrível e esfalfante sessão, recebe presuntos, peras e bom vinho:

A sua caridade isto lhe rende,
e ser entre os seus padres respeitado.
(ii, 197 – 198)

E, concluindo a exposição, parece-lhe que deram com a escolha certa para estabelecimento do seu império:

Lisboa já não é, torno a dizer-vos,
a mesma, que há dez anos se mostrava:
é tudo devoção, tudo são terços,
romarias, novenas, via-sacras;
aqui é a nossa terra, aqui veremos
a nossa cara Irmã cobrar seu Reino.
(ii, 199 – 204)

Fala, a seguir, a Hipocrisia:

A fina Hipocrisia é quem se segue.
C'os olhos baixos, macilento rosto,
longos vestidos de cor parda, e negra
a fazer sua vênia se levanta.
(ii, 205 – 208)

O relato é duro, e condena as pompas do clero, ao lado da miséria e da fome:

Se o venerando Apóstolo das gentes
aqui aparecesse, poderia
por companheiro ter um homem destes?
(ii, 275 – 277)

E mais adiante:

Santa Religião, tempos ditosos!
Ou tu não és a mesma, ou teus Ministros
de pastores o nome não merecem.
(ii, 283 – 285)

Tem a palavra o Fanatismo, que exercia a presidência da reunião. Resume as informações trazidas pelas companheiras e, finalmente, escolhe o local onde se estabelecerão – Coimbra, e não Lisboa. Reproduzo inteira a fala do Fanatismo:

A vossa exposição (assim começa)
com prazer escutei; tudo promete
um êxito feliz à nossa empresa.
Aquele furioso e ardente zelo
que em Paris fez correr rios de sangue

na celebrada noite dos Franceses,
aquele matador, e fero gênio,
que os duros Castelhanos animava
a regar d'Indiano sangue um dia
o México, e Peru, entre este povo
agora mesmo eu incitar podia.
Um Inglês, um gentio, um maometano,
se as leis civis o não vedassem tanto,
com a mesma presteza assassinados
aqui seriam, como a um cão se mata;
pois por alma de cão qualquer é tido
que a santa Fé de Roma não professa.
Agora, pois, só resta que assentemos
se deve ser aqui, ou em Coimbra,
a nossa cara Irmã entronizada.
Nesta Corte, anos há, se tem fundado
uma cousa chamada Academia:
mas isto quanto a mim sem diferença
é um corpo sem alma, que não pode
produzir ação própria, ou um fantasma,
que em bem poucos minutos se dissipa.
O meu voto é que vamos demandando
o mesmo assento, donde foi lançada
a mansa Estupidez, injustamente.

(ii, 330 – 358)

*

Começa o Canto III pela descrição de Coimbra, e das belas paisagens do Mondego e dos montes circunjacentes: o único momento poético da peça, segundo a maioria dos críticos. No entanto, rapidamente retorna o autor à sátira:

a linda perspectiva da Cidade,
que tem tanto de bela, quanto é dentro
imunda, irregular e mal calçada.
A terra é pobre, é falta de comércio,
o povo habitador é gente infame,
avarenta, sem fé, sem probidade,
inimiga cruel dos Estudantes,
mas amiga das suas pobres bolsas.

(iii, 16 – 23)

Corre em Coimbra a notícia de que a Estupidez se aproxima, para retomar seus domínios: é o assunto do dia. Há, em especial pelos conventos, muita alegria e esperança. Na Universidade, o principal Mendonça – “o grande Chefe” – convoca o claustro universal, para votação das medidas que se devam adotar. Reitor, lentes e

doutores estão sentados, e cada um dará seu parecer. Inaugura a série o lente primaz de Teologia. O voto deste lente é favorável ao domínio da Estupidez; e MELO FRANCO lhe empresta como argumento a antiguidade e a desnecessidade de novos estudos. Toda a renovação que sofrera a Universidade – diz o lente – constituiu um esbulho:

Ocultas vos não é a violência
com que foi desta posse desbulhada.
(iii, 72 – 73)

Prossegue o orador, negando o valor dos estudos e novos métodos: a tranquilidade da vida prescinde da ciência.

Há cousa mais cruel, mais desumana,
mais contrária à razão, que ver os médicos
um cadáver humano espatifando,
um corpo, que habitou o Espírito Santo?
Nunca tal praticastes, ó bom Lopes,
quando pelo Natal em um carneiro
o bofe, o coração, as tripas todas
a teus hábeis discípulos mostravas.
(iii, 108 – 115)

Termina por sugerir que seja a Estupidez recebida com júbilo, para que “o que foi sempre seu em paz governe.” A totalidade dos becas, e dos frades, seguiu o parecer pronunciado; quanto à outra porção do alto conselho, os chamados lentes de capa e espada, igualmente muitos votaram da mesma forma.

Cabe a vez de falar a TIRCEU, nome que disfarça o Dr. MONTEIRO DA ROCHA, lente primaz de Matemática – a grande figura que MELO FRANCO exalta na sátira. Este Dr. JOSÉ MONTEIRO DA ROCHA foi educado pelos jesuítas no Rio de Janeiro; mais tarde, já reconhecido homem de valor, recebeu – ao tempo de POMBAL – a incumbência de colaborar na reforma da Universidade. Diz JOÃO RIBEIRO que o MONTEIRO DA ROCHA foi mestre, em Lisboa, do príncipe D. PEDRO (o nosso futuro Imperador PEDRO I). Há dele manuscritos inéditos, obras de notável valor no campo da Matemática e da Astronomia.

O voto de TIRCEU é lapidar: aponta o grande mérito da reforma pombalina:

Trazei, sábios ilustres, à memória
aquele tempo em que contentes vistes
entrar nesta cidade triunfante
o grande invicto, o imortal Carvalho.
(iii, 152 – 155)

E, mais adiante:

Vistes ao grão marquês, qual sol brilhante,
da escura noite dissipando as trevas,
a frouxa Estupidez lançar ao longe
e erigir à ciência novo trono.

(iii, 161 – 164)

TIRCEU verbera aquela gente toda, que aparentara alegria ante as reformas de POMBAL – fingida alegria, pois no íntimo o repudiava. Reconhece o orador que perderá na eleição daquele conselho, mas:

Se algum de vós, ilustres companheiros,
comigo pensa, sem temor exponha,
apesar da torrente, os seus discursos.
As almas varonis nunca temeram,
ainda à vista dos maiores p'rigos,
pela glória da pátria, e da verdade,
expor a vida, derramar seu sangue...

(iii, 202 – 208)

Emocionara-se TIRCEU até às lágrimas; e o autor o justifica:

Os homens grandes, os varões preclaros
também sabem chorar, quando a ternura
a bem da humanidade os estimula.

(iii, 212 – 214)

Contra ele, os adversários: rancorosos, disfarçam e fingem troçar do orador. O Reitor, indeciso, sem saber como procederia, perde o sono; agitado, aflito, percebe que nos Colégios e nos dois Conventos fartas comilanças e copiosa bebida prelibavam a vitória, contada como certa, da maioria favorável à Estupidez. Patrício – o camareiro – recomenda-lhe que coma, e durma: tudo terá boa solução.

Come algo o Reitor, e procura o leito.

Neste ponto, imagina MELO FRANCO um estratagema deveras curioso, e bem formado. As Fúrias – companheiras da Estupidez – que tinham estado no Claustro geral e de tudo tinham conhecimento, dirigem-se sorrateiramente à caverna onde vive Morfeu, o deus do sono:

Ao sombrio lugar, onde descansa
o lânguido Morfeu, ligeiras voam

(iii, 259 – 260)

Querem, sem que o perceba o deus, conseguir as mimosas florinhas que lhe servem de travesseiro. É empresa arriscada, buscam-nas e sentem já os efeitos do

sono, mas rapidamente obtêm umas poucas daquelas soníferas florinhas – e se dirigem apressadamente ao quarto do Reitor:

E de improviso ao belo quarto chegam,
aonde ainda perplexo o Presidente
com os olhos no teto vigiava.
Mal das flores se espalha o grato cheiro,
boceja, estende os braços, adormece.
(iii, 274 – 278)

Aqui, o requinte da fábula que imaginou MELO FRANCO: o Fanatismo, na forma de um pequeno rapaz – a caricatura de um anjo – aparece, voejando em torno do leito; subliminarmente, diz o que deva ser feito, e inspira ao Reitor os atos que cumpre realizar. E some; some tranqüilo, pois neste ponto dos fatos já nada teme:

Nem Minerva sutil, e poderosa,
aqui já lhe fazia a menor guerra.
Deixou por uma vez os portugueses,
como gente rebelde e refratária,
com a sua ignorância, e prejuízos,
docemente abraçados.
(iii, 294 – 299)

Acorda o Reitor, e toma por decisão o que em sonho lhe foi ditado:

Da cama salta, e a toda a pressa manda
que venha o Secretário, e os Escreventes.
Um comprido edital se lavra logo;
que as ordens da visão continha todas,
pelas mesmas palavras, com que a ouvira.
O douto Secretário, que em Aveiro
alçou já vara branca, o *subscripsi*
põe no fim do papel, e o Presidente
por extenso se assina em letra grande.
(iii, 302 – 310)

Este Secretário era GASPAR HONORATO DA MOTA E SILVA; dele faz troça MELO FRANCO, a propósito de ter alterado a fórmula consagrada de fechamento do texto – *subscripsi*. No entanto, TEÓFILO BRAGA refere fato que envolveu o principal MENDONÇA, o Dr. JOSÉ MONTEIRO DA ROCHA e o Secretário; pelos correspondentes documentos, reproduzidos na *Hist. da Univ. de Coimbra*, a figura do Secretário GASPAR DA MOTA E SILVA adquire contornos de alta firmeza moral e exaçaõ, em que pese ao errinho de Latim.

*

Tem início o canto IV. Afixado o edital, grande é o reboliço. Todos querem lê-lo; e quem dele recebeu notícia faz questão de pessoalmente confirmá-la. MELO FRANCO faz desfilar pelos versos do Canto IV uma legião de interesseiros, indolentes, desonestos, e aí aparecem os estudantes:

Deixam os Estudantes nos bilhares
a partida no meio; e, perturbados,
das capas lançam mão, como sucede;
mas o dono da casa, que o barato
não dá por bem parado, clama e grita:
Parceirinhos, pagar!; nada me importa
que venha a Estupidez, ou que não venha.
(iv, 9 – 15)

Lá vergasta ainda os estudantes:

Outros, no Sete-é-ponto extasiados,
no Wisth, no Marimba, e mais na Banca,
os dados com as cartas deitam fora.
(iv, 18 – 20);

Poucos escapariam à sua fúria:

Esta gente revolta, e mal criada,
tão soberba, e ociosa, que entre tantos
apenas se acham quando muito doze,
que o nome de Estudantes bem mereçam.
(iv, 30 – 33)

Enfim, a ansiedade é geral: todos aguardam a chegada da Estupidez vitoriosa. À sua vinda, em cortejo magnífico, pratica-se pomposo ritual de vassalagem: beija-mão e discursos. Finalmente, tem a palavra a nova deusa, que assim encerra sua extensa oração inflamada, e também o poema:

Em paz gozai (a deusa assim profere)
da minha proteção, do meu amparo.
Eu gostosa vos lanço a minha bênção;
continuai, como sois, a ser bons filhos,
que a mesma, que hoje sou, hei de ser sempre.
(iv, 317 – 321)

*

Este é o Reino da Estupidez, do brasileiro FRANCISCO DE MELO FRANCO, que o compôs – segundo consta, em quinze dias – e o divulgou, com pseudônimo. Alinha, inegavelmente, com as Cartas Chilenas, de GONZAGA; o Desertor

das Letras, de SILVA ALVARENGA; o Hissope, de ANTÔNIO DINIS, e muitos outros exemplares, entre os poemas satíricos espelhados no Lutrin, de BOILEAU. Mais longe, sem dúvida, os ecos de HORÁCIO e de SÊNECA, sem contar o jogo esplêndido das alegorias mitológicas. A uma composição assim imaginada provavelmente se pegarão exageros e falsas interpretações, mas é certo que vivem porque buscam a verdade, protestam contra os vícios. Como na atividade jornalística, são peças de circunstância, de um dado momento, e por isto mesmo traduzem a corajosa sinceridade de verberar a fraqueza, a inanidade moral de certos fatos, e de certos homens. Repito as palavras de ANTÔNIO CÂNDIDO:

É justamente essa ousadia que torna o Reino da Estupidez o mais ideologicamente legível de todos os poemas herói-cômicos de todos os do tempo, embora sendo literariamente o mais fraco.

Para terminar, tenho para mim que os ouvintes – conhecessem, ou não, o poema – não de estar dando graças por ter ele apenas quatro cantos; mais tivera, insuportável seria o meu excuro.

REGULARIDADE E IRREGULARIDADE NOS VERSOS DE J. RODRIGUES

Ramon Quintela Torreira
UERJ

1. Mário A. Perini, em sua "Nota sobre o uso das velocidades de enunciação na descrição de fenômenos fonológicos" prescreve:

"Desde o trabalho de Harris (1969) tem sido admitida a necessidade de levar em consideração a velocidade de pronúncia como fator condicionante na aplicação de regras fonológicas."

Refere-se o conhecido lingüista ao livro de James Harris, "Spanish Phonology", que descreve quatro graus de velocidade de enunciação, nomeando-os com sabor musical: largo, andante, allegretto e presto, do mais lento ao mais veloz.

O aqodamento da prescrição seccionadora das eras a.H. e d.H. implica a proscrição de pesquisas anteriores no âmbito da velocidade da pronúncia aplicada às regras fonológicas. Calem-se, pois, de Cunha e Ureña as notáveis soluções a respeito dos versos portugueses e espanhóis que tiveram.

Da admiração nutrida pelo Professor Celso Cunha, a cujas lições recorro com freqüência, surgiu este breve escrito, mais para enaltecer as qualidades do método de nosso grande medievalista do que por inerentes peculiaridades do ensaio. Valhame, sobretudo de "Regularidade e irregularidade na versificação do primeiro "Auto das Barcas", de Gil Vicente", como indica o nosso título, prosseguindo a tradição da "imitatio", a que recorreu também o autor de "Língua e Verso" em relação a obra de Ureña.

2. Os fenômenos de versificação, no presente trabalho, visarão exclusivamente a considerações de fatos lingüísticos. Assim, entre duas soluções plausíveis, uma de artifício poético, outra de caracterização de um fato de linguagem, privilegiaremos a última.

Num primeiro momento, levantamos as rimas que indicavam a possibilidade de comentários interessantes. Como, no entanto, alongaria em muitas folhas nosso trabalho, e sob muitos pontos repetiria comentários já tecidos por outros autores (cf., por exemplo, o artigo de Martinz de Aguiar sobre a "Fonética do Português do Ceará"), reservamos nossas observações sobre as rimas como elemento de reforço às que examinamos a respeito dos versos de J. Rodrigues. Que nos valha a intenção.

3. Segue a lista dos folhetos consultados, acompanhada de siglas que evitarão repetir enfadonhamente os títulos, exemplo a exemplo:

- a) "Cordel Tíatro e Curtura da Roça" – CTCR
- b) "A Vêrdadi sobri os Médico e o Foguetí da Imfrassão" – VMFI
- c) "Papai Noel e do Asfalto e na favela não passou" – PNAF
- d) "A missão do movimento bandeirantes" – MMB
- e) "Uma Viagem nos elétricos e o azougue das mini-saia" – VEAM
- f) "Prêvizões do fím do mundo ou a ecatombe mínera" – PFEM
- g) "O cardapio nordestino na feira dí são cristovo" – CNFS
- h) "Os Sofrimentos da Mulhér e Çeus Imenços Valor" – SMIV
- i) "O Castigo do Orgulhozõ" – CO
- j) "A dor qui mais doi no pobre é a dor da umilhação" – DPDU
- l) "O Nordeste brasileiro seus custume e sua gënte" – NBCG
- m) "O Brasil e o estudante pobre" – BEP
- n) "A Morte de Juscelino o ex-chefe da Nação" – MJCN
- o) "Instruções para os motoristas" – IM

Dos quatorze folhetos mencionados, apenas os dois últimos não foram totalmente produzidos pelo autor – sua impressão gráfica é industrialmente mais aprimorada e, segundo J. Rodrigues, "mexeram na língua". Os dois superpõem ao título na capa: "AUTOR: José Rodrigues de Oliveira". Já os demais, com exceção de PNAF, repetem a mesma impressão: "AUTOR: JOTA RODRIGUE". Em PNAF, a xilogravura é de autoria de J. Barros, o que justifica ser encimado pelo nome completo do corde – lista. Mas a composição dos versos pertence ao poeta analisado.

Sobre sua impressão tipográfica, informou-nos Jota Rodrigues ser um trabalho noturno (o dia, passa-o na venda dos folhetos). Com vista cansada, sem óculos, às vezes "troca as letra parecida". Eis uma indicação à margem dos estudos lingüísticos de que não podemos descurar: quantas análises hão de ter esbarrado em problemas por não levarem na devida conta as agruras da vida...

Não lhe emendo a obra. Limito-me a virar as letras que teimam em deitar em suas mãos, ou a suprir acentuação absurda, por troca tipográfica.

4. Evitarei discussões que me parecem estéreis sobre a maior ou menor conveniência de se apoiar um estudo a respeito de fatos fonológicos em documentação escrita. Limito-me a prestigiar uma tradição que muito nos legou em questões lingüísticas.

Vivemos numa sociedade de escrita. Desprezar tal dimensão é remeter a um estágio passadista, mais pobre.

Em segundo lugar, se dificuldades há no confronto entre fonema e grafema, cabe à perspicácia do lingüista superá-las, em vez de simplesmente resolver o problema com a mera amputação do código escrito.

Diz Saussure que a escrita é o simulacro da fala. Vamos além: concordamos com os que situam a escrita como um sistema autônomo. Ela é, muitas vezes denúncia mais do que similitude. Começaremos nossa pesquisa comprovando tal afirmação.

5. UM ERRO GRÁFICO: CHEI.

Lemos em CTCR, p. 3:

.....
 Para ir cantar foieto
 E todo **chei** de direito
 Eu seguia bem forgado

Obviamente, trata-se da palavra **cheio**. Falta-lhe o **o**. Mas não simplesmente o **o**. Falta-lhe conseqüentemente a sílaba. E o mais interessante é que a falta de sílaba torna o verso regular, pois toda a obra do cordelista é expressa com versos de 7 sílabas.

Poderíamos, utilizando um artifício poético, acrescentar a referida vogal e justificar a redondilha maior anexando o **E** inicial à última sílaba do verso anterior.

Não pensamos, contudo, ser a melhor solução. Em primeiro lugar, porque o ritmo não nos parece tão natural. Em segundo, pelo levantamento de versos com formação de ditongos semelhantes:

E embora cheio de tristeza
 (BEP, p.5)

Dispido cheios de vergonha
 (SMIV, p.2)

Seus santos seios e conçola
(SMIV, p.4)

Qui o prazer do veio retorna
(CNFS. p.3)

Tem pão doce de meio quilo
(CNFS, p.6)

O povo diz cheio de graça
(DPDU, p.4)

Cheio de pão velho e dormidos
(id., p.6)

Me jogaram ao meio do carro
(VEAM, p.1)

E eu no meio das pistoleiras
(id., p.15)

freio de pé e freio de mão
(IM, p.3)

Chamamos de freio de mão
(id., p.11)

É uma constante, pois, a apócope em palavras com os encontros /êy-yu/ ou /éy-yu/ do segundo ditongo. Logo, a forma gráfica **chei**, mais do que uma incorreção, é uma denúncia da pronúncia adequada. Reforçam nosso ponto de vista as grafias sublinhadas nos seguintes versos:

Não **odei** e nem dispreze
(DPDU, p.8)

Crei ser este o primeiro
(MMB, p.1)

6. NEM TUDO QUE RELUZ É OURO.

No verso "Dispido cheios de vergonha", a pronúncia do vocábulo **cheias** é /s e y z/. Deve-se a mesma ao fato de ser o único marcador de plural. Em muitos versos, no entanto, a presença do -s indicador de plural é meramente gráfica. São inúmeros os exemplos de casos de elisão, crase ou sinaleta que comprovam não ser tal letra pronunciada, regularizando-se, assim, os versos. Citemos alguns:

Paçava as **oras** a sonhar
(CTCR, p.4)

Os **deza**fiões e o repente
(id., p.7)

E pra muitos **ana**fabetos
(ib., p.7)

Doces banquetes **em** geral
(PNAF, p.2)

Pra **deputados** exelente
(SMIV, p.8)

E **nas** avalanchas bravia
(PFME, p.5)

São **obrigados** a viver
(CNFS, p.6)

Tinha os dentes **entra**melados
(VEAM, p.4)

Nesse caso, o ritmo impõe o silêncio da fricativa, que aparece unicamente como letra. Justificamos o conflito grafema vs fonema como divergência entre os ritmos da fala e o da composição gráfica, visto que os caracteres gráficos se enfileiram um a um.

Uma série de casos interessantes podem ser mencionados:

I. Seja o verso

Tomou de todos o dinheiro
(VEAM, p.4)

Para nós não se verifica o fenômeno da crase com o artigo. Antes, a pronúncia observada é /tôzu/ ou com alongamento da posterior tônica em ditongo /tôuzu/, numa dicção mais acentuada.

II. Já em

Os donos da caça trazia
(CTCR, p.5),

a alteração é mais drástica: /dõnda/, em que notamos a presença da nasal em final de sílaba, caso que uma fonética pouco preocupada com a sintaxe desconhece.

III. A terminação da 1ª pessoa do plural reduz-se a /m/ ou /mw/, segundo pronúncia mais ou menos acelerada em

Vamos apostar as mulheres
(VEAM, p.8)

Já temos a máquina montada
(IM, p.10)

e vamos a sexta lição
(IM, p.10)

IV. A última sílaba dos substantivos sublinhados se desfaz, passando a fricativa para o declive da sílaba anterior em:

Qui com **rizos** martirio e dor
(SMIV, p.1)

Aos **braços** do noivo ressona
(NBCG, p.6)

E sendo em **casos** de emergência
(IM, p.1)

E com poucos **mezes** depois
(NBCG, p.6)

Cabe ressalvar que, no último exemplo, nota-se o ditongo na pronúncia /mêyz/.

V. O mesmo se dá com a oclusiva bilabial em

Em **campos** fidelis e friburgo
(PFME, p.7).

VI. A fricativa também não é pronunciada em **mais**, no seguinte verso:

E mais uma vez la nos morros
(PNAF, p.1).

A palavra supracitada reduz-se a /may/.

VII. Verifica-se o mesmo apagamento do final da palavra com a terminação em -r. Difere dos casos anteriores por estar a letra na sílaba tônica:

Qui sem saber ler mincinor
A cobri e fazer velcinho
(CTCR, p.8)

Embora fuja ao centro de interesse de nosso estudo, por não interferir na questão da irregularidade métrica, **mincinor** reforça nossa análise.

Não é raro encontrar-se nos versos do cordelista a grafia **-or** indicando formas verbais em **-ou**. Vejam-se as rimas:

ficor – **gardor** – instrutor (CTCR, p.2)
profeçor – **decoror** – **transformor** (id., p. 7)
trabalhador – **valor** – **mator** (VMFI, p.7)
sonhor – **passou** – **ficou** (PNAF, p.7)
soluçou – **rolor** – **enganou** (id., id.)

Mesmo ao mesclar as grafias, a rima se mantém. A pronúncia, logo, é /ô/. Um exemplo, também em rimas, amplia nossa observação:

leitor – **mincinor** – **sor** (por sou) (CTCR, p.8)

Segundo o exemplo, /ôw/ igualmente se reduz a /ô/.

Cabe ressaltar, entretanto, que o poder da grafia se manifesta nas formas examinadas neste item. Ao se pedir ao poeta que, num ritmo demorado, pronuncie **mincinor**, **ficor**, etc., nota-se a presença da vibrante velarizada. É a hipercorreção.

Voltemos, agora, ao exemplo inicial. **Cobri** denuncia a pronúncia num ritmo normal ou veloz. E a regularidade do verso é obtida através da crase **cobri e** (ou, acho preferível, por alongamento da vogal anterior alta).

Casos de sinalefa, crase ou elisão também regularizam os versos em

A fazer o primero foieto
(CTCR, p.1)

Iscuto até manhecer o dia
(id., p.5)

Se chegava a ser estourado
(PFEM, p.4)

O dotor eraldo bulhões
(VMFI, p.1)

Chegava mostrar o fogão
(VEAM, p.9)

E pra pegar a condução
(id., p.13)

A forma **dotor**, no quarto exemplo, indica ser a redução de *ou/ôw/* norma também entre sílabas átonas, em ambientes não verbais, inclusive.

VIII. Exemplos anteriores já apontam para outro caso de interesse. Formas como **véio** e **foieto** demonstram a mudança da palatal em ditongo, conforme a seqüência: /véi 'u/ a /véyyu/, chegando a /véy/ num ritmo veloz. Em sílaba medial, /fol'êtu/ passa a /foyyêtu/, reduzindo-se a /fwetu/ quando pronunciado rapidamente.

A métrica permite-nos observar como norma o desaparecimento da última sílaba da palavra com a palatal nasal /ñ/, que sofre síncope.

Surge, então, um ditongo nasal decrescente que, em ritmo veloz, se reduz à vogal nasal: /sóziñu/ passa a /sóziyu/ depois a /sóziw/, chegando a /sózi/.

Note-se a flutuação da grafia, sobretudo no caso de /l'/, e a regularização dos versos ao considerarmos a pronúncia anteriormente analisada, nos seguintes exemplos:

A fazer o primeiro foieto
(CTCR, p.1)

E meu veio avô também
(id., p.1)

Fio de gato gato vem
(id., p.1)

E dos filho escuto um berreiro
(BEP, p.4)

Mais o velhinho prazenteiro
(PNAF, p.1)

Seus sapatinhos nas janelas
(id., p.1)

E no parquinho da avenida
(id., p.1)

E no seu rostinho infantil
(id., p.4)

No trenzinho se divertia
(id., p.5)

E tudo qui tinha no Parque
(id., p.5)

Em tombos e jiquitionha
(PFEM, p.5)

E linhares no espírito santo
(id., p.6)

etc.

Evidentemente, dicções como /fiw/ e /miw/, de **filho** e **milho**, /óyyus/ ou /óys/, de **olhos** se explicam da mesma forma. **Tinha** se reduz a /tya/. O monossílabo **lhe**, a /le/ ou /li/:

Qui os pais cortaro le o estudo
(BEP, p.7)

IX. O ditongo final átono nasal /ãw/ é pronunciado como vogal posterior átona oral, sendo representado algumas vezes pela letra **o**; no mesmo ambiente, /ey/ se pronuncia /i/, e, no texto escrito, aparece por vezes **e**.

Embora a pronúncia /ãw/ não interferisse, por artifícios poéticos, na contagem de sílabas métricas, registramos tal comportamento da fala como possibilidade de melhor tratar os fenômenos de versificação que ocorrem nesses casos. Os exemplos anexados devem, pois, chamar a atenção para a grafia **e/ou** resolução de elisões, crases e sinalefas nessa direção:

Qui os pais cortaro le o estudo
(BEP, p.7)

promovem a destruição – /vya/
(id., p.7)

Dero início a geração – /rwi/ ou /ri/
(SMIV, p.2)

E com vantagem assustadora – /jya/zya/ ou /ja/za/
(id., p.8)

Qui sofreram as consequências – /ras/
(PFEM, p.2)

Seus rios perdero as caixas – /rwas/ ou /ras/
(id., p.6)

Deram início a brincadeira – /rwi/ ou /ri/
(VEAM, p.12)

E soltaram uma gargalhada – /rwa/
(id., p.14)

etc.

Nos exemplos com alternativas, a segunda pronúncia corresponde a um ritmo mais veloz. Quanto à pronúncia de **uma** (/a/ ou /wa/), é a natural do registro do autor, quando em posição proclítica se encontra o vocábulo.

O monossílabo **não** torna-se átono em posição proclítica, reduzindo seu ditongo na fala (/n/). Antes de fonema vocálico, a posterior se altera em semivogal:

de no tratado **não** errar – /nwe/
(CTCR, p.1)

Mais dinheiro **não** acabava – /nwa/
(PNAF, p.5)

etc.

X. Os casos de haplogogia são dignos de nota por indicar uma tendência da fala, mais do que um artifício poético:

E **segundo diz o** ditado – /segdizu/
(CTCR, p.1)

E o Ponto **bazico qui** tenho – /báziki/
(BEP, p.3)

E ja **cançado dos** brinquedos – /kāsaduzu/
(PNAF, p.5)

- E vendo as **enchentes tirana** – /ixeti/
(PFEM, p.5)
- Tem **magicos qui ingoli** fogo – /máziki/
(CNFS, p.7)
- E **trabalhando todo** dia – /trabayãto/
(VMFI, p.7)
- E **pararuda de** lascar – /pãnarudi/
(VEAM, p.15)
- Surge o **escotismo masculino** – /tismas/
(MMB, p.2)
- O eixo de **comando de** válvula – /kkomãdi/
(IM, p.7)
- pelo **partido democratico** – /partide/
(MJCN, p.4)

Alguns casos de haplologia sobressaem por sua peculiaridade:

- E chegando no fim da linha
(id., p.15)
- E dormindo no frio chão
(BEP, p.2)
- Recomendando ao nobre povo
(PNAF, p.8)

Nesses casos, justifica-se a haplologia pelo registro dos gerúndios (**ndo**), cuja pronúncia é /nu/. Logo, temos nos versos, respectivamente: /segãnu/, /dorminu/ e /r'ekõmedãno/.

Embora pudéssemos argumentar que, no terceiro exemplo, a ditongação de **frio** /friw/ justificaria a regularidade do verso, a seqüência de duas sílabas tônicas é mais imprópria do que a primeira opção.

XI. Admitida a assimilação da linguodental, como vimos em X, torna-se fácil explicar as irregularidades em versos como:

- Qui pegando lapi i pape
(CTCR, p.7)

E seguindo sem ter destino
(CO, p.8)

Em tais ambientes, após a assimilação da dental oral sonora, as formas resultantes (/pegãnu/ e /siginu/) perdem a última vogal (/u/), o que é comum em sílabas átonas finais com fricativas (também com vogal /l/, como já vimos), vibrante e nasal. Logo: /pegã/ e /sigi/. Exemplo de apócope da vogal /u/ antecedida de vibrante é

Chamava-se homer batista
(CO, p.6)

A ausência da letra **o** em **Homero** é significativa, pois, com a transformação do vocábulo em dissílabo, temos a redondilha maior. Na página 8, mesmo sem deixar-se trair pela escrita, verifica-se o mesmo efeito em

E Ja sego homero não via.

XII. Dois versos mostram formas aferéticas em que o /a/ se confunde com o artigo:

Cendiaçe uma fogueira
(CTCR, p.3)

Iscuto até manhecer o dia
(id., p.5)

Considerando-se as redondilhas, vemos que não houve mero esquecimento de letra.

XIII. Não registramos, em toda a obra de J. Rodrigues, um encontro consonantal erudito. Resolvem-se todos com o uso do suarabácti:

Que mesmo Peneus rasgado
(PNAF, p.8)

Os aneis de siguimentos
(IM, p.6)

na chave da iguinição
(id., p.8)

Adimirado por ela
(DPDU, p.3)

Obiçervando a beleza
(BEP, p.4)

E num clima de inguinorancia
(SMIV, p.2)

Qui na obiscuridade
(id., p.4)

Dirige em ritimos normais
(id., p.7)

E sua intenção eu iginoro
(VEAM, p.12)

Uma leitura segundo padrão culto alto modificaria a estrutura rítmica dos versos citados. Os cinco primeiros são naturalmente redondilhas. O quinto verso exige, inclusive, a leitura destacada de todas as sílabas, valendo-se do hiato, recurso pouco usado pelo autor. Sobre o sexto, duas soluções alternam com a redução de uma sílaba de **inguinorancia**: o comportamento do **E** inicial, de que trataremos além, ou a apócope em **clima**: /klimde/. A redução, contudo, da última palavra não anula o princípio do suarabácti: são comuns na obra reduções de sílabas em polissílabos e em proparoxítonos, como exporemos a seguir. Neste último caso se inclui **ritimos**.

Não se deixa de ter suarabácti mesmo quando a escrita não o registra:

No impacto da batida
(MJCN, p.10)

Corrige todos os pneus
(IM, p.3)

Já vimos que a crase em **todos os** é normal da leitura do cordelista. Conservar-se a pronúncia de **pneus**, como se fosse monossílabo, quebraria o ritmo do verso.

Uma regra geral pode ser estabelecida sobre os exemplos anteriores: o registro do autor repudia encontro formado por oclusiva seguida de outra consoante. Desfaz-se o encontro com a inserção de /i/. Em **pneus**, o uso de e justifica-se por desfazer encontro consonantal de mesma sílaba, acrescentando a assimilação ao e tônico. Ainda assim, não é estranha a J. Rodrigues a pronúncia /pinêws/.

XIV. Vimos no item anterior que o cordelista, embora escreva **ritimo**, considera a palavra como dissílabo em seu verso.

Seria um erro pensar que a pronúncia preserva o grupo consonantal, justificando-se um pretenso erro gráfico o acréscimo da letra **i**.

Na realidade, há duas regras em etapas sucessivas:

a) A vogal /i/ desfaz, por suarabácti, o grupo consonantal. No caso específico de **ritmo**, isso provoca o surgimento de uma proparoxítona.

b) A proparoxítona sempre representou em nossa língua, sobretudo quando se trata de registro popular, uma dificuldade de pronúncia. Numa cadeia sonora, em ritmo normal ou acelerado, a seqüência de sílabas fracas não é captada com perfeição pelo ouvinte, que ou confunde o final do vocábulo ou o transforma em dissílabo.

É, pois, normal o deslocamento de /r'itmu/ para /r'ítimu/ e a posterior pronúncia /r'itmu/, com /t/ bem enfraquecido. Reforcemos nosso ponto de vista com outros exemplos:

Com um saco **plástico** na mão
(BEP, p.6)

Compra Pessego compra passas
(PNAF, p.6)

E dos olhos **lágrimas** rolor
(id., p.7)

Foi **vítima** de um mal tirano
(SMIV, p.2)

A maior **catraste** da vida
(PFEM, p.3)

Espirito santo e belem
(id., p.7)

porciuncula e macaé
(id., p.7)

Muitos **cadaveres** descia
(id., p.8)

Arvore de copa e chapel
(CNFS, p.1)

Era uma **lamina** afiada
(DPDU, p.3)

Pois seu **debito** o fais escravo
(NBCG, p.3)

E os **medicos** tratava o povo
(VMFI, p.3)

E as **dividas** por todo lado
(id., p.6)

Pois com a **musica** trepidente
(VEAM, p.15)

Nesses casos há redução da sílaba postônica medial, geralmente. No primeiro exemplo, entretanto, a pronúncia é /plásti/. A grafia atua como denúncia em

E o **exto** foi tão divino
(MMB, p.2).

Veja-se que a pronúncia /êzitu/ tornaria o verso irregular.

XV. Além da proparoxítona, notam-se alterações com polissílabos. Em alguns exemplos, coincidem, o que mais facilita a mudança. Já vimos **catastre** por catástrofe. Assim também

Comprar batata e **abroba**
(VEAM, p.10),

em que ainda há metátese da vibrante.

A pronúncia /zerõnma/ ou, mais freqüentemente /zerõma/ se realiza nos seguintes versos:

Dona geronima misquita
(MMB, p.2)

E dona jeronima misquita
(id., p.2)

Dona geronima asteiou
(id., p.5)

Indiquemos outras reduções de polissílabos:

Piraçicaba e paraibuna
(PFEM, p.2)

Há marcante redução do /i/, na primeira sílaba.

Itaperuna e muriaé

(PFEM, p.7)

A redução ocorre novamente com o /i/ da primeira sílaba.

Com algum atrevimento, aproveito o caso anterior para defender o mesmo princípio no caso de versos que, iniciados pela conjunção **e** e outras vogais (como os demonstrativos **o**, **a** ou os artigos definidos), são seguidas de consoante, como em

E de momento eu vi chegar

(VEAM, p.1)

O cordel no Brasil surgia

(CTCR, p.7)

etc.

Semelhante à redução de **Piracicaba** é a de **Dezenove em**

Dezenove de fevereiro

(VMFI, p.1)

4. CONCLUSÃO.

Evitamos comentar alguns fatos mais óbvios e contradições em compêndios didáticos, assim como a eclipse. Não foi nossa intenção exaurir os fenômenos, quer da versificação, quer do registro popular estudado.

Pensamos haver demonstrado o a que nos propusemos: a importância da análise do sistema gráfico, sua maior ou menor relação com a fala.

Por outro lado, tentamos apresentar algumas considerações a respeito do tratamento da versificação, de que surgiram esclarecimentos a respeito de particularidades da fala.

Das críticas a ele formuladas irá depender o rumo de nossos futuros estudos.

*

BIBLIOGRAFIA

A bibliografia é sumária, e dela constam apenas as obras analisadas com maior cuidado. Quanto à relação dos folhetos de J. Rodrigues, julgamos desnecessário enumerá-los, pois seria mera repetição do que já relacionamos na página 2.

AGUIAR, Martinz de. *Fonética do português do Ceará*. In: Revista do Instituto do Ceará, cópia xerografada.

CUNHA, Celso. *Estudos de poética trovadoresca*. RJ, INL, 1961.

_____. *Língua e verso*. 2ª ed., rev. e aum., RJ, Liv. S. José, 1968.

_____. *Que é um brasileirismo*. RJ, Tempo Brasileiro, 1987.

PERINI, Mário A. *Nota sobre o uso das velocidades de enunciação na descrição de fenômenos fonológicos*, in *Ensaio de Lingüística*, BH, Faculdade de Letras da UFMG, 6 (11) dez. 1984.

UREÑA, Pedro H. *La versificación irregular en la poesía castellana*. Madri, Publicaciones de la "Revista de Filología Española", Centro de Estudios Históricos, 1933.

GARVAYA: DA CANTIGA À BUSCA DE TESTEMUNHOS

Marcia Gamboa
USP

"No mundo nom me sei parelha" ¹. O verso inicial que nos fala da desgraça sem par do trovador, parece nos advertir também do caráter ímpar do universo da composição poética em que estamos nos introduzindo.

Os dezesseis versos da Cantiga da Ribeirinha, considerada uma das mais belas peças do Cancioneiro Galego-Português, foram objeto de inúmeros estudos publicados por especialistas². Esses trabalhos buscam desvendar um significativo número de complexas questões para a interpretação desta obra de Pay Soares de Taveirós. Todavia, ainda paira um véu sobre muitos pontos que continuam suscitando controvérsias. Trataremos aqui de um desses pontos obscuros: o vocábulo **garvaya**. Não é nosso intuito formular uma interpretação da cantiga, mas, quiçá, projetar alguma luz sobre um dos intrincados problemas para o seu desvendamento.

A cantiga de nº 38 do *Cancioneiro da Ajuda* ou Cantiga da Ribeirinha é modernamente conhecida como Cantiga da Garvaya devido ao crescente interesse que essa palavra vem despertando.

A ilustre romanista D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos não ficou indiferente diante desse desafio e lançou mão de várias hipóteses. Nas "*Randglossen zum altportugiesischen Liederbuch*" publicadas no volume XXVIII de *Zeitschrift für Romanische Philologie*, nos diz ser a garvaya um manto de escarlata que até o ano de 1340 era vestimenta permitida somente ao rei e sua família³: "Die garvaya ist ein Mantel aus rotem Scharlachtuch, wie ihn nach der Kleiderordnung von Jahre 1340 nur die Königsfamilie tragen durfte"⁴.

Essa conclusão surgiu após um estudo de 49 páginas em que D. Carolina toma como ponto de partida outras ocorrências do vocábulo⁵ que julgamos oportuno recuperar aqui:

"Outrossi temos por bem a mandarmos que nenhum homem nem molher daqui em deante nom traga panos douro nem de solia: nem tabardo nem redondell nem garuaia descarlata vermeilha, salvo nos e nossos filhos."⁶

"Outrossi temos por bem que os cavaleiros nom façom de vestir no ano mais de dous pares de panos e sejam feitos os panos de tantos

covodos per aquella guisa que dito he dos ricos homens; e demais possam fazer de dous em dous anos huum tabardo ou rredondell ou garavaija, com foradura ou sem ella, se quiserem. E temos por bem que nom façom foraduras de pena-veira em tabardos nem em mantos, senom aquelles que ouverem del rey ou doutro senhor tença de mill livras, ou se as ouverem de suas rendas."⁷

"Outrossi, temos por bem e mandarmos que os cidadaaons e outros homeens do nosso senhorio que nom ouverem mais de cinco mill livras nom façom mais no ano que huum par de panos de cotio, que nom seia de escarlata nem de outro pano de sorte; e possam fazer de dous em dous anos huum par de panos que nom sejam descarlata nem de sorte, com cendall ou com pena branca ou com outra que nom seia veira nem londisinha nem arminhos. E possa(m) fazer de dous em dous anos salvo estes pannos, huum tabardo ou huum rredondell ou uma garavaya augadeira. E o panno que comprarem pera cotio seia de vallia de trinta soldos ao mais, e o outro pano seia quarenta soldos ao mais. E nom metam mais no pelote e manto e saia que dezanove covodos por aparelhar; e no tabardo e capeirom dez covodos; e se o pano for ancho, filhem dell meos e nom ponham adubo e façom os panos que andem alçados da terra tres dedos ao meos."⁸

"Item statuimus quod nos nec aliquis subditus nom portet...in vestibus aurum vel argentum...sed erminium vel lustriam integram...circa capuciam capae et operaturas manicarum...et in mantellis similiter et cotis sive garvariis."⁹

Quanto à etimologia do vocábulo, hesita entre a hipótese de **garvaya** ter sua origem no latim **gravis** (**gravaria**)¹⁰; ou no germânio **warnjan=guarnir**¹¹, admitindo que a forma **garvaya** tenha sido tomada por **guarnacha**. Acrescenta que a raiz **gua-** seria de origem germânica mas que, por outro lado, o vocábulo como um todo, lembra tantos outros incorporados ao léxico do português medieval e que são de origem árabe, como **gualdrapa CV 1154**, **galdrapa CB 463**¹², **cabaia**, **anafaiá**, **atarraia**, **azacaia**, **alfaia**, **atalaia**, etc.¹³

No *Cancioneiro da Ajuda*, também se pergunta se a forma correta seria **garvaya** ou ***guarnaya**, de **guarnire**.¹⁴

Já dezoito anos mais tarde, quando publica o *Glossário do Cancioneiro da Ajuda*, apresenta a seguinte opinião: é a "guarvaya um vestuário de corte e de luxo, provavelmente de cor escarlata". Acredita ver no termo medieval **garvaya** o germ. **wark** e o sufixo **-aia**¹⁵, retomando a tese germanista, ou antes conciliando-a com a arabista.

Joseph M. Piel, "*Em torno da cantiga da garvaya*"¹⁶, aceita a idéia de ser a **garvaya** um traje de luxo, acrescentando que acredita ser verossímil a hipótese da

importação estrangeira¹⁷. Todavia, a sua maior contribuição para o desvendamento da questão estaria na seguinte afirmação: "garvaia não viria a ser outra coisa senão o nome do condado e porto de Galway, na costa ocidental da Irlanda, que continua sendo um importante centro de manufactura de lanifícios."¹⁸

Baseia-a o A. no fato de serem encontrados em fontes medievais portuguesas, diversos tecidos ou peças de vestuário designadas pela localidade de origem, ou de fabricação, como **bretanha**, **bruges** (ou **brugia**), **chartes** (Chartres), **roam** (Rouen), etc. Assim, **cambraia** (Cambrai) e **irlanda** "tecido fino de algodão ou linho" seriam dois exemplos que ratificariam sua hipótese¹⁹, pois o primeiro mostra o apor-tuguesamento do sufixo **-ai** para **-aia**, e o segundo, as relações comerciais entre Portugal e Irlanda, bem como o fato de ser este último país produtor/exportador de tecidos finos²⁰.

Elza Paxeco, em artigo publicado na *Revista de Portugal*²¹ nº 71, aceita como hipótese a garnacha mencionada por Carolina Michaëlis e propõe: "a veste seria tinta com grã, a grã sobre a qual Carolina discorre por fim, quando explica o fabrico da escarlata"²². Assim, completa: "**Garnacha, guaruaria, garuaya** promanarão todas três do lat. granatica, através de formas francesas divergentes?"²³

Já no nº 79 da referida revista, modifica sua suposição dizendo acreditar ser a **garvaya** um híbrido peninsular do germânico **walfahrt** + árabe **kabaia**.²⁴

O estudioso belga Jules Horrent, "La chanson portugaise de la < garvaya >"²⁵, retorna aos testemunhos do vocábulo, trazidos à baila por Carolina Michaëlis de Vasconcelos – **garvaya** **descarlata** **vermeilha**; **Item statuimus quod nec aliquis subditus noster non portet...sed erminum...circa capae...et in mantellis...et cotis sive garvariis** – buscando fundamento para a sua hipótese: "La < garvaya > est donc un manteau d'écrlate qui peut être rehaussé ou forré (**garvaija com foradura ou sem ella**) d'hermine, un manteau <blanc et rouge>."²⁶

Trilha J. Horrent o seguinte raciocínio: 1. nessas ocorrências há uma associação da cor vermelha à garvaya; 2. a cor vermelha, como já fora dito por D. Carolina, era reservada para as vestimentas régias; 3. se a garvaya era veste de cor que era prerrogativa dos reis e seus parentes mais próximos, deveria ser um manto de luxo; 4. ratificaria esta última inferência o fato de, na Cantiga CV nº 38, a garvaya estar associada à figura de Maria Paez Ribeiro, a Ribeirinha, amante do rei D. Sancho; 5. o verso 4ª "mia senhor branca e vermelha" seria uma antecipação da cor da garvaya. Desta forma, chega à seguinte conclusão: "Avant de dire le nom de ce vêtement et du même coup in en précisant la nature royale, de rappeler la situation de celle qui le porte, le poète fait briller l'éclat de son écarlate et sa blancheur d'hermine."²⁷

Toda essa polêmica em torno do vocábulo **garvaya** deve-se ao fato de estarmos diante de um **hapax legomenon** do Cancioneiro Galego-Português medieval²⁸.

Por conseguinte, toda ocorrência do vocábulo, seria um importante dado que nos auxiliará a nos desviarmos do campo das hipóteses fantasiosas na interpretação da cantiga.

Com esse intuito, trazemos à baila um documento notarial galego-português, no qual se encontra mais um registro do vocábulo.

Trata-se de um testamento da província galega de Orense, mais especificamente de Castro de Caldelas, datado de 1281. Através desse documento, uma certa Maria Mendez faz a doação de seus bens a diversas pessoas arroladas.

Transcrevemos apenas um pequeno trecho da edição de Clarinda de Azevedo Maia:

"...Mando ao espital de Queyroga a casa do Sobrado de Uilar d' Auóós e a compra que y de Donna Domīga e de suas fillas. Mando a mia garuaya a confradaria de Souto Uermūe. Mando Maior Garcia o lino e o ffiado de lino que eu ey. Mando o fiado das estopas que teño debbado a Maria Suarez e a Tereyga Maria Martinz. Mando que o uaso que tem Donna Orraca Pelaez que o tirẽ o metã em prol de mina alma..."²⁹

Vejamos agora o que podemos depreender das ocorrências do vocábulo – tanto as de D. Carolina quanto a que agora transcrevemos.

Nos testemunhos mencionados por D. Carolina, o vocábulo **garvaya** surge em seqüência aos vocábulos "tabardo" e "redondell" ("nem tabardo nem redondell nem garuaia descarlata vermelha"; "huum tabardo ou rredondell ou garvaija com foradura ou sem ella"; "huum tabardo ou huum rredondell ou humma garavaya"). Por conseguinte, quando deparamos com a seguinte afirmação: "E temos por bem que nom façom foraduras de pena-veira em tabardos nem em mantos, senom aquelles que ouverem del rey ou doutro senhor tença de mill livras, ou se as ouverem de suas rendas", temos o termo "manto" empregado em substituição dos vocábulos "redondell" e "garvaya". Logo, podemos concluir ser a **garvaya** peninsular uma espécie de manto.

Todavia, será a **garvaya** necessariamente um manto de luxo?

Ainda nesses trechos da *Colleção das Cortes* de D. Duarte, julgamos encontrar resposta para a pergunta acima formulada: "nenhum homem nem molher daqui em deante nom traga panos douro nem de solia; nem tabardo nem redondell nem garuaia descarlata vermelha". A proibição expressa na famosa sumptuária de Afonso IV se refere à utilização de panos finos e da cor vermelha, reservada ao rei e seus familiares mais próximos e não à **garvaya**, como acaba por esclarecer este outro trecho: "... os cidadaons e outros homeens do nosso senhorio que nom ouverem mais de cinco mill livras nom façom mais no ano que huum par de panos de cotio, que nom seia descarlata nem doutro pano de sorte (...). E possa(m) fazer de dous em

dous anos salvo estes panos, huum tabardo ou huum rredondell ou huuma garavaija augadeira...". O cidadão comum podia perfeitamente vestir-se de garvaya, contanto que esta não fosse confeccionada com os referidos tecidos e cor mencionada.

Não vemos, portanto, a **garvaya** por si só como um sinônimo de luxo ou realza³⁰.

Na cantiga de Pay Soares, não vemos nenhuma referência ao fato de ser a **garvaya** de escarlata e/ou vermelha, que nos autorize a interpretá-la como um manto de corte, a não ser que consideremos o verso 4 "mia senhor branca e vermelha" como uma antecipação da cor da **garvaya**, como entende Elza Paxeco e Jules Horrent³¹ e não como a expressão das carnação da dama, como o exposto por Carolina Michēlis³². Consideramos problemático o estabelecer-se uma relação entre os versos 4 e 13 pois implicaria em aceitar-se muitas suposições: a primeira delas a de ser a **garvaya** de cor vermelha e a segunda a de ser esta forrada de arminho, para justificar a alusão à cor branca³³.

No testamento a que aqui nos referimos nenhuma referência existe a uma suposta origem real da doadora Maria Mendez, bem como nenhuma referência à cor ou tecido da **garvaya** em questão. Isto posto, parece-nos claro que a **garvaya** era vestimenta de uso comum e não necessariamente luxuosa.

Em outro trecho desse mesmo testamento encontramos:

"...Mando o meu manto de broneta negra a Eluira Ffernandez de Uilar o pelotch a aua a Tereyga Garcia."³⁴

Percebemos assim, que todo e qualquer bem era objeto de doação, independente do seu valor, já que, até mesmo a saia, veste caseira era doada.

No entanto, intriga-nos o fato de não ter sido a **garvaya** relacionada entre as vestes: o manto de broneta negra, o pelote e a saia, e sim entre os tecidos: o linho e a estopa. Mas, talvez seja excesso de rigor de nossa parte exigir que o documento mantivesse tal organicidade.

Os documentos notariais e mais especificamente os testamentos medievais caracterizam-se pela descrição minuciosa dos bens a serem doados, donatários e condições de doação, visando garantir o integral cumprimento da vontade do doador. A ocorrência do vocábulo nesse documento sem maior especificação (lembramos que nas ocorrências mencionadas por Carolina Michaēlis, o vocábulo surgia em seqüência a termos como "tabardo" e "redondell") indica-nos o fato de ser o vocábulo **garvaya** usual para o notário que o redigia, logo, plenamente incorporado ao léxico galego-português já em 1281, data de redação do documento, a despeito de sua ocorrência única no Cancioneiro.

Não negamos a dificuldade em nos desprendermos da figura da Ribeirinha, amante de Sancho I, para interpretarmos a **garvaya** como um manto apenas. Todavia preferimos nos manter no terreno do que os registros do vocábulo podem ratificar somente. Assim, aceitamos a leitura que Silvio Pellegrini e Valeria Bertolucci Pizzorusso³⁵, fazem do vocábulo **garvaya** na Cantiga da Ribeirinha, ou seja, a **garvaya** entendida como um manto estaria em oposição à expressão **en saya = veste mais leve ou caseira**.

NOTAS

1. *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Reimpressão da edição de Halle (1904) acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas (*Revista Lusitana*, vol. XXIII) Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.
2. Citaremos apenas alguns desses trabalhos: *Cancioneiro da Ajuda*, edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, vol. II Reimpressão da edição de Halle (1904) acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas (*Revista Lusitana*, vol. XXIII), Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990; VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de, "Randglossen zun alportugiesischen Liederbuch", *Zeitschrift für Romanische Philologie*, vol. XXVIII, 1904, p. 385-434; LIMA, Augusto César Pires de, "Curiosidades Lingüísticas", *Revista de Portugal*, (série A – Língua Portuguesa) nº 45, vol. IX, Lisboa, jul. de 1946, p. 228-235; PAXECO, Elza, "A cantiga da garvaya", *Revista de Portugal*, (série A – Língua Portuguesa) nº 68, vol. XIII, Lisboa, out. de 1948, p. 258-264; PIEL, J. M., "Em torno da cantiga da garvaya", *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. II, Coimbra, 1948, p. 188-200; SPITZER, Leo, "Zur cantiga da garvaya", *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. III, Coimbra, 1949-1950, p. 187-195; PAXECO, Elza, "Guarvaya", *Revista de Portugal* (série A – Língua Portuguesa) nº 71, vol. XIV, 1951, p. 21-23; HORRENT, J., "La chanson portugaise de la <garvaya>", *Le Moyen Age*, t. LXI (4 série t. X), Bruxelas, 1955, p. 363-403; LAPA, Manuel Rodrigues, *Crestomatia Arcaica*, Belo Horizonte, ed. Itatiaia, 1960, p. 22-23; PIZZORUSSO, Valeria Bertolucci, *Le Poesie di Martin Soares*, Bologna, Ed. Palmaverde, 1963, p. 59-64.
3. Tese que também é apresentada no *Cancioneiro da Ajuda*. Em nota de rodapé do C.A., p.320, D. Carolina nos informa que tal dado – a sobre-veste de escarlata fina ser um luxo permitido apenas ao rei e seus parentes mais próximos – consta na pragmática de 1340, decretada por D. Afonso IV. Associou a Autora a garvaya à sobre-veste de escarlata fina. Esta interpretação foi aceita por diversos estudiosos, entre eles, Leo Spitzer, "Zur cantiga da garvaya", *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. II, 1949-1950, p. 190 e Manuel Rodrigues Lapa, *Crestomatia Arcaica*, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1960, p. 23.
4. Apud "Randglossen zun alportugiesischen Liederbuch" für romanische Philologie, vol. XXVIII, p. 417.
5. Ocorrências essas que infelizmente não foram citadas em muitos dos trabalhos de seus sucessores, à exceção de Elza Paxeco, "Guarvaya", *Revista de Portugal*, nº 71, p.21-23 e Horrent, "La chanson portugaise de la <guarvaya>", *Le Moyen Age*, t. LXI, 1955, p.363-403.
6. Carolina Michaëlis informa que o trecho foi extraído da *Colleção de Cortes* das Ordenações de D. Duarte, cópia pertencente à Academia das Sciencias (Vid. **Z.f.R.Ph.**, p.395.).
7. Idem. Ibidem, p. 396.

8. Idem. Ibidem, p. 397.
9. A Autora adverte que o trecho foi extraído do Capítulo VII das Leis Sumptuárias, "De paribus et treugis ultimis quas facit D. Iacobus rex Aragonum primus Tarraconae quando ivit ad Mayorcas (1234)", in SEMPERE, *Historia del luxo y de las Leyes Suntuarias de España*, Madrid, 1788, Cap. VI. Aqui, como adverte D. Carolina, temos a forma latinizada do vocábulo "garvaya".
10. Cf. "Randglossen...", *Z.f.R.Ph.*, p. 429.
11. Cf. "Randglossen...", *Z.f.R.Ph.*, p. 429.
12. Citados em nota de rodapé da p. 428 da *Z.f.R.Ph.*
13. Citados na *Z.f.R.Ph.*, p. 428.
14. Tanto nas "Randglossen", p. 394, quanto no *Cancioneiro*, p. 320, a A. não deixa de citar a conjectura de Theóphilo Braga, segundo a qual garvaya seria o Kyvarus bretão, ou seja, uma veste de escarlata paga pela noiva ao trovador que festejasse suas bodas. Admite que etimologicamente a explicação de Braga é inaceitável, embora a tenha auxiliado a construir as suas próprias hipóteses. (Vid. "Randglossen", p. 320, nota 4).
15. Obra citada, p. 44. Hipótese esta reitada por J. M. Piel, que bem lembra a impossibilidade do desaparecimento do *k* na posição em que se encontra em *wark*. Lamenta o ilustre professor que D. Carolina não tenha explicitado melhor a hipótese que acabou por considerar a mais verossímil. (Vid. PIEL, "Em torno da cantiga da garvaya", p. 198-199. e Cf. HORRENT, "La chanson portugaise de la <garvaya>", p. 364-365).
16. PIEL, J. M., "Em torno da cantiga da garvaya", *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. II, 1948, p. 199-200.
17. Idem. Ibidem, p. 199.
18. Idem. Ibidem, p. 200.
19. Vid. PIEL, Obra Citada, p. 200. J. HORRENT, Obra Citada, também aceita a hipótese de Piel.
20. Elza Paxeco, não acredita haver suficiente justificação histórica para que se faça essa suposição, pois, segundo a A. os tecidos indígenas chegavam raramente para a exportação. Vid. *Revista de Portugal*, nº 79.
21. Elza Paxeco, "Guaruaya", *Revista de Portugal* (série A – Língua Portuguesa), nº 71, vol. XIV, 1951, p. 21-23.
22. Idem. Ibidem, p. 22.
23. Idem. Ibidem, p. 22.
24. Elza Paxeco, *Revista de Portugal*, nº 79.
25. J. HORRENT, "La chanson portugaise de la <guaruaya>", *Le Moyen Age*, t. LXI, 1955, p. 363-403.

26. Idem. Ibidem, p. 393.
27. Idem. Ibidem, p. 393.
28. Leo Spitzer já lembrara: "Kein Wunder, dass angesichts der einmaligen, höchst originellen Idee dieses Dichters das Wort garvaia ein Hapax legomenon in der altportugiesischen Dichtung..." (Vid. "Zur cantiga da garvaia", *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. III, 1949–1950, p. 187-195).
29. Apud., MAIA, Clarinda de Azevedo, *História do galego-português. Estado lingüístico da Galiza e Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI*, Coimbra, INIC, 1986, p. 133.
30. Nossa opinião vai ao encontro à de Pellegrini, **Studi...** p. 68-69, que aceita ser a garvaya um manto não obrigatoriamente real ou luxuoso, bem como Valeria Bertolucci Pizzorusso, *Le poesie di Martin Soares*, Bologna, Palmaverde, 1963, p. 62. Infelizmente não tivemos acesso à obra de Silvio Pellegrini, as informações acima citadas nos chegam através de Pizzorusso, obra citada.
31. Elza Paxeco, *Revista de Portugal*, p. 261 e Horrent, "La chanson...", p.362.
32. Cf. *Cancioneiro da Ajuda*. Joseph Piel, "Em torno...", diz: "Parece legítimo duvidar de que haja na fórmula mia senhor branca e vermelha uma alusão antecipada a cor escarlate da garvaya. Aquele modo de dizer é um tópico demasiado vulgar para poder ser referido a outra coisa que não seja a cor da pele e das faces, respectivamente, da Amada" (p.189).
33. J. Horrent parte de uma das ocorrências apresentadas por D. Carolina para lançar mão desta hipótese, pois o arminho além de ser branco, também era um luxo vedado ao cidadão comum ("nos nec aliquis subditus noster non portet...in vestibus aurum vel argentum...sed erminium.").
34. Apud. MAIA, Clarinda de Azevedo, *Obra Citada*, p. 133.
35. *Obra citada*, p. 62.

O TERMO ANEXIM NA FEIRA DOS ANEXINS DE F. MANUEL DE MELO

Marlit Bechara
UERJ

A literatura do séc. XVI e XVII de todos os países recebia de muito bom grado e com tanta freqüência a presença dos refrãos, das sentenças e das frases proverbiais, que a cada fonte proposta para a *Feira dos Anexins* se poderia contestar com a proposta de muitas outras possíveis fontes.

Vejamos, por exemplo, a sugestão da parte de um mestre de competência fora de qualquer dúvida, o filólogo e etnógrafo Prof. José Leite de Vasconcelos:

Ao escrever este livro, talvez D. Francisco Manuel tivesse lembrança das *Cartas en refranes* de Blasco de Garay, que, como diz Delicado, eram conhecidos em Portugal, e cuja 1ª ed. data de 1545; todavia as semelhanças entre as *Cartas* e a *Feira* são apenas longínquas: basta lembrar que uma das obras é em forma epistolar, e a outra em forma dialogada; o que elas têm em comum é estar entremeada de adágios uma narração seguida, e em se considerarem estes como elementos naturais e espontâneos dela. De 1561 é o *Diálogo nel quale se contengono varii discorsi di molte belle cose, di proverbii*, etc., impresso em Pádua, mas esta obra só a conheço pela indicação do bibliógrafo Brunet (vol. VI, nº 18:484), portanto não posso dizer se a Feira dos Anexins se parece, ou não, com ela.
(*Ensaio Ethnographicos*, I, p. 141-142)

Deixando de lado o *Dialogo*, pois não foi utilizado para comparação, devo dizer que não é só a natureza diferente (diálogo e também fábula na *Feira* e epistolar em Garay) que separa as duas obras, mas os próprios elementos em que se estrutura o discurso. Na *Feira dos Anexins* há a presença do trocadilho que constrói e sustenta a metáfora, um dos elementos formais tão presentes na concepção da obra, que o autor com plena consciência do fato, pôs como título *Metáforas* ou *Feira dos Anexins*, e abre todos os diálogos da 1ª e 2ª parte com a expressão "Em metáfora de", seguida do tema a ser comentado.

Estas características estão presentes na 1ª e 2ª partes, o que faz diferenciá-las muitíssimo da 3ª parte. Se essa 3ª parte, apesar do testemunho de alguns manuscritos que chegaram até nós, é de autoria do polígrafo português, é tema que aqui não interessa.

Como não é texto de fácil consulta, acredito que vale a pena dar uma pequena amostra das *Cartas en refranes* de Garay conforme foram reproduzidas na rica e importante coleção *El Refranero General* de José María Sbarbi:

Primera Carta

En que finge cómo sabiendo una señora que un su servidor se quería confesar, le escribe por muchos refranes, para tornarle á su amor.

Oí, Señor, siempre decir, que el ansar de Cantipalos sale al lobo al camino: y tal pareceré yo agora, haciendo lo que vos habfades de hacer; pues que dicen que las mujeres deben ser rogadas; porque la nuera ha de ser rogada y la olla reposada. Mas como el mundo ande al revés, y ya no puede ser más negro el cuervo que sus alas, quiero que si no va el otero á Mahoma, que vaya Mahoma al otero. Y aunque digan que por mucho madrugar no amanece más aína, y que más vale al que Dios ayuda, que al que mucho madruga; porque á quien Dios quiere bien, la casa le sabe, y a quien mal, la casa y el hogar; no se me da nada, que también dicen, por otra parte: no seas perezoso, y no serás deseoso; que la diligencia es madre de la buena ventura; y quien no se aventura, no ha ventura.

(Vol. VII, p. 59)

Se estamos no terreno das conjecturas, imagino que a *Feira dos Anexins* está mais próxima de uma obra de D. Francisco de Quevedo, intitulada *Cuento de Cuentos*, publicada com texto revisto em 1626. Acredito que tenho fundados motivos para dizer que esta obra do escritor espanhol apresenta boas razões que a tornam uma provável fonte da *Feira dos Anexins*. Em primeiro lugar, a relação de amizade e de grande consideração que unia os dois grandes autores. D. Francisco Manuel que tem algumas de suas composições nitidamente inspiradas em escritores espanhóis – além de Quevedo, Marino e Góngora, e outros – nunca escondeu seu apreço ao amigo, e dele assim fala na epístola VI de *La Fístula de Urania*:

Quescas ya tanta vez dissimuladas,
bien lo sabéis, dulcíssimo Quebedo,
no hay pluma que las tenga bien cerradas.

.....

Vos que tan dulce quanto doctamente
siempre empuñais la pluma contra el vicio,
pues mi Maestro sois, sed mi valiente.

Como segundo argumento, posso citar a própria intenção literária de *Cuento de Cuentos*, "donde se leen juntas las vulgaridades rústicas, que aún duran en nuestra lengua, barridas de la conversación". Em outras palavras, no dizer de um comentador da obra de Quevedo, Don Francisco de Paula Seijas:

Quevedo escribió el *Cuento de Cuentos* más para mostrar la gala de su ingenio y el supremo dominio que tenía en la habla castellana, que para zaherir al vulgo y castigarle su gárrula invención. Ciertamente movió gran polvareda en la familia literaria, que le miraba hoxa y de traves, pero más fué culpa de ello el nombre del autor, que el objeto de su trabajo.

(apud J. M. Sbarbi, *El Refranero General Español* vol. VIII, p. 10-11)

É interessante aproximar este juízo de D. Francisco de Paula, sobre a riqueza de expressões populares e frases proverbiais espanholas que Quevedo profusamente enxertou em *Cuento de Cuentos*, com o juízo que da *Feira dos Anexins* fazia Alexandre Herculano, talvez a primeira autoridade a revelar o valor lingüístico desta obra de D. Francisco Manuel:

A outra (obra inédita de D. Francisco Manuel) que lemos, e de que possuimos uma cópia é a *Feira dos Anexins*, livro curioso, em que estão lançadas metodicamente as metáforas e locuções populares da língua portuguesa, e que seria quase um manual para os escritores dramáticos, principalmente do gênero cômico, que quisessem fazer falar as suas personagens com frase conveniente, e com as graças e toque próprio da nossa língua portuguesa e do verdadeiro estilo dramático, cousa a mais difícil, talvez, neste gênero de literatura, e de que tão arredios andam os que o começam a cultivar entre nós, imbuídos dos destemperos, escarcéus e expressões falsíssimas, que aprendem pelos livros do visconde d’Arlincourt, e ainda dos grandes autores dramáticos franceses, etc., etc.

(A. Herculano, no *Panorama*, vol. IV, 1840, p. 296 apud Inocêncio, ed. da *Feira*)

Um terceiro fundamento, que considero de grande importância, está na correlação de títulos das duas obras: *Cuento de Cuentos* e *Feira dos Anexins*. Explico-me. Quevedo manipula um equívoco com os dois significados de *cuento* em espanhol (que prevalece também para o português). O primeiro *cuento* pode ser tanto sinônimo do segundo *cuento* (‘narração’), significando uma sucessão de narrações, como pode ser equivalente ao português *conto*, denotativamente, ‘um milhão’ e, conotativamente, ‘numerosos’, e aí seria entendido como ‘um milhão de contos’. Dado o equívoco de que lançou Quevedo, a expressão *cuento de cuentos* seria “muy embrollado, embrollo de cuentos. Quevedo, *Cuento de cuentos*, como quien dice: narración de embrollos, millón de embrollos, narración de narraciones, embrollo de embrollos. Pues todos esto cabe, y todo lo pretendió Quevedo, por el mismo equívoco del vocablo que le venía a cuento. Calder. *Dich. y desd.*, 3: Qué ruido es ése? / Acá es un cuento de cuentos (Julio Cejador y Frauca, *Frasesología o Estilística Castellana*, vol. I, p. 388).

O *Diccionario de Autoridades* da Real Academia Espanhola dá uma explicação mais clara:

Cuento de cuentos. Se llama también una relación o noticia, en que se mezclan otras varias, que hacen perder el hilo de la principal: y se suele aplicar también a algunos negocios muy difíciles de poner en planta, por lo enredado que están.

(Vol. I, p. 683)

Em espanhol, *cuento*

Es también la relación o noticia de alguna cosa sucedida: Y por extensión se llaman también así las fábulas, o consejas, que se suelen contar a los niños para divertirlos.

(Id., *ibid.*, p. 682)

D. Francisco Manuel de Melo com a *Feira dos Anexins* pretendeu seguir de perto as intenções prometidas no título da obra de Quevedo, senão vejamos: paralelamente ao espanhol *cuento de cuentos*, com o significado de 'um milhão de contos', 'grande quantidade de contos', D. Francisco usou *feira* que, em português, pode significar 'grande quantidade', 'grande profusão': *feira de anexins*, *feira de vaidades*, *feira de ilusões*.

Outro aspecto que a obra de Quevedo acabou resgatando foram, como ele mesmo diz no título, "las vulgaridades rústicas, que aún duran en nuestra lengua, barridas de la conversación". Essas "vulgaridades rústicas", na obra de D. Francisco Manuel, estão representadas pelas frases proverbiais (*anexins*) estruturadas por metáforas construídas com ajuda de jogos de palavras ou *equivocos*, exatamente os *equivocos* lembrados por Cejador y Frauca sobre a expressão *cuento de cuentos*.

É esse resgate de expressões populares e frases proverbiais que A. Herculano põe em evidência no seu juízo sobre o valor lingüístico da *Feira dos Anexins* e de sua contribuição ao "verdadero estilo dramático".

Esta minha proposta de relacionar a *Feira dos Anexins* ao *Cuento de Cuentos* tem um ponto que precisa ficar esclarecido, o que ainda não fiz até aqui: o emprego de *anexins* no título da obra do escritor português.

A palavra *anexim* é de emprego raro, entre os estudiosos, junto às denominações que se usam para esse tipo de textos, entre as quais temos: *vervo* ou *verbo* (antiquado), *exemplo* (também antigo), *provérbio*, *ditado*, *rifão* ou *refrão*, *adágio*, *aforismo*, *apotegma*, *axioma*, *brocardo*, *dito*, *máximo*, *parêmia*, *pensamento*, *princípio*, *prolóquio*, *sentença*.

Os dicionários de sinônimos, assim como muitos estudiosos, têm proposto distinções entre essas denominações nem sempre consagradas pelo uso. Depois de

estabelecer distinções com base em critérios variados (popular X erudito, restrito X largo, sentencioso X picante, de autor conhecido X anônimo), assim termina Adolfo Coelho:

Não insistirei mais sobre as diferenças desses termos, acerca dos quais muito se tem dissertado, e muitas vezes em vão.

(*A Pedagogia*, p. 482)

Na sua relação, onde só poucos aparecem (*vervo/verbo, exemplo, provérbio, ditado, refrão, rifão, adágio*) não consta *anexim*, embora faça referência à *Feira dos Anexins*, que julga de "pouco interesse para o estudo da paremiologia portuguesa" (Ibid., p. 481).

Para dar ao leitor uma idéia das leves distinções que os estudiosos tentam estabelecer na farta nomenclatura existente, considero exemplo significante este ensinamento do Prof. Antenor Nascentes:

Adágio é um provérbio antiquado e anônimo. *Aforismo* é uma curta prescrição de um tratado científico, sobretudo de medicina; são célebres os de Hipócrates. *Anexim* é um dito picante, chulo, em linguagem rude, como aqueles que usa comumente o povo. *Apotegma* é a palavra memorável de homem notável, sobretudo dos antigos; Plutarco colecionou muitos, de reis e generais macedônios. *Axioma* é uma verdade evidente por si mesma; encontra-se muito na matemática. *Brocardo* é regra jurídica concisa, como as constantes do livro L, título XVII, do Digesto, *De diversis regulis juris antiqui*. *Ditado* é frase popular, curta, anônima, na qual se dá uma noção, um conceito vulgar, um bom conselho. *Dito* é frase pronunciada em tom de pilhéria. *Máxima* é um pensamento importante, no ponto de vista prática, um sábio conselho dado em poucas palavras e tendo autor conhecido; são notáveis as de La Rochefoucauld. *Peremia* é a expressão proverbial em que predomina a feição alegórica. *Pensamento* é o juízo enunciado com a intenção de exprimir de modo simples, porém com certa eloquência, uma verdade, um conselho útil, fruto da meditação; são notáveis os de Pascal. *Prolóquio* é sentença filosófica com que se inicia discurso ou escrito, anunciando o assunto ou o ponto de vista do orador ou do escritor. *Provérbio* é máxima ou sentença, popularizada e consagrada pelo uso, podendo ter autor conhecido: são célebres os de Salomão. *Rifão* é o provérbio que anda repetido na boca do povo, como se repete o estribilho de uma canção (fr. *refrain*). *Sentença* é provérbio de sentido profundo, com caráter literário ou oratório, solene, brilhante na forma; são notáveis as de Publílio Siro.

(*Dicionário de Sinônimos*, p. 33-34)

Para meu tema, interessa pôr em evidência o que diz o Prof. Nascentes sobre *anexins*, isto é, "dito picante, chulo, em linguagem rude, como aqueles que usa o povo". Estas características do *anexim* estão presentes em todos aqueles antigos que definem a palavra:

Bluteau

Axioma vulgar. Dito picante, como aqueles de que comumente usam regateiros e gente popular *Dictum salsum* ou *facetum*, ou *facete dictum*. E que tão pouco em lugar de adágios e sentenças tenham *anexins*. Corte na Aldeia, Dial. 3, p. 56.

(*Vocabulario Portuguez e Latino*, I, p. 372-373)

Morais

Axioma Vulgar, dito alusivo ou picante de que usa o vulgo. *Eufr. I, 3. Lobo*, p. 21 "e que tão pouco em lugar dos adágios e sentenças tenham (as cartas) *anexins*. § É sin. de *adágio* e *sentença*.

(*Diccionario da Lingua Portuguesa*, I, p. 149)

Os dicionaristas mais modernos já não fazem referência obrigatória à natureza popular dos *anexins*. É o que se vê em:

Dicionário Contemporâneo dito de Aulete:

Anexim (a-ne-xim), s.m. rifão, adágio, dito conceituoso. // *Estribilhinho*, dichote: O outro lhe dizia mil *anexins* naquele jogo usados (N. Tolentino)

(I, 96)

Dicionário da Língua Portuguesa – Porto Editora, onde se misturam *anexim*¹, o que venho estudando, e *anexim*², derivado de *anexo*:

Anexim, s.m. dito sentencioso; provérbio; adágio; (*prov.*) alcunha; (*gr.*) estudante de um curso anexo à Universidade.

(p. 106)

Aurélio

Anexim (ch). s.m. 1. v. *provérbio* (1): "Com tais elementos acha-se, ou pelo menos achava-se naquele tempo facilmente um marido; não desses que justificam o *anexim* – nunca falta um chinelo velho para um pé doente – mas um marido regular, capaz de direitos e obrigações" (França Júnior, *Folhetins*, p. 626-627). 2. Dito sentencioso.

(p. 119)

Para a correta descodificação do título da obra de D. Francisco Manuel é necessário recorrer ao significado que tinha a palavra *anexim* entre os séculos XVI e XVII, isto é, um provérbio ou frase proverbial de cunho popular picante, em linguagem rude, até chula, o que nos lembra o comentário de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos em relação aos *Apólogos*, nos quais inclui a *Feira dos Anexins*:

"(...) portuguesíssimas (essas obras) pelo assunto e pela forma, amenizadas como estão com todas as delicadezas e todas as ousadias, até mesmo com as indecências gradiosas da linguagem familiar [Veja bem o leitor esta parte do juízo da autoral, de sorte que constituem com os seus anexins e contos, suas anedotas humorísticas e alusões a práticas e costumeiras populares, uma verdadeira mina de curiosidades para o folclorista, o linguísta e o historiador da sociedade e das literaturas hispânicas."

(Notas, I, p. 6)

É também este significado que estabelece, a meu ver, mais um elo entre a *Feira dos Anexins* e *Cuento de Cuentos* de Quevedo, pois em ambas as obras resgata-se ou tenta-se resgatar o tesouro da fraseologia popular, banida da conversação em geral, mas que ainda corria viva no povo rústico, devendo-se ressaltar aqui que os dois autores estavam vivendo numa época de maneirismo, de predileção pelo refinado – como diz Hauser – ou, ainda mais veementemente, como rematava Gôngora, que via "a naturalidade como pobreza de espírito e a claridade como falta de reflexão" (Apud Spina, *Introdução ao Maneirismo*, p. 38).

Para pôr um ponto final nestas minhas considerações, preciso ainda discutir uma questão que ficou no ar e que julgo importante aprofundar: é saber se, ao contrário do que pensava D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, estaria certo Adolfo Coelho em declarar que a *Feira dos Anexins* seria de "pouco interesse para o estudo da premiologia portuguesa".

Na verdade, a *Feira dos Anexins* não pretende ser uma recolha de adágios ou provérbios, embora D. Francisco Manuel de Melo com frequência faça alusão a muitos deles. A intenção maior, do ponto de vista lexicológico, foi, como assinalou Alexandre Herculano, lançar "metodicamente as metáforas e locuções populares da língua portuguesa" e oferecer "quase um manual para os escritores dramáticos, principalmente do gênero cômico, que quisessem fazer falar as suas personagens com frase conveniente e com as graças e toque próprio da nossa língua". Temos, pois, de dar razão ao juízo crítico de F. Adolfo Coelho.

Já é muito conhecida a antiguidade da utilização dos provérbios em obras filosóficas, teológicas, gramaticais e literárias. O que falta dizer é que na *Feira dos Anexins* D. Francisco inaugura, em obra literária em Portugal, o uso sistemático do jogo de palavras, do *calembour*, daquilo que se costuma chamar o *cômico verbal*, também *fantasia verbal*, cuja utilização é milenar na obra literária. Tem aparecido uma extensa bibliografia do tema, especialmente para o francês medieval e de épocas

mais próximas de nossos dias. Rabelais, por exemplo, foi um exímio artista desse cômico verbal; são célebres seus equívocos ou *calembours*: *ancoлие* e *melancolie*, *moutarde* e *moult tarde*, *le compositeur de pets* e *de paix*, etc. Garapon (1957:10) definiu a fantasia verbal como o prazer do jogo de palavras que "prend le pas sur la volonté de signifier".

O que penso não se ressaltou ainda na *Feira dos Anexins* é essa utilização metódica e sistemática da fantasia verbal, ao lado da recolha de locuções populares portuguesas, ambos os procedimentos muito mais característicos, em relação aos recursos lingüísticos, muito mais presentes do que a presença de provérbios e refrãos.

Devo insistir, portanto, em que a obra de D. Francisco inaugura, na literatura portuguesa, o uso metódico e sistemático da fantasia verbal. Se não estou enganada, nenhuma outra obra, em Portugal, utiliza com esta freqüência tal recurso lingüístico.

Assim, tomo a liberdade de não ver razão em Leite de Vasconcelos em aproximar e até apresentar como possível fonte da obra de D. Francisco as *Cartas en refranes* de Blasco de Garay. É bem verdade que essa atribuição é feita com muita prudência, mesmo porque Leite de Vasconcelos reconhece que a *Feira dos Anexins* não é propriamente um adagiário, mas uma série de diálogos constituídos em grande parte por locuções populares, a propósito das quais citam adágios – como se citam contos, jogos, perlangas, etc. (*Ensaios etnográficos*, I, 141).

O Prof. V.-L. Saulnier, em contribuição ao Colóquio organizado pelo Institut d'Études Romanes e o Centre de Civilisation Française da Universidade de Varsóvia, realizado em abril de 1975, em Varsóvia, ao declarar que "la fantaisie verbale n'est pas seulement un fait de vocabulaire (sémantique et morphologie), mais aussi bien de phonétique, de phraséologie, de stylistique, et de rythmique" (*Le comique verbale*, p. 20), tentou estabelecer uma espécie de tipologia da fantasia verbal, que ultrapassa os limites do *calembour*. Segundo ele, este fenômeno utiliza os seguintes procedimentos formais:

- 1) a pronúncia com os efeitos da entoação;
- 2) a combinação de palavras e a estruturação das frases;
- 3) os lapsos (*insalubre* por *insoluble*; as más traduções; a confusão com falsos sinônimos; a citação truncada, etc.);
- 4) o jogo verbal com o significado, deixando intacto o significante (é o caso do comentário de Toulet acerca de um livro de Feuillet: "Jamais voulu écrire ce livre... car il n'est pas écrit");
- 5) o mal-entendido (recurso tão comum no teatro vicentino, especialmente na fala com parvos);

- 6) o jogo sonoro com associação de palavras (a aliteração e o equívoco, exemplo deste último *Atropos/a trop os*);
- 7) o jogo com base no significante (a homofonia, a antístrofe, o *calembour*, o anagrama);
- 8) a criação de palavras;
- 9) a invenção de línguas fictícias ou linguagens cifradas;
- 10) o recurso às línguas estrangeiras (por exemplo, as línguas de Panurge quando do encontro com Pantagruel);
- 11) recurso à gíria;
- 12) o pasticho.

Se procedermos a uma análise dos recursos formais utilizados por D. Francisco na elaboração da *Feira dos Anexins*, iremos encontrar exemplos que preenchem quase todos os itens da tipologia levantada por Saulnier.

É um domínio de pesquisa bastante promissor à espera de investigadores.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. *Diccionario de autoridades*. Madrid, Real Academia Española, 1611. Reprodução facsimilada da Editorial Gredos, 1979. 3v.
- AULETE, F.J. Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3ª edição. Lisboa, Parceria A. Pereira, 1948. 2v.
- BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário Portuguez e Latino*. Coimbra, Officina de Pascoal da Silva, 1712-1728. 10v.
- CEJADOR Y FRAUCA, D. Julio. *Fraseología o estilística castellana*. Madrid, Sucesores de Rivadeneyra, 1921-1925. 4v.
- COELHO, F. Adolfo. "A pedagogia do povo português" (in *Portugalia*, I, fasc. 1ª, 57-78; fasc. 2ª 201-226; fasc. 3ª, 475-496). Lisboa, 1898.
- COMBET, Louis. *Recherches sur le "Refranero" castillan*. Paris, Belles Lettras, 1971.
- GARAPON, Robert. *La fantasia verbale et le comique dans le théâtre français du Moyen Age à la fin du XVIIe. siècle*. Paris, 1957.
- HERCULANO, Alexandre. *Opusculos*. v. 3. 4ª ed. Lisboa.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro, Edit. Nova Fronteira, 1986.

- MELO, Francisco Manuel de. *Feira dos Anexins*. Edição dirigida e revista por Innocencio Francisco da Silva. Lisboa, Livr. de A.M. Pereira, 1875. 2ª ed. 1916.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário de sinônimos*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- SAULNIER, V.-L. "La fantasie verbale et sa diversité" (in *Les Cahiers de Varsovie – Le comique verbal en France au XVIe. siècle*). Varsovie, éditions de l'Université, 1981.
- SBARBI, José María. *El refranero general español*. Parte recopilado y parte cumpuesto por J.M. Sbarbi. Madrid, Gómez Fuentenebro, 1874-1878. 10v. Reprodução facsimilar de Ediciones Atlas, Madrid, 1980.
- SILVA, Antônio de Morais. *Dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Borel e Borel, 1813. Edição facsimilada sob a direção de Laudelino Freire. Rio de Janeiro, 1922. 2v.
- . *Dicionário da língua portuguesa*. 6ª ed. melhorada e muito accrescentada pelo desembargador Agostinho de Mendonça Falcão. Lisboa, Antonio José da Rocha, 1858. 2v.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. "D. Francisco Manuel de Melo. Notas relativas a manuscritos da Biblioteca da Universidade de Coimbra" (in *Boletim Bibliográfico da Universidade de Coimbra*, fasc. I, 1914; fasc. II, 1915). Coimbra, Universidade de Coimbra, 1914-1915. 2v.
- VASCONCELOS, José Leite de. *Estudos ethnographicos*. Esposende, Editora Esposendense, 1891 [2ª ed. 1911]–1910.
- VITERBO, Frei Joaquim de Santa Rosa de. *Elucidario das palavras, termos e frases antiquadas da lingua portuguesa*. 2ª ed. Lisboa, A.J. Fernandes Lopes, 1815. 2v.

TRANSCRIÇÕES

SALVAR O PORTUGUÊS

A. Gomes da Costa

Começam a aparecer sintomas preocupantes sobre o recuo da Língua Portuguesa em alguns países africanos. As causas para essa perda são múltiplas. De um lado, está o cerco geográfico do inglês em Moçambique; do francês, na Guiné-Bissau; e os esforços crescentes, por parte dos espanhóis e britânicos, para tomarem pé na República Popular de Angola. Do outro lado, temos a situação dramática em que vivem esses países, com a economia destruída, cortados ao meio pela guerra civil e atormentados pela miséria extrema, e que, por conseguinte, têm questões muito mais prementes a resolver do que o ensino do idioma, ou a rejeição à entrada de outras matrizes lingüísticas.

Acresce o fato ainda de que por carência de meios e pelas dificuldades de encontrar interlocutores operacionais, nem Portugal nem o Brasil têm conseguido fazer algo de concreto para que a Língua se mantenha nesses territórios onde a presença portuguesa durou mais de 400 anos. Talvez as circunstâncias adversas – e estamos a pensar principalmente em Angola e em Moçambique – não permitissem grandes programas de cooperação direcionados para essa área. Tampouco os governos de Luanda e do Maputo estivessem dispostos a abrir espaços para um setor que não consideravam prioritário. Nem os organismos internacionais, por motivos óbvios, estariam receptivos a qualquer proposta para o ensino e a irradiação da Língua Portuguesa em países que eram – e são – objetos de cobiça externa.

Mas de qualquer forma, o certo é que, menos de 20 anos depois da descolonização, o Idioma está na iminência de ser expulso de alguns de seus domínios ou de perder posições em outros: em Timor-Leste, por causa da ocupação indonésia; em Macau, pela entrega à China em 1999 da administração do território; em Moçambique, pela influência dos países vizinhos, todos de fala inglesa e onde vivem 3 milhões de moçambicanos; em Angola, pelo extermínio e destruição provocados pela guerra interna; em Guiné-Bissau, pela "invasão" da francofonia e pela predominância dos crioulos locais.

Trata-se, indiscutivelmente, de um revés importante para um vetor da política externa portuguesa e da política externa brasileira. E não é apenas por uma questão de prestígio ou de defesa de raízes históricas e culturais. Nem é para resguardar no

futuro uma aproximação de povos assente na Língua. Mais do que isso. Se amanhã, por azar, os moçambicanos passarem a falar inglês, ou se em Angola o português deixar de ser a "língua oficial", ou se a Guiné-Bissau cair na "zona do franco", é evidente que o projeto de uma Comunidade estruturada pelas linhas da lusofonia desfaz-se de pronto pela raiz.

Encolheremos no mundo. O português deixará de ser a "língua de ligação" entre etnias negras, a "língua de cultura e de acesso" ao Conhecimento científico, a "língua cristã" para aqueles que correm o risco de serem islamizados e de perderem uma das pontes para o futuro.

Dentro deste quadro, parece-nos que nem Portugal nem o Brasil devem manter-se indiferentes. O lançamento, no ano passado, pelo Emb. José Aparecido de Oliveira, do projeto da Comunidade dos Países da Língua Portuguesa, em seqüência à criação do Instituto criado em 1988 em S. Luiz do Maranhão, com o qual se comprometeram todos os Governos, é um motivo para arrancar com algumas iniciativas, que possam, pelo menos estancar o processo de esvaimento do português dos países africanos. Algumas medidas de urgência precisam ser tomadas, mesmo que a "Frelimo" e a "Renamo" ainda discutam a paz; mesmo que os dirigentes do "MPLA" e da "UNITA" pensem em noites de facas longas; mesmo que os franceses façam programas de rádio na Guiné-Bissau ou que em Cabo Verde e S. Tomé os "centros culturais" estejam precisando de meios ou não existam.

A primeira medida consiste em ampliar a cooperação a esses países através do envio de professores e técnicos de ensino, de médicos e enfermeiros, de profissionais e de promotores. O fornecimento dessa mão-de-obra pode ter um "efeito multiplicador" muito positivo e comprometer a "vontade política" dos governos desses países em função do idioma. Claro que se forem os ingleses a mandarem técnicos e professores, livros e discos, revistas e produtos culturais, pouco a pouco forçarão a que tudo se aprende na língua de Shakespeare. O mesmo sucederá com os franceses ou com os castelhanos.

Outra providência será a de se estabelecerem sistemas de ensino à distância e utilizar-se a riqueza do Brasil, em termos de música, de telenovelas, de televisão em geral, para entrar pela África, nas cidades e no interior, com textos em português: na canção, no diálogo, na reportagem, no desporto e assim por diante.

Precisamos de recursos? Sim. Mas serão muito bem aplicados se os utilizarmos para salvar a Língua que é um patrimônio comum. Ficar apenas na retórica não adianta – mesmo porque dentro de poucos anos, se não fizermos nada, os africanos já não entenderão o nosso discurso.

Transcrito de *O Mundo Português* de 1/10/1993

REGISTRO BIBLIOGRÁFICO

O Prof. Edmilson Monteiro Lopes, da Academia Cearense da Língua Portuguesa, acaba de publicar duas *Análise(s) Crítica(s)* do Projeto da Ortografia Unificada da Língua Portuguesa, dois opúsculos, o primeiro de 1991 (31 págs.) e o segundo, de 1993 (17 págs.), na verdade um adendo ao primeiro, ambos editados em Fortaleza. O primeiro trabalho pode ser dividido nas seguintes partes: a) Análise pormenorizada e crítica das XXI Bases do Projeto; b) Os sete países lusófonos; c) A malograda unificação; d) Para que a unificação?; e) Simplificação; d) Prejuízos inúteis; e) O motor do mentor; f) Conclusão. Seguem-se Referências Bibliográficas e Legais. O segundo trabalho se detém particularmente nas "divergências mantidas" no Projeto. Na Conclusão da primeira Análise Crítica se declara que o Projeto é ineficaz, inútil e inconveniente e por isso é contrário à sua aprovação pelo Congresso Nacional.

O trabalho do Prof. Edmilson é sério e contém críticas pertinentes. Infelizmente os autores do Projeto não deram azo a que se manifestassem a respeito as pessoas e entidades competentes, o que teria concorrido para o aperfeiçoamento do Projeto e facilitado a sua aceitação pelos dois países nele mais diretamente interessados. As críticas apresentadas pelo Prof. Edmilson não invalidam, porém, a desejada e necessária unificação ortográfica, tecnicamente possível e de importância capital nesta conturbada metamorfose finissecular, onde os conflitos de cultura se estão sobrepondo aos de ordem puramente material. Esse um ponto crucial que pensamos deve ser repensado pelo Prof. Edmilson.

*

Da autoria da Prof^{te} Sônia Maria van Dijck Lima, da Universidade Federal da Paraíba, recebemos *Gênese de uma poética da transtextualidade*, Editora Universitária da UFPB, João Pessoa, 1933, 378 págs. O trabalho foi originalmente apresentado na Universidade de São Paulo, como tese de doutorado em Letras. Trata-se de um estudo onde a A. recolheu elementos para uma futura edição crítica do romance *Agá*, de escritor pernambucano Hermilo Borba Filho, analisando-os sob fundamentos metodológicos inspirados na moderna crítica genética. São as seguintes as partes do estudo: a) Memória do Autor e do Livro; b) Estabelecimento do Prototexto; c) Fases de Escrita; d) Poética da Transtextualidade; d) Apresentação do Prototexto; e) Conclusão; f) Ilustrações; g) Bibliografias.

É com satisfação que vemos que novos centros de irradiação da cultura se estão multiplicando-se no país, além dos tradicionais focos do Rio e São Paulo, particularmente no âmbito universitário.

*

De Jorge Zahar Editor é *Lisboa Ultramarina*, 1992, que traz o subtítulo "1415-1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses". O livro compõe-se de uma série de estudos, da lavra de vários especialistas, e foi organizado por Michel Chandaigne (o título do original francês é *Lisbonne hors les murs*), com tradução de Lucy Magalhães. Divide-se nas seguintes partes: a) Prólogo; b) Navegar; c) Descobrir; d) Conquistar; e) Anexos. Eis alguns dos colaboradores: Giulia Lanciani, João Rocha Pinto, Almirante Avelino Teixeira da Mota, Jean-Paul Duviols, Guillaume-Thomas Raynal, Raffaella D'Intino, Eduardo Lourenço. Exemplificamos apenas. O estudo introdutório é do Prof. Paul Teyssier, que dispensa apresentações, e tem por título sugestivo *O Século Glorioso*. Pórtico valioso para uma obra de primeira ordem, onde se estudam os feitos da expansão portuguesa nos séculos XV e XVI.

*

Recebemos QUINTO IMPÉRIO, revista editada pelo Gabinete Português de Leitura, da Bahia, número especial comemorativo da III Conferência Ibero-Americana, evento de grande repercussão nacional e internacional, que teve a prestigiá-lo a presença e participação do Governador do Estado, Dr. Antônio Carlos Magalhães. Nesse número colaboraram eminentes intelectuais representativos da cultura luso-brasileira, dentre os quais, a título de exemplificação, citamos: Rosa Virgínia de Matos ("Português brasileiro: raízes e trajetórias"), Fernando Hupsel ("A epopéia dos céus"), Carlos Reis, da Universidade de Coimbra ("Antero e a consciência da poesia"), Agostinho da Silva, atualmente em Lisboa ("Conversa com o ICALP"), Antônio Gomes da Costa ("Gabinete Português de Leitura: 125 anos"). Abre a série de estudos o artigo do Prof. Edivaldo M. Boaventura, da Universidade Federal da Bahia, sobre o tema "Portugal e a comunidade de sentimentos".

Número rico e proveitoso, que bem testemunha a laboriosa e fecunda dedicação do Gabinete Português de Leitura em semear a cultura lusíada no solo pátrio em que primeiro pisaram os navegadores portugueses.

RESENHAS CRÍTICAS

SIMÕES, Manuel (1991). *II Canzoniere di D. Pedro, Conte di Barcelos*. Edizione critica, con introduzione, note e glossario, Roma, Japadre Editore, L'-Aquila, 133 p.

Este é mais um volume da valiosa coleção *Romanica Vulgaria*, dirigida pelo eminente catedrático da Universidade La Sapienza, de Roma, Prof. Dr. Giuseppe Tavani. Nessa coleção, dedicada aos estudos românicos, como desde o título já se anuncia, ocupa a língua portuguesa lugar proeminente.

Neste seu trabalho, edita o prof. Manuel Simões criticamente o corpus poético de D. Pedro de Portugal, composto de quatro cantigas de amor, cinco de escárnio e um sirventês moral. As partes integrantes do livro estão assim ordenadas: a) manuscritos; b) obras impressas citadas em forma abreviada; c) Introdução, desdobrada em: o personagem histórico e a poesia; d) Textos, o corpus poético, precedido de breves informações sobre os critérios da edição; e) Glossário.

O estudo de cada texto obedece à seguinte estrutura: texto crítico, com respectivo aparato; ficha métrico-rítmica; tradução; ficha retórico-estilística; notas. O aparato faz minucioso confronto das variantes dos mss. com o texto fixado e enumera as edições diplomáticas e críticas do cancionero, ainda que parciais. Às notas são de cunho filológico; o valor semântico encontra-se no glossário. Não há intenção de ordem etimológica.

As edições críticas utilizadas são as de Teófilo Braga, José Joaquim Nunes, Corrêa de Oliveira-Saavedra Machado, José Pereira Tavares, Rodrigues Lapa, Pinheiro Torres, Fernando V. Peixoto da Fonseca. Tavares (uma cantiga), Pinheiro Torres (duas cantigas), Oliveira-Machado (uma cantiga) são editores de antologias. A edição das *Cantigas de Escárnio e Maldizer*, de Peixoto da Fonseca, vem citada uma só vez. Rodrigues Lapa é autor consultado para as cantigas de escárnio, das quais preparou, como se sabe, a melhor edição. Lindley Cintra é citado a propósito do sirventês moral, de que faz uma leitura, com base no CV, em sua edição da *Crônica Geral de Espanha de 1344*, vol. I:CLXI.

Os critérios para a edição não discrepam, em essência, dos normalmente adotados. Divergências soem ocorrer, p. ex., quando se trata da representação das vozes nasais, em posição final. Em posição interna, o usual é adotar a norma ortográfica vigente: **m** antes de consoante labial, **n** nos outros casos. Em posição final, Celso Cunha, em Codax, diz:

Não havendo distinção quanto à nasalidade final, que ora é expressa por **m**, ora por **n**, ora por **til**, uniformizamo-la em **-n**, para evitar as grafias **-am** e **-em**, que, hoje, simbolizam respectivamente o ditongo **-ãw** átono e o ditongo **-êy** (ou **-ãy**, em certas regiões de Portugal). (38)

O Prof. Simões assim não procede, pois nos *Criteri*, dá outras indicações, a saber: No tocante à resolução de abreviaturas, esclarece "compendio di nasale = **m** dinanzi a consonante labiale e in fine di parola, **n** negli altri casi"; "dinanzi a labiale ho regularizzato in **m** la nasale, comunque scritta", (item b); "ho rispettato le oscillazioni grafiche esistenti nei codici, tranne... per **m**, che ho passato a **n** in posizione mediana dinanzi a consonante non labiale (e viceversa), lê-se no item d.

Como se vê, não se fala em til e, em posição final, ao contrário de Celso Cunha, prefere **m** (e não **n**). Portanto estão justificadas as grafias **nom**, **razom**, **rem**, **tomam**, **galardom**, **som** e outras semelhantes.

No entanto noto o seguinte: *Cantiga d'Amor* IV, v. 1/73 **Non** (nos mss. **Non** V e (N) on B) mas **nom** passim (v. 4/76); nos mss. **Nõ** em B e em V muito apagado.

Quanto à grafia da final **-em**, não há indicação nos *Criteri*, mas, segundo o texto, cremos que a decisão foi grafar com **-m** final os monossílabos e com **-n** os polissílabos. Temos, p. ex., **bem** (v. 1, etc.), **rem** (v. 14 etc.), **nem** (v. 22 etc.), **quem** (v. 107). Todavia noto oscilações. Assim, na p. 39, está (v. 2) "aquele dia **en** que m'El foy mostrar" e (v. 5) "E o dia **em** que mh-a fez veer".

Os polissílabos anoxítonos em **-em** estão grafados **-en**: **poden** (v. 19), **comen** (v. 106), **saben** (v. 125), **fazen** (v. 177), entre outros. No entanto ocorre **dizem** (v. 93), **fazerem** (v. 161), além do pron. **outrem** (v. 34). Mesmo, quando oxítona, a forma verbal vem grafada com **-en**. Na p. 58, p. ex., **tem** (v. 79) rima com **conven** (v. 82). No Glossário, o A. distingue **sen**, subst. de **sem**, prep. Contudo, nos v. 57 e 124, **sen**, subst. aparece grafado **sem**. Nos *Criteri*, como vimos, o Prof. Simões não fala em til; todavia grafa **ha** (v. 3), **a** (v. 75, 128, 185), **la** (v. 218), **na** (v. 221) nenhuma (v. 224). O indefinido **algum**, na Cantiga I, vem grafado **algun** (v. 23) e **algum** (v. 9), embora no Glossário, na transcrição desta segunda ocorrência, esteja **algun** e não **algum**. Em ambos os mss. o que se lê é **algu**. Por que não usar o critério de Celso Cunha, em *Zorro*, 39: "A nasalidade medial, indicamo-la... por **til**, quando a vogal nasal antecede outra vogal"?

Numa edição da qualidade desta que nos deu o Prof. Manuel Simões, uma revisão dos critérios referentes às vogais nasais seria bem-vinda.

Os textos críticos são apresentados com muito rigor ecdótico e seguro conhecimento da linguagem arcaica. Dão-se as fontes manuscritas, indicam-se as edições diplomáticas, críticas e interpretativas, o aparato se desdobra em duas partes, uma de caráter diplomático e outra de natureza crítica, estuda-se a métrica e a rítmica de cada cantiga, faz-se a tradução para o italiano, vai-se a uma análise retórico-

estilística das cantigas. As notas, substanciosas e pertinentes, são as necessárias e suficientes. Belo modelo de trabalho monográfico no campo da Ecdótica.

A prática dos copistas medievais, no entanto, é bastante imperfeita. Não há critério para união e separação de palavras, as letras e os sinais às vezes se confundem, nem sempre se respeita a disposição dos versos das cobras e as distrações na escrita revelam pena pouco atenta. Daí a necessidade de conjeturas e interpolações. Por isso as edições críticas de textos medievais apresentam, e sempre apresentarão sensíveis divergências.

P. ex., CONORTAR, (por **confortar**) C 1,16. que está em B e V, será uma forma arcaica ou um lapso dos copistas?

Outro exemplo: C III, 14. Em ambos os mss. "seu poder". Contudo a rima com "deu" exige **poder seu**. Por isso os editores tiveram de fazer a inversão: "poder seu". Qual a razão do "erro" dos copistas, pois sem dúvida erro houve?

Em C V, 8, está (V, c 168r) "selhy na terra qui mais morar" (v. 8); ou seja "se lhi na terra qui mais morar". O verso é hipômetro, já que se trata de um decassílabo masculino. Lapa quis consertar o anisossilabismo, lendo [e] na terra. O Prof. Simões preferiu acrescentar uma sílaba e **morar**, que passou a **demorar**. E assim se justifica: "la soluzione più economica sembra quella di emendare **morar** in [de]morar."

Lapso do copista ou aparente hipometria? No ms. se lê muito claramente **morar**. Penso, pois, que aqui é melhor respeitar o texto original. Há, como se sabe, vários casos de hiper- e hipometria nas cantigas trovadorescas e, para cada caso, buscar-se-á uma explicação **ad hoc**.

Veja-se, p. ex., o v. 14 (C VI) do "Sirventese Morale" (p. 67). No ms. (V 168) o que se lê é: "selhis peitar auelodoul o pedir". O segmento **selhis peitar** é o final do verso anterior, transposto para o verso seguinte por falta de espaço na respectiva linha. O verso 14, portanto, octossílabo masculino, reduz-se a "auelodoul o pedir". Cintra (CGE, I, CLXI) leu "avelo á u lho pedir". Lapa (CEM, nº 325) aceitou a leitura de Cintra e assim a apresentou: "avê-lo-á, u lho pedir". Simões também acompanha Cintra, embora reconhecendo não estar a sua leitura plenamente justificada paleograficamente, e nos dá a seguinte forma escrita: "avê-lo [-á] u l[h]o pedir" (pus entre parênteses retos o que no texto está entre parênteses agudos). Realmente, o que significará **auelodoul**? Não admira, pois, que nas apostilas do Prof. Simões compareçam algumas **cruces desperationis**.

Alguns fatos da sintaxe arcaica podem ser destacados. Assim, na C VII, p. 73, v. 1-3: "Um cavaleyro avya / ùa tendo muy fremosa / que, cada que n'ela s'ia, / asaz lh'era saborosa", onde **cada que** equivale a **cada (vez) que, sempre que**.

Em C III, v 12, lê-se: "que de bom prez e sem e parecer" (p. 51) Em **bom prez e sem e parecer** temos um e anafórico, copulativa esta muito do gosto dos trovadores

galego-portugueses. Registro exemplo semelhante em Martin Moya: "ca ssa mesur' e seu muy bon falar / e sseu bon sém e sseu bon parecer / tod' é meu ben;" (Martin Moya, *Le poesie*, ed. a cura di Luciana Stegagno Picchio, Roma, L'Ateneo, 1968, p. 190, XVI, v. 4-6).

Em C VIII, ocorre um caso de infinito flexionado: "Natura das animalhas / ... / é de fazerem crianza" (p. 79). Exemplo interessante, porque confirma a existência dessa forma verbal no galego-português desde a fase mais antiga da língua.

É particularmente grato a um professor do mundo da lusofonia ver o interesse, o gosto, a proficiência com que mestres da área não lusófona, em especial da Itália guardiã da latinidade, têm contribuído para o melhor e mais adentrado conhecimento da língua portuguesa. O Prof. Manuel Simões, com este seu trabalho, vem juntar-se à grei dos notáveis cultores do idioma lusíada, na esteira de um Ângelo Colocci, Ernesto Monaci, Enrico Molteni, Sílvio Pellegrini, Cesare De Lollis, continuados por Luciana Stegagno Picchio, Giuseppe Tavani, Ettore Finazzi-Agrò, Giulia Lanciani, Valeria Bertolucci Pizzorusso, Barbara Spaggiari, Walter Pagani, Saverio Panunzio, Fernanda Toriello. E não tivemos a intenção de ser completos.

No ocaso do século XX, que parece também ser o ocaso de uma civilização é reconfortante verificar que o Humanismo continua vivo e que ele, só ele, poderá permitir a travessia de um mundo que se exaure para um outro que está para irromper das brumas do presente.

Sílvio Elia

GONÇALVES, Elsa (1991). *Poesia de Rei: três notas dionisinas*, Lisboa, Cosmos, 79 p.

1. As três notas dionisinas, isto é, referentes a cantigas de el-rei D. Dinis, são as seguintes: *Tradição manuscrita e isometria, A mula de Joan Bolo e Praga por praga. Tradição manuscrita e isometria* traz o subtítulo "Notas problemáticas acerca da cantiga *Non sei como me salv'a mia senhor*"; *A mula de Joan Bolo* consta da análise de três cantigas: *Joan Bolo jow'en a pousada, De Joan Bol'and'eu maravilhado e Joan Bol'anda mal desbaratado*; *Praga por praga* estuda a cantiga *Disse-m'oj'un cavaleiro*.

Precede as *Três notas dionisinas* uma Apresentação, Siglas e citações abreviadas, e Critérios de edição e de transcrição gráfica. Na parte final, vem um Índice das palavras e expressões comentadas nas notas (que acompanham os textos de cada cantiga).

2. *Non sei como me salv'a mia senhor* é uma cantiga de amor, com refrão, composta de três cobras e uma finda, em decassílabos agudos. Há dois versos hipométricos, dos quais um pertence à finda. A Prof^a Elsa Gonçalves (EG) preferiu manter a hipometria, realmente a melhor opção. Assim justifica a sua decisão para o primeiro verso, linha 15 ("Se mha sa grã ventura nõ val"):

Conjetura por conjetura [as conjeturas a que se refere são as de Lang e Nunes], preferimos conjeturar que a lição originária fosse a que transmitem os três códices e que as nove sílabas contadas se tornassem dez quando o verso fosse interpretado musicalmente. (32)

O verso da finda é o seguinte: "Se o juízo passar assi". Lang, seguido por Nunes, propôs a leitura "E se o juízo". Pondera, contudo, a Prof^a EG:

A semântica do texto também não exige a restituição da copulativa: o teor conclusivo da finda, que, aliás, apresenta uma certa autonomia em relação à última cobra, e o tom exclamativo do último verso resultam até mais fortes, se a oração condicional for introduzida pela conjunção subordinativa. (33)

O esquema rimático é o seguinte: abbacc. A finda, cc, apresenta rima de vogal oral com vogal nasal: **assi-mi**.

Conheciam-se da cantiga dois mss.: o da Biblioteca Nacional (B) e o da Vaticana (V). A esses junta-se agora um terceiro, descoberto em julho de 1990 pelo Prof. Harvey L. Sharrer, da Universidade da Califórnia. Encontrou o professor ao consultar alguns documentos guardados no Arquivo da Torre do Tombo (dá a letra T escolhida pela prof. Elsa Gonçalves). Envolvia, como capa, um conjunto de documentos notariais, o que explica o seu péssimo estado de conservação: buracos, mutilações, apagamentos (22). A editora escolheu a cantiga "Non sei como me salv'a

mia senhor", dentre as sete que se encontram no fólio pergamináceo, por ser a conservada em melhor estado (7). Dos três mss. julga a Prof. E. Gonç. T o mais antigo. E a razão no-la dá na p. 19:

A consulta que dele fizemos em Julho-Agosto de 1991, com a finalidade imediata de fixar criticamente o texto da cantiga **Non sei como me salv'a mia senhor**, e as informações verbais que o Professor Sharrer teve a amabilidade de nos antecipar, não deixam dúvidas de que estamos perante um testemunho antigo, provavelmente contemporâneo de D. Denis.

Esta primeira cantiga teve, pois, o seu texto crítico estabelecido na base do confronto de seus três manuscritos. T poderia ter sido o texto-base, não fora o estado precário em que se encontra. Sobre o texto fixado pela Prof^a Gonçalves, pequenas observações.

1 – V. 3. **ca par deus non ei como massalvar**

Leitura de Lang: **ca par deus non ei como m'a salvar**. Leitura de D. Carolina Michaëlis: **m'assalvar**. Nunes acompanhou a correção a Lang de D. Carolina, mas leu [s]ey por ei, o que a professora EG não aceita, e com razão, pois alteraria o verdadeiro sentido do verso. Leitura da Prof^a E. Gonçalves: **ca, par Deus, non ei como m'assalvar**.

O verbo **salvar-se** tem o sentido jurídico de "justificar-se", "inocentar-se", e então o verso quereria dizer: "porque, por Deus, não tenho como me justificar [perante a mia senhor]". Fica, entretanto, a dificuldade de admitir a existência de um verbo **assalvar**, pelo modelo de outros, como **aguisar**, **acomendar**, **amesurar**.

Submeto, por isso, à competência da Prof^a Elsa Gonçalves uma terceira leitura: **ca par deus non ei como m'a salvar**. Interpretaria nesse caso **a** como **ha**, verbo **haver**, e **a salvar** equivaleria **salvará**. O sujeito passaria a ser a "mia senhor" ofendida e o sentido se tornaria "não hei (não imagino) como a mia senhor me salvará (poderá justificar-me)."

Teríamos de admitir a colocação do auxiliar **haver** antes do verbo principal. Sabemos que o nosso futuro imperfeito é considerado uma criação românica, resultante da fusão do infinitivo do verbo principal com as flexões de **habere**, tipo **cantare habeo** ou **habeo cantare**, construções que têm o seu ponto de partida no próprio latim clássico (**tantum habeo tibi polliceri**, Cic., **Ad Famil.**, I, 5). Depois fixou-se a colocação do tipo **cantare habeo**, com **habere** posposto ao verbo principal, de onde as flexões românicas. Mas, durante algum tempo, não se perdeu de todo a consciência da composição, principalmente em espanhol e, mais particularmente ainda, no português, que até hoje permite a interposição do pronome átono complemento: **ver-te-ei** (e não *verei-te). No ptg. arc. o auxiliar **haver** podia destacar-se do infinitivo e precedê-lo, como nestes exs. que colho em Nunes, **Crest.**, 1943: CIV:

non has tu entrar en ela (Col. Inéd. Port., II, 166) e **ei morte mais d'outra rem desejar** (Wat., nº 210). O uso da preposição deve ser posterior.

Cabe para aqui trazer um verso de Martin Moya, na ed. de Stegagno Picchio, da cantiga nº II, p. 109. É o seguinte: **se lhes há a privança muyt'a durar**. Mas em B e V o que se lê é: "Se lhes ha a privança muito durar". Sta Picchio corrigiu **muyto** para **muyt's** e justifica a alteração dizendo "che non mi rísulta documentata una costruz. del futuro di necessità senza prep." (116). Todavía parece-me sutil essa diferenciação semântica no emprego do futuro. Por isso penso que se pode manter o verso inalterado, entendendo-se **ha durar** como **ha de durar**. O que viria reforçar a minha hipótese de **a salvar** como **a de salvar**.

O 2º verso do refrão está assim em V: "Sen mandado hir ea non vir". E em B: "Sen seu mandado hir ea non vir". Leitura da Profª Elsa Gonçalves: "sen seu mandad'oir e a non vi". No fólio mutilado T, leu também **ir (yr)** a prof. E. Gonçalves.

Apesar do testemunho concordante dos três manuscritos, **vir (uir, uyr)**, a prof. EG optou pela leitura **vi** a fim de rimar com **guareci**. E diz: "É claro que nem a sintaxe, nem o esquema rímico, aconselham o respeito pelo testemunho concorde dos três manuscritos" (30). E, na página seguinte: "Para explicar o erro – ... – podemos pensar num fenómeno mecânico de substituição de uma terminação **i** por atração de outra vizinha **ir (de oir)**". De fato, o que temos nos Cancioneiros é **ir** (grafado **hir**, com **h**) e não **oir**. Contudo a assonância é a mesma. Mas a atração podia ser também acústica, o que justificaria a rima assonância **guareci/vir**. Como quer que seja, penso que o testemunho tríplice deve ser respeitado, por mais **difficilior** que seja a **lectio**.

Note-se que o mal sem perdão cometido pelo trovador, o "torto tão des-comunal", foi ter guarecido longo tempo ("tamanho tempo há") sem qualquer contato com sua senhor; portanto sem **ir** nem **vir** mandado. O que é preciso é casar a sintaxe com a semântica.

Seu **mandado hir** em V por **Sen seu mandado hir**, em B, deve ser realmente um erro de haplografia.

3. As três cantigas de escárnio que têm por centro a figura de Joan Bolo giram em torno dos percalços trazidos à sua vida por causa de uma mula. Ou, para repetir a Profª E. Gonçalves:

na primeira [cantiga], Joan Bolo é acusado de ter roubado uma mula; na segunda, é escarnecido por ter trocado o seu belo rocim por uma mula rebelde; na terceira, é ridicularizado por se ter deixado roubar por um criado, que lhe levou o rocim, deixando-lhe a mula. (37)

Rodrigues Lapa julgou as três cantigas "pilhérias inocentes". Essa opinião tem sido partilhada pelas antologias que acolheram alguns dos referidos textos (37).

Contudo, para a Prof^a Gonçalves, "O caráter jocoso das três cantigas é inegável; mas a inocência do jogo talvez não seja tanto como parece" (38). Em consequência põe as seguintes questões:

A mula que Joan Bolo **tragia negada** seria, de fato, o quadrúpede que os dicionários definem como "filha de burro e égua"? E o rocim de que Joan Bolo **avia gran sabor** seria mesmo um "cavalo pequeno"? Ou não estaremos antes perante uma linguagem figurada em que o tema da mula e do rocim veiculam um sentido translato? (39)

Como sabemos desde a **Arte de trovar**, "cantigas d'escarneo som aquelas que os trovadores fazem querendo dizer mal d'alguen en elas, e dizem lho palavras cubertas que ajam dous entendimentos pera lhe lo entenderem ligeiramente". Aqui, para a Prof^a E. Gonç., o que está "encuberto" é a pederastia de Joan Bolo.

A leitura objetiva do texto realmente não traz dificuldades, e a editora esclareceu o que precisava ser esclarecido. Maestre Reinel era médico, ou melhor, veterinário, ou ambas as coisas. No caso de ser médico, não seria uma insinuação de que **mula** estivesse sendo usado com sentido translato? **Cerro** como variante de **cirro** é interpretação plausível. As correções de Lang aos versos 20-21 são, de fato, bem aceitáveis. Interessante a construção **qual juiz quer** correspondente à atual **qualquer juiz**. Note-se o pl. **quaisquer**.

4. O texto da segunda cantiga, **De Joan Bol'and'eu maravilhado**, em que se satiriza a troca de um rocim **belo e loução** por uma mula **mal manhada**, parece realmente estar entremeadado de segundas intenções.

Pastor, como subst., no sentido de "zagal", como faz Lang, não é de aceitar, mormente achando-se a palavra modificada por um adv. (tão). A Prof^a Elsa atribuiu ao termo o sentido de "jovem" (**tão jovem**, 54, v. 2), no que acompanhou a D. Carolina (**Gloss.**, 64).

Prefere E. G. ligar **ledo** a **pastor** (**ome tan pastor e led**), enquanto **ligeiro** seria epíteto de **cavalgador**. Parece-me, porém, que tanto **ledo** quanto **ligeiro** se prendem a **cavalgador** "e led'e ligeiro cavalgador"; e... e têm o sentido aditivo do francês *et... et*, sem esquecermos o latim.

No ms. o que ocorre é **louçano** rimando com **vilão**. Em **Codax**, s/v SANO, escreve Celso Cunha: "Como **irmana**, **sano** era arcaísmo de emprego exclusivamente poético, pois ao tempo o 'n- já perdera o seu valor fonêmico". Posteriormente, em **Estudos de poética trovadoresca**, ao se ocupar de "Rima de vogal oral com vogal nasal", contestando parecer do Prof. Rodrigues Lapa (que depois preferiu seguir CC.), assim se expressou:

Afigura-se-nos lícito inferir exatamente o contrário, mesmo em relação às vogais tônicas de palavras como **louçana**, **sano**, **pino**,

etc. – tidas como arcaísmos ou adaptações melódicas peculiares ao gênero –, porque, ainda que não possuíssem nasalidade de origem, é de crer que cedo viessem a adquiri-la por influência das formas normais **lauçãa, são, pio**, etc., sempre presentes no espírito dos trovadores, que delas se utilizavam, sistematicamente, nas cantigas de textura erudita e que, vez por outra, a acreditarmos na grafia dos códices, não conseguiam evitá-las nos próprios versos daqueles cantares tradicionais. (1961:189-190)

E, no tocante à conveniência de ser mantido o **-n-** dessas formas na edição de textos arcaicos, dá indicações bibliográficas na nota 1) da p. 190.

Arcaísmo já para a época ou adaptação melódica, não deixa de ser curioso tal emprego. Num momento em que se pretende uma revisão no histórico da nasalização galego-portuguesa, talvez fosse mais indicado manter a grafia **louçano**, acompanhada da respectiva nota explicativa.

O respeito à métrica do verso hipômetro "d'ir dar rocin feit'e corredor" parece-me acertado. A justificação da Prof^ª editora é bastante razoável, sobre ser engenhosa. De fato, há uma pausa maior em **rocin**, vocábulo oxítono, a fechar o 1^º hemistíquio, o que contrabalança a perda da sílaba gramatical.

Quanto ao segundo verso da finda: **Antyr de peça delencaluagado**, como está no ms., mas que a editora lê como **ant'ir de pé, ca d'el encavalgado!**, há o que ponderar.

O **punctum saliens** é a grafia **peça**, com **c** cedilhado. Admitindo-a, argumenta a Prof^ª Elsa Gonçalves, não se produz um sentido aceitável para o texto. Vai daí que "todos os editores entenderam que a cedilha estava a mais" (58). Cortando-a, **peça** se converteria em **pé ca**. Quiçá tenham razão os editores, cuja leitura a professora Elsa perfilhou. Mas, se mantivéssemos a leitura **peça**, não encontraríamos sentido para o verso? Eis o que convém apurar.

Peça é palavra de uso corrente na língua medieval, ainda entre os trovadores. Em texto satírico, faz boa figura. O termo é polissêmico. Do sentido de "pedaço", "parte", "porção", outros se podem deduzir, como o de "pertença", "coisa de". A propriedade está ligada à pessoa: **o meu, o teu**. No período colonial, o escravo negro era muita vez designado como "peça", coisa do seu senhor, e não pessoa. Portanto faz sentido a leitura: "ant'ir de peça dele encavalgado. Mas difícil é conjugar sintaticamente este verso com o anterior, ao qual deve ligar-se pelo sentido. Pode-se, contudo, aplainar a dificuldade, com o seguinte entendimento: "Mui mais queria, besta non avendo, [ficar a pé] / ant'ir de peça dele encavalgado". Por certo o "ficar a pé" é juízo implícito, mas não forçado. Que nos perdoem a ousadia.

5. A última cantiga contra Joan Bolo tem por **incipit Joan Bol'anda mal desbaratado** e conta as desventuras de lhe haver roubado o rocin um criado seu.

Poucas são as notas da autora ao texto, que, realmente, não dá margem a muito comentário. De observar o lapso do copista que, no refrão, repetiu levou, quando devia estar **leixou**, conforme se lê nas outras cobras; "erro de cópia evidente", sublinha a Prof^a EG.

Madre (v.4), no sentido corrente de "mãe", foi termo que perdurou durante toda a fase arcaica da língua. Leite de Vasconcelos diz que, na sua acepção primitiva, só deixou de ser usada "depois dos séc. XV-XVI" (Lições, 1911:88). Nos **Lusíadas**, no sentido atual, só ocorre **mãe** (com várias grafias).

Rapaz tinha normalmente nas cantigas sentido depreciativo, anota a Prof^a Elsa. Entre nós, o que é pena, o seu feminino **rapariga** também é usado com sentido depreciativo. Contudo alguns poetas tentam reabilitar esse belo vocábulo. O feminino de **rapaz** é, para nós, como se sabe, **moça**. E assim o era na fase clássica do idioma. Relembre-se o **Menina e Moça**, de Bernardim Ribeiro. Nos **Lusíadas**, não há **rapaz** nem **rapariga** e sim **moço** e **moça**. P. ex.: "Qual contra a linda moça Policena" (III, 121).

Ar (v. 10), creio estar no sentido de "tampouco", registrado por Nunes, **Crest.**, Gloss.

6. Em **Praga por praga**, trata-se de um praguejador que paga os seus pecados ao ser devorado por uma **chaga** (do lat. **plaga**, divergente de **praga**). A cantiga tem três cobras, em versos heptassilábicos graves, terminadas pelo refrão **Comeo praga por praga**, que a editora interpretou corretamente **come-o** e não **comeu-o**, como fizeram os editores (Lang, Lapa) que a precederam. É uma grande contribuição para o exato entendimento do texto.

Há dois versos hipométricos, o 7 e o 10. Lapa corrigiu o primeiro, suprimindo a copulativa E no início do verso e Lang, no segundo, supôs uma sinalefa entre e o, conj. + pron. Quanto a este segundo caso, Celso Cunha, em **Estudos de poética trovadoresca**, chega à conclusão de que E + vogal, tônica ou átona, não entra em sinalefa com a vogal seguinte. Deparou-se-lhe, contudo, o que lhe pareceu uma exceção:

Nas cantigas de D. Denis, entretanto, há versos que, para se enquadrarem na isometria estrófica, parecem exigir a ditongação do e com a vogal seguinte. (1961:44)

Parecem, diz C. Cunha. E propõe-se a desfazer as sinalefas apontadas por Lang, em sua conhecida edição das cantigas do rei trovador. Finaliza a sua argumentação com estas palavras:

À vista do exposto, é lícito se negue valor comprovativo de uma possível sinalefa da conjunção a exemplos colhidos em versos como **e o que disse, ben o paga / e o coração de my-o fazer** e em outros semelhantes, pois, ainda no século XVI linhas métricas dos tipos (...) valiam como septissílabas. (**ib.**: 48-49)

Quer dizer, os versos seriam mesmo hipermétricos. Contudo optamos pela solução da sinalefa. Em relação ao verso 7, não acompanhamos Lapa na supressão da copulativa; deve-se buscar outra saída, inclusive a da hipermetria.

O verso 9 termina com a palavra **omẽ**. "Todos os editores", comenta a Prof^a E. Gonç., "substituíram a forma nasalada **omẽ** por **ome** por causa da rima com **come** (v. 8) e **fome** (v. 11)". Assim não procedeu a Prof^a Elsa, e fez muito bem, já que, depois da lição de Celso Cunha, sabe-se que, nas cantigas trovadorescas, vogal nasal podia rimar com vogal oral. Note-se, porém, que no ms. o que ocorre é **fame** e não **fome**. Penso tratar-se de forma gráfica tradicional mantida pelo copista. Por que não fazer o mesmo por amor à fidelidade da escrita?

Astroso, explica-nos EG, significa "nascido sob mau astro, desgraçado". Subsiste no composto **desastroso**, que A. G. Cunha dá como entrado na língua no séc. XVIII. Pelo sentido negativo, usual no prefixo, seria de esperar, no composto, sentido contrário ao de **astroso**, ou seja, "feliz, nascido com boa estrela". Todavia continuou o sentido desfavorável. Deve-se, pois, atribuir a **des-** valor intensivo, como se dá em **desinfeliz, desinquieta, desapartar**.

A leitura mais difícil da cantiga é a do verso 11: "ca come erã que a fome". Eis como o viu a Prof^a E. Gonç.: "ca come can que á fome". Isto é, corrigiu **erã** por **cã**, por ser **erã** "erro de cópia evidente" (75). Lang tirou o til e, portanto, passou **erã** para **era** (mas o verso ficou muito alterado, pois assumiu esta forma: "com'era grand'a fame". J.P. Machado viu em **erã** alteração da forma popular **arrã** em vez de **rã** e sugeriu: "como rã que á fome". **Cã, era, rã**, sem dúvida a que tem mais sentido é a leitura da Prof^a Elsa Gonçalves. Mas nenhuma delas satisfaz a lição gráfica do manuscrito. À forma **erã** deve corresponder um monossílabo, por causa da métrica; deve ela pertencer à classe dos substantivos, antecedente do relativo **que**; deve também designar um animal, para emparelhar com **lobo** do v. 17. Mas qual será esse animal? **Rã**? Não consta que seja bicho famélico. **Cã**? Mas como tirar **cã** de **erã**? Não vejo, pois, que a dificuldade tenha sido desfeita.

Há uma tendência na crítica textual no sentido de reduzir ao mínimo a intervenção do editor no texto, o que me parece acertado. D. Carolina, Nunes, Lapa agiram nesse campo com maior liberalidade. Na verdade confiaram em demasia no rigor do método empregado. Mas não há simplificação metodológica que esgote a complexidade do texto escrito. Daí a maior prudência dos editores da hora presente. O que não impede conjecturas e **divinationes**. Afinal é o método que está a serviço da inteligência e não o contrário.

As análises da Prof^a Elsa Gonçalves situam-se nessa linha prudencial e por isso são estimulantes e só merecem aplausos.

Uma nuguinha para terminar: por que **cobla** e **cobra**, por que não uniformizar em **cobra**?

Sílvio Elia

NOTICIÁRIO

A SOCIEDADE BRASILEIRA DE LÍNGUA E LITERATURA (Presidente Prof. Dr. Leodegário de Azevedo Filho) realizou, no período de 26 a 30 de julho último, com pleno êxito, o seu XXV Congresso Brasileiro de Língua e Literatura. Foram realizadas dezesseis sessões: cinco conferências, cinco mesas-redondas, três comunicações, o lançamento do livro *Estudos Universitários de Língua e Literatura*, em homenagem ao Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho. As conferências tiveram como expositores os seguintes professores: Bella Josef: *América Hispânica: Literatura e Integração*; Telênia Hill: *O lugar da arte e as seduções do mundo*; José Clécio Basílio Quesado: *Relações impermanentes: Texto e Espectador no teatro brasileiro*; Sílvio Elia: *Repensando a semântica moderna*; Antônio Sérgio Mendonça: *Bovarismo e paixão em Literatura*. Foram as seguintes as comunicações: Aluizio Ramos Trinta: *Política e Teoria da Comunicação*; Ivany Lessa Baptista de Oliveira: *As experiências de gozo na "Hora da Estrela", de Clarice Lispector*; Maria do Carmo Pandolfo: *Literatura e clima de festa*. As mesas-redondas versaram os seguintes temas: *A poesia de Albano Martins, As reivindicações da mulher no mundo moderno, A arte barroca no Brasil, No centenário de Mário de Andrade: Macunaíma em debate, A obra literária de David Mourão-Ferreira*. Estiveram presentes ao Congresso os escritores portugueses David Mourão-Ferreira e Albano Martins. O primeiro foi homenageado na sessão inaugural, quando recebeu a **Medalha do Mérito Cultural, Oskar Nobiling**, e o segundo foi distinguido com uma mesa-redonda sobre a sua poesia.

*

No dia 10 de setembro, realizou o Liceu Literário Português uma sessão solene comemorativa do 125º aniversário de sua fundação. Presidiu a sessão a Dra. Lila Moraes Sarmento, Vice-Cônsul Gerente de Portugal no Rio de Janeiro. Falou de início o Dr. Edison Chini, Presidente do Liceu Literário Português, que realçou o apoio que, ao longo de sua existência, tem o Liceu recebido da comunidade lusobrasileira, em particular de suas figuras mais representativas. Terminou agradecendo a presença e a solidariedade de quantos ali vieram para se associarem à festividade. O orador oficial foi o Dr. Antônio Gomes da Costa, que pôs em destaque a trajetória ascensional do Liceu, expressada em sua contínua atividade, no passado e no presente, em prol do ensino e da cultura. Traçou também as linhas fundamentais da constante renovação do Liceu, que terá em breve ampliado o seu raio de ação, com a criação de uma Universidade Aberta. A seguir, a Dra. Lila Moraes Sarmento falou encerrando a sessão.

*

De 20 a 30 de setembro, o Prof. Doutor Carlos Reis, da Universidade de Coimbra, realizou, a convite do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, um curso de oito lições sobre **Crítica Textual aplicada a textos modernos**. A aula inaugural, que versou o tema: “A edição das obras de Eça de Queirós: motivações e problemas”, decorreu no salão nobre do Liceu Literário Português.

O curso teve a assistência de vários especialistas e de um público altamente interessado. Os problemas da moderna Crítica Textual foram expostos e debatidos de forma altamente proveitosa para os nossos mestres que se dedicam ao preparo de edições críticas.

O Prof. Doutor Carlos Reis dirige atualmente em Portugal uma equipe que vem elaborando tecnicamente uma edição crítica das obras completas de Eça de Queirós, da qual já nos deu o primeiro volume.

Esteve também recentemente entre nós o Prof. Doutor José Gonçalo Herculano de Carvalho, antigo catedrático da Universidade de Coimbra, convidado para proferir uma conferência em Forum promovido na capital da República. Em sua passagem pelo Rio, onde foi acolhido pelo Liceu Literário Português, participou de uma mesa-redonda, no Instituto de Língua Portuguesa do Liceu, na qual expôs alguns aspectos do trabalho que tem em preparo sobre a obra do lingüista suíço Ferdinand de Saussure, um dos fundadores da Lingüística moderna. Estiveram presentes e participaram dos debates os professores Gladstone Chaves de Melo, Evanildo Bechara, Maximiano de Carvalho e Silva, Sílvio Elia, Luís Martins Monteiro de Barros, Antônio José Chediak, Clemildo Lyra de Arruda e Paulo Rodrigues.

*

A *Fundação Casa de Rui Barbosa* promoveu, de 27 de setembro a 1º de outubro, uma **Semana Mário de Andrade**, comemorativa do centenário do nascimento do saudoso escritor paulista. Foram programadas uma sessão inaugural, com mostra de correspondência e primeiras edições de obras do homenageado, debates entre os intelectuais Rachel de Queiroz, Afonso Romano de Sant’Ana e Moacir Werneck de Castro, palestras e mesas-redondas. Realizaram-se as seguintes palestras: *O modernismo e a década de 20 no Brasil*, por Francisco Iglesias; *Modernismo e Modernidade*, por Sérgio Paulo Rouanet, e *Do Polichinelo ao Arlequim*, por Gilberto Mendonça Teles. A primeira mesa-redonda teve por tema **Meu coração arlequinal** e a participação de Antônio Carlos Secchin, Consuelo Cunha Campos e Mathildes Demétrio dos Santos; a segunda versou sobre *Mário de Andrade e a língua brasileira* e contou com a participação dos professores Adriano da Gama Kury, Marlene Gomes Mendes e Sílvio Elia; da terceira e última, *Ao redor de Mário de Andrade*, participaram Gerardo de Melo Mourão e Leodegário A. de Azevedo Filho.

O acadêmico Ledo Ivo, Presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa, promoveu a reunião, de que foi um dos participantes.

*

Realizou-se em São Paulo, de 27 a 30 de setembro, o **1º Encontro de Centros de Estudos Portugueses do Brasil**, “Balanço do Século XX”, sob a Coordenação da Prof^ª Dra. Maria Helena Ribeiro da Cunha, com o seguinte temário: *O fim do século: idéias em crise?, A língua portuguesa na virada do milênio, Tradição e vanguardas, O diálogo cultural dos textos literários: Brasil, Portugal e África, Artes e História nas culturas de língua portuguesa.*

Especialmente convidados, estiveram presentes os nossos colegas Cleonice Berardinelli, Leodegário A. de Azevedo Filho e Evanildo Bechara. Em virtudes de compromissos que o prenderam ao Rio, não pôde comparecer o Prof. Sílvio Elia.

No próximo ano, o Centro de Estudos Portugueses, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, completará 40 anos de sua fundação.

*

Acaba de ser fundado na Faculdade da Cidade o CENTRO DE ESTUDOS PORTUGUESES, BRASILEIROS E AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA. A iniciativa coube à Prof^ª Annita Scherb Gorodicht, diretoria da referida Faculdade.

Para início de seus trabalhos, promoveu o CENTRO o I COLÓQUIO DE LITERATURA PORTUGUESA MODERNA, que se realizou na sede da Faculdade, Avenida Eptácio Pessoa 1664, Lagoa, nos dias 5, 6 e 7 de outubro. Especialmente convidados, proferiram conferências os professores Arnaldo Saraiva e Óscar Lopes, ambos da Universidade do Porto, Portugal, com depoimentos sobre a Literatura Portuguesa Moderna. Convidados de Honra foram a romancista Rachel de Queiroz e o poeta João Cabral de Melo Neto, membros da Academia Brasileira de Letras. Presidiu a sessão inaugural o Dr. Antônio Gomes da Costa, que dirige a Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e preside o Real Gabinete Português de Leitura. Foram ainda conferencistas a Prof^ª Cleonice Berardinelli (“A moderna poesia portuguesa”), a Prof^ª Marina G. Tosta Paranhos (“O moderno teatro português”), o Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho (“A moderna ficção portuguesa”). Houve ainda uma Mesa-Redonda com a participação dos conferencistas, sob a presidência da Prof^ª Annita Gorodicht, e várias comunicações. A Comissão Organizadora do COLÓQUIO esteve integrada pelos professores Annita Scherb Gorodicht, Cláudia Chaves, Gilda Santos, Leodegário A. de Azevedo Filho e Sílvio Elia.

*

Recebeu o Prof. Dr. Gladstone Chaves de Melo, nosso companheiro de Diretoria do Instituto de Língua Portuguesa, do Liceu Literário Português, no dia 24 de outubro, o título de Doutor **Honoris Causa**, pela Universidade de Coimbra, tendo sido paraninfado pelo Prof. Dr. Carlos Reis, catedrático da mesma Universidade.

O Prof. Gladstone Chaves de Melo é personalidade de alto relevo nos meios culturais brasileiros, onde se tem projetado através de valiosa obra, em particular sobre a língua portuguesa, e no exterior tem sido várias vezes conferencista e participado de numerosos colóquios e congressos de sua especialidade. Foi por duas vezes nosso Adido Cultural em Lisboa, regeu a cátedra de Língua Portuguesa no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, pertence a várias instituições culturais do país, além de muitos outros títulos que lhe enriquecem o currículo. Parabéns, Prof. Gladstone Chaves de Melo! Honra ao mérito!

*

Continua sendo realizada, com pleno êxito, a série de palestras e conferências que o Instituto de Língua Portuguesa, sob a coordenação do Prof. Maximiano de Carvalho e Silva, com a colaboração do Prof. Arnaldo de Figueiredo Magalhães, do Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto, instituições ambas do Liceu Literário Português, vem promovendo, todas as segundas-feiras, com início às 17h, na sede do Liceu, rua Senador Dantas 118, 3º andar, Auditório Dr. Antônio Gomes da Costa. A conferência inaugural coube ao Dr. Antônio Gomes da Costa, Presidente da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, que dissertou sobre o tema “Momentos capitais da história portuguesa”. Seguiram-se as seguintes palestras ou conferências: “Formação Histórica de Portugal”, pelo Prof. Marcos Ribeiro Corrêa; “A época dos Descobrimentos”, pelo Prof. Arnaldo de Figueiredo Guimarães; “Paisagem geográfica e humana de Portugal”, pelo Embaixador Donatello Grieco; “A literatura portuguesa no século XX”, pelo Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho; “Grandes intérpretes da história de Portugal”, pelo Prof. Vicente Tapajós; “Fernando Pessoa e Camões”, pela Profª Cleonice Berardinelli; “A Literatura portuguesa no século XIX”, pelo Prof. Carlos Reis, da Universidade de Coimbra; “A arte em Portugal”, pela Profª Nilza Campello, proferida no dia 04 de outubro. O curso se estenderá até os princípios de dezembro.

COLABORADORES DESTE NÚMERO

ANTONIO GOMES DA COSTA. Presidente da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras e Presidente do Real Gabinete Português de Leitura.

EVANILDO BECHARA. Professor Titular nos cursos de Graduação e Pós-Graduação dos Institutos de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade Federal Fluminense.

MÁRCIA GAMBOA. Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo.

MARLIT BECHARA. Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Professora Assistente de Filologia Românica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

OLMAR GUTERRES DA SILVEIRA. Professor Titular de Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor dos cursos de pós-graduação em Língua Portuguesa e Língua Latina na Universidade Federal Fluminense Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autor de livros e artigos de sua especialidade.

RAMON QUINTELA TORREIRA. Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Adjunto de Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

SÍLVIO ELIA. Professor nos cursos de Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Antigo Catedrático de Latim no Colégio Pedro II e Titular de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.